



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**WILSON JOSE CALDEIRA**

**USO PRONOMINAL DE “A GENTE” NA FALA DE  
PERSONAGENS DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Florianópolis  
2019**



Wilson Jose Caldeira

**USO PRONOMINAL DE “A GENTE” NA FALA DE  
PERSONAGENS DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO**

Dissertação submetida ao Programa de  
Mestrado Profissional em Letras da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Mestre em  
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Caldeira, Wilson Jose  
USO PRONOMINAL DE "A GENTE" NA FALA DE PERSONAGENS  
DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO : CONTRIBUIÇÕES PARA O  
ENSINO / Wilson Jose Caldeira ; orientadora, Edair  
Maria Görski, 2019.  
160 p.

Dissertação (mestrado profissional) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Letras. 2. Variação linguística. 3. Uso de "nós"  
e "a gente". 4. Monteiro Lobato. 5. Ensino de  
gramática. I. Görski, Edair Maria . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em Letras. III. Título.

Wilson Jose Caldeira

**USO PRONOMINAL DE “A GENTE” NA FALA DE  
PERSONAGENS DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Letras” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 11 de março de 2019.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Hammes Rodrigues  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Görski  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Regina Martins Valle  
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



## **CANÇÃO: Contrários**

*Só quem já provou a dor  
Quem sofreu, se amargurou  
Viu a cruz e a vida em tons  
reais  
Quem no certo procurou  
Mas no errado se perdeu  
Precisou saber recomeçar*

*Só quem já perdeu na vida  
sabe o que é ganhar  
Porque encontrou na  
derrota algum motivo pra  
lutar  
E assim viu no outono a  
primavera  
Descobriu que é no conflito  
que a vida faz crescer*

*Que o verso tem reverso  
Que o direito tem um avesso  
Que o de graça tem seu  
preço  
Que a vida tem contrários  
E a saudade é um lugar  
Que só chega quem amou  
E o ódio é uma forma tão  
estranha de amar*

*Que o perto tem distâncias  
Que o esquerdo tem direito*

*Que a resposta tem  
pergunta  
E o problema, solução  
E que o amor começa aqui  
No contrário que há em  
mim  
E a sombra só existe quando  
brilha alguma luz.*

*Só quem soube duvidar  
Pôde enfim acreditar  
Viu sem ver e amou sem  
aprisionar  
Quem no pouco se  
encontrou  
Aprendeu multiplicar  
Descobriu o dom de  
eternizar*

*Só quem perdoou na vida  
sabe o que é amar  
Porque aprendeu que o  
amor só é amor  
Se já provou alguma dor  
E assim viu grandeza na  
miséria  
Descobriu que é no limite  
Que o amor pode nascer*

*(Fábio de Melo)*



## AGRADECIMENTOS

Toda conquista, toda vitória, todo êxito passa pelo percurso, por isso, neste momento, é hora de render homenagens e agradecer a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte e contribuíram, cada um à sua maneira, com a realização deste sonho. Por isso, reconhecimentos fazem-se necessários agora:

Antes de mais nada a Deus, pelo dom da vida, por me conceder saúde e fazer com que conseguisse chegar ao final com disposição e sanidade suficientes para a conclusão desta dissertação.

Ao responsável pelo pontapé inicial em minha graduação, professor José de Oliveira Filho, sem cuja ajuda jamais entraria numa universidade, e, por conseguinte, não chegaria até este momento. A ele, meus sinceros votos de gratidão, por todo ensinamento, todo suporte e, principalmente, por me ensinar o quanto o estudo e a educação são pilares importantíssimos para que possamos alçar voos inimagináveis. Muito obrigado!

Aos meus colegas do ProfLetras, por compartilharem comigo os ensinamentos recebidos e pela convivência desses anos. Menção especial às colegas Denise de Moraes Santhiago Mathiola e Ana Balbina Madeira de Oliveira, pelas caronas que me deram até a UFSC, sem as quais não conseguiria terminar as disciplinas, obrigado de coração pela sensibilidade e humanidade.

Aos professores do curso do ProfLetras por transmitirem tanto conhecimento, cada um à sua maneira, e que contribuíram demais para minha formação intelectual.

Às professoras doutoras Carla Regina Martins Valle, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e Sílvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos, por aceitarem fazer parte da banca e darem suas contribuições teórico-metodológicas para a conclusão desta dissertação.

À orientadora, professora doutora Edair Maria Görski, por todo auxílio empenhado, pelo comprometimento em sempre buscar extrair o melhor do trabalho. Faltam-me as palavras para adjetivar o quanto aprendi com suas orientações, além de sua capacidade humana e apaixonante de ensinar. Quero, ainda, agradecer-lá por apresentar-me uma sociolinguística instigadora, capaz de fazer com que queira me aprofundar ainda mais nesta área de pesquisa. Do fundo do coração, muito obrigado por tudo!!

Um agradecimento especial à mulher que esteve ao meu lado durante todo este percurso, minha amada esposa Gigliola Pereira Caldeira. Esta conquista também é sua. Você é a responsável direta pela

conclusão desta etapa! Nós sabemos o quão difícil foi para chegar ao final, muitas vezes, o seu apoio e auxílio foram os responsáveis por fazer com que eu não desistisse. Serei eternamente grato por tudo. Espero que um dia possamos lembrar desses momentos com a sensação de dever cumprido, afinal, sabemos o quanto o apoio, principalmente nas dificuldades, solidifica e amadurece, pois, juntos, somos muito mais fortes!!!

## RESUMO

Esta dissertação investiga o paradigma pronominal do português do Brasil, contemplando a expressão variável da primeira pessoa do plural (P4) mediante o uso alternado dos pronomes **nós** e **a gente**, com atenção especial para a forma inovadora. O *corpus* de análise é constituído a partir de duas obras do escritor pré-modernista Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho* (RN) e *Emília no país da gramática* (EPG). O embasamento teórico-metodológico é da Sociolinguística variacionista e, à luz dessa perspectiva, i) são apresentados conceitos de língua, gramática(s) e norma(s); ii) são examinados alguns manuais de gramática (normativa e descritiva) e livros didáticos, verificando como os autores tratam dos pronomes de P4; iii) são revisados alguns trabalhos acadêmicos que analisam o uso variável desses pronomes, bem como evidenciam o processo de mudança por gramaticalização que caracteriza o uso pronominal de **a gente**; iv) é proposta uma metodologia para levantamento e análise dos dados coletados (**nós**, **-mos**, **nos**, **nosso**, **conosco**, **a gente nominal** e **a gente pronominal**), com controle dos seguintes fatores: função sintática, tipo de referência, personagens e obras. Os resultados gerais apontam que i) **a gente** pronominal é de uso recorrente nas obras, aparecendo na fala de inúmeros personagens sem aparente estigma associado e transitando entre valores de referência genérica e determinada; ii) **a gente** concorre com **nós/-mos** na função de sujeito (uso predominante), mas também em outras funções sintáticas; iii) as formas de **a gente nominal** e **pronominal** apresentam frequência de uso aproximada entre si. Na comparação entre as obras, verificou-se que EPG – publicada posteriormente – apresenta mais **nós** explícito e mais **a gente** pronominal do que RN, resultado que, junto de outros, foi interpretado como indício de que EPG apresenta uma linguagem gramaticalmente mais inovadora. O percurso do trabalho foi acompanhado por reflexões de natureza pedagógica, apresentando-se, ao final, uma proposta didática acerca desse tema, como contribuição à prática docente voltada a alunos do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Uso de “nós” e “a gente”. Monteiro Lobato. Ensino de gramática.



## ABSTRACT

This thesis approaches the paradigm of Brazilian Portuguese pronouns, comprising the variable expression of first person plural subject pronoun (P4) as using alternately the pronouns “**nós**” and “**a gente**” (the latter as an innovative variation of the subject pronoun we) with a special attention to the innovative form. The *corpus* of analysis is formed from two written pieces of work of post-modern writer Monteiro Lobato: “Reinações de Narizinho” (referred to as RN) and “Emília no país da Gramática” (referred to as EPG). The theoretical and methodological basis arises from variationist sociolinguistics, and, from this perspective, i) concepts of language, grammar and norm are presented; ii) a number of grammar manuals (normative and descriptive grammar) and school books are examined, pointing out how these P4 pronouns are referred to by the authors; iii) some academic papers which analyse the variable use of these pronouns and show the process of change through grammaticalization which characterizes the use of “**a gente**” are revised; iv) a methodology is proposed to the collection and analysis of data (as the use of *nós, -mos, nos, nosso, conosco*, the use of “**a gente**” as a noun as pronoun), as the control of the following factors: syntactic functions, reference types, characters and written work. The general results indicate that i) “**a gente**” as a pronoun is frequently used in written work, appearing in spoken language of countless characters without an apparent stigma associated, and moving between generic and determined values of reference; ii) “**a gente**” also competes with **nós/-mos** in subject function (predominant use), but also in other syntactic functions; iii) the use of “**a gente**” as a noun and as a pronoun has also shown frequent use close together. Comparing the written works, EPG – published later – shows more often the use of “**nós**” explicitly and more often “**a gente**” as a pronoun than in RN. Such result, along with other ones, was interpreted as an indicator that EPG has a more grammatically innovative language. The course of this research was followed by a series of reflections on education, which led to the suggestion of new didactics approach on this topic, as a contribution to the education practices towards Elementary School.

**Keywords:** Linguistic variation. The use of “**nós**” and “**a gente**”. Monteiro Lobato. Grammar teaching.



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A distribuição de “nós” e “a gente” em capitais  
brasileiras entre falantes cultos e não-cultos ..... 65

Gráfico 2 – Uso de “a gente” em tempo real de curta duração:  
falantes cultos e não-cultos no Rio de Janeiro ..... 65



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pronomes Pessoais .....	58
Quadro 2 – Pronomes Pessoais .....	59
Quadro 3 – Pronomes Pessoais .....	60
Quadro 4 – Indicadores da 1ª pessoa no português brasileiro .....	60
Quadro 5 – Levantamento feito em livros didáticos sobre o quadro pronominal vigente .....	64
Quadro 6 – Reinações de Narizinho.....	74
Quadro 7 – Emília no país da Gramática .....	75
Quadro 8 – Pequena amostra dos dados coletados em RN e EPG .....	76
Quadro 9 – Etapas previstas para a sequência didática .....	121



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de dados de <b>nós/-mos</b> e de <b>(a) gente</b> em Reinações de Narizinho (RN) e Emília no país da gramática (EPG), de Monteiro Lobato.....	87
Tabela 2 – Distribuição das formas <b>nós</b> (e pronomes combinados) e <b>(a) gente</b> por <b>função sintática</b> , em Reinações de Narizinho .....	89
Tabela 3 – Distribuição das formas pronominais de P4 em que <b>a gente</b> concorre com <b>nós</b> (e pronomes combinados), por <b>função sintática</b> , em Reinações de Narizinho.....	91
Tabela 4 – Distribuição das formas <b>(a) gente</b> por <b>função sintática</b> , em Reinações de Narizinho.....	93
Tabela 5 – Distribuição das formas <b>nós</b> (e pronomes combinados) e <b>(a) gente</b> por <b>personagem</b> , em Reinações de Narizinho.....	98
Tabela 6 – Distribuição das formas <b>nós/-mos</b> e <b>a gente pronominal</b> por <b>personagem</b> , em Reinações de Narizinho.....	100
Tabela 7 – Distribuição das formas <b>nós</b> (e pronomes combinados) e <b>(a) gente</b> por <b>função sintática</b> , em Emília no país da gramática .....	101
Tabela 8 – Distribuição das formas pronominais de P4 em que <b>a gente</b> concorre com <b>nós</b> (e pronomes combinados), por <b>função sintática</b> , em Emília no país da gramática .....	102
Tabela 9 – Distribuição das formas <b>(a) gente</b> por <b>função sintática</b> , em Emília no país da gramática.....	106
Tabela 10 – Distribuição das formas <b>nós</b> (e pronomes combinados) e <b>(a) gente</b> por <b>personagem</b> , em Emília no país da gramática.....	110
Tabela 11 – Distribuição das formas <b>nós/-mos</b> e <b>a gente pronominal</b> por <b>personagem</b> , em Emília no país da gramática.....	111
Tabela 12 – Distribuição da frequência de uso das formas <b>nós/-mos</b> e <b>a gente pronominal</b> por <b>personagem</b> , em <i>Reinações de Narizinho e Emília no país da gramática</i> .....	114



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**EPG** – Emília no país da gramática

**RN** – Reinações de Narizinho

**P2** – Tu e você

**P4** – Nós e A gente (pronominal)

**PB** – Português brasileiro

**ML** – Monteiro Lobato







## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEITUAL .....</b>	<b>33</b>
2.1 LÍNGUA, NORMA E GRAMÁTICA .....	33
2.1.1 Língua .....	34
2.1.2 Norma.....	35
2.1.3 Gramática .....	38
2.2 PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA.....	42
2.2.1 Variação, variável e variantes: ajustando os termos .....	43
2.2.2 Dimensões externa e interna da variação .....	44
2.2.3 Mudança linguística .....	48
2.2.4 Avaliação social das formas variantes.....	49
2.3 A SOCIOLINGÜÍSTICA E A LITERATURA .....	51
<b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: O TRATAMENTO DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> EM GRAMÁTICAS, LIVROS DIDÁTICOS E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS .....</b>	<b>55</b>
3.1 TRATAMENTO DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> EM COMPÊNDIOS GRAMATICAIS .....	55
3.1.1 Gramáticas normativas .....	55
3.1.2 Gramáticas descritivas .....	56
3.2 TRATAMENTO DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> EM LIVROS DIDÁTICOS .....	61
3.3 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE A VARIAÇÃO DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> NO PB .....	62
3.4 <i>NÓS/A GENTE</i> E A CONCORDÂNCIA VERBAL NO ÂMBITO ESCOLAR .....	66
3.5 O PERCURSO HISTÓRICO DE <i>A GENTE</i> NO PB .....	67
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>71</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA .....	71

4.2 PEQUENA AMOSTRA DOS DADOS .....	76
4.3 OBJETIVOS E HIPÓTESES .....	78
4.4 GRUPOS DE FATORES CONTROLADOS .....	80
4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	85
4.6 SOBRE A PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA .....	86
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>87</b>
5.1 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS EM REINAÇÕES DE NARIZINHO (RN) .....	89
5.2 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS EM EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA (EPG) .....	101
5.3 DISCUSSÃO COM VISTAS AO ENSINO .....	112
<b>6 PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA .....</b>	<b>119</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>129</b>
<b>8 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>141</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação, projetada a partir da disciplina *Gramática, variação e ensino*, do PROFLETRAS/UFSC, aborda, em linhas gerais, normas linguísticas e gramáticas (no plural), usos variáveis e mudanças linguísticas, sob uma perspectiva teórica da sociolinguística variacionista. Particularmente, trata do paradigma pronominal do português do Brasil (PB), mais especificamente da expressão de primeira pessoa do plural (P4)<sup>1</sup>, com foco no pronome **a gente**, usado em alternância com o pronome **nós**. Pretende-se analisar e descrever o uso variável desses pronomes, na fala de personagens de algumas obras do autor pré-modernista Monteiro Lobato (1882-1948) – autor brasileiro representativo da literatura infanto-juvenil.

A justificativa para o interesse pela área e pelo tema deve-se, basicamente, à minha experiência como docente até ingressar no PROFLETRAS/UFSC. Numa breve retrospectiva do meu percurso pedagógico, destaco os pontos a seguir. Minha graduação foi feita na Universidade Paranaense – Unipar, em 2004. Em 2005, o trabalho docente iniciou-se na cidade Itajaí – SC, em níveis fundamental e médio. A partir de 2006, comecei a lecionar para turmas de pré-vestibulares e cursinhos preparatórios para concurso público, lugares nos quais pude me deparar com formas de ensinar que preconizavam a cultura do “certo” e o do “errado” apenas. Não se percebe nesses âmbitos uma valorização do uso e variação da língua. No ano de 2008, concluí a especialização – *latu sensu* – em educação, cuja área de estudo são os Pressupostos da Educação Básica, com ênfase na educação de jovens e adultos.

Durante os anos de 2011 a 2015, o trabalho docente desenvolveu-se no Serviço Nacional de Aprendizagem – SENAI, atuando como professor dos cursos técnicos, lecionando a disciplina de Comunicação oral e escrita. Até que, no final do ano de 2016, fui aprovado para o mestrado profissional em Letras através programa PROFLETRAS do governo federal, onde pude, de fato, ter a oportunidade de aprofundamento em diversas áreas que, até então, tinha estudado superficialmente, como por exemplo a sociolinguística. Um olhar analítico sobre concepções de norma, gramática, uso e variação/mudança fez com que pudesse despertar um novo horizonte a ser explorado para que minha prática docente reconfigurasse as rotas até então traçadas.

---

<sup>1</sup> Usamos a notação P4 para designar a primeira pessoa do plural, conforme utilizado nos trabalhos de Mattoso Câmara Jr. Assim, P1 = eu; P2 = tu/você; P3 = ele/ela; P4 = nós/a gente; P5 = vós/vocês; P6 = eles.

Na realidade escolar, diante da “regulamentação” promovida pela inflexibilidade da norma-padrão<sup>2</sup> em confronto com o uso efetivo da língua, professores e alunos ficam, por vezes, perdidos no emaranhado de regras gramaticais que não se coadunam com o uso. Um desses usos, presente no comportamento linguístico dos sujeitos, seja na fala seja na escrita, e que precisa ser abordado em sala de aula, é a variação pronominal, especialmente o uso alternado de **nós** e **a gente**. Nesse sentido, o exame da obra de Monteiro Lobato, aqui proposto, não só trará evidências já do início do século XX que abonam o uso de **a gente** como pronome pessoal, como também possibilitará sugerir alguns encaminhamentos de ordem didático-pedagógica para o tratamento desse fenômeno.

Ressalte-se que a escola deve permitir o contato com reais situações de uso da língua, (i) proporcionando reflexões sem apresentar regras que tratem a língua como imutável, mas como heterogênea e adaptável a diferentes situações de interação; e (ii) oferecendo condições para que os estudantes desenvolvam sua capacidade de interação em diferentes contextos sociocomunicativos.

No caso do fenômeno variável em tela, reconhecidamente, o pronome **a gente** é utilizado nas mais diversas situações do cotidiano, nas mais diversas classes sociais e regiões do Brasil. (FARACO; ZILLES, 2015). Apesar disso, é comum encontrarmos várias gramáticas contemporâneas, de vertente tradicional, como as de Terra (1996) e de Lima (1984), por exemplo, que ignoram essa forma em seus quadros de pronomes, e, por conta disso, é também comum vermos professores de língua portuguesa, durante as aulas, ensinarem a seus alunos estritamente o que dizem os livros didáticos e gramáticas normativas a respeito do tema, não contemplando a forma **a gente** como uso pronominal.

Cabe destacar que por não considerar as variações linguísticas que ocorrem na fala, e mesmo na escrita, a grande maioria das gramáticas ditas normativas preocupa-se primordialmente em enaltecer a “consagrada” norma-padrão prescrevendo regras a serem seguidas. O que se pode perceber ao analisar algumas gramáticas de linha tradicional, no que diz respeito às concepções de língua e gramática, não pode ser considerado “[...] uma atitude de despertar uma consciência de que a língua apresenta muitas variedades [...]” (TRAVAGLIA, 2007, p.19.)

Nessa perspectiva, o que é lecionado nas escolas, em relação à gramática, de modo geral não surte efeito prático, já que não há uma relação efetiva entre o que dizem as regras gramaticais e o que se usa nas

---

<sup>2</sup> A noção de “norma-padrão” será discutida adiante (cf. 2.1.2).

interações do dia a dia. Isso faz com que, em muitas situações do ensino e aprendizagem, a língua em uso se distancie daquilo que prescrevem as regras gramaticais, dando a impressão de que língua e gramática sejam coisas distintas, ou, ainda, de que existe *a* língua (tomada de forma homogênea) e *a* gramática (assim, no singular e definida).

Nossa intenção, com este trabalho, é enfatizar que a língua é plural, que varia e muda e que as situações comunicativas em que é utilizada devem ser valorizadas. É também defender que a escola deve proporcionar um maior repertório de recursos linguísticos a fim de que o discente possa dar conta de se comunicar nas mais diversas convenções que a sociedade lhe exige. Nesse sentido, a escola deve explorar usos linguísticos variáveis e apropriados para cada gênero do discurso, em diferentes interações, e, principalmente, não deve dar as costas para a realidade linguística do aluno.

O fenômeno linguístico escolhido para análise – expressão variável de P4 com foco no pronome **a gente** – é de uso corrente tanto na fala como na escrita, como veremos adiante. Conforme já mencionado, os materiais didáticos disponíveis nem sempre inserem **a gente** entre os pronomes pessoais. Essa situação instigou-nos a averiguar como um autor literário cuja obra tenha ampla circulação lida com o fenômeno gramatical em questão há cerca de um século.

Entre as razões de tomarmos como *corpus* de análise uma obra literária produzida na primeira metade do século XX destacam-se: (i) o fato de serem textos escritos para um público infanto-juvenil, que têm ampla divulgação, inclusive com séries na TV (como é o caso do *Sítio do pica-pau amarelo*); e (ii) o fato de aparecer, na fala dos personagens, o uso de **a gente** não só como nome, mas também como pronome pessoal. A época das publicações é um forte indicativo de que a forma já era usada como pronome e, de certo modo, funciona como um aval para tal uso hoje, embora com eventuais restrições de ordem contextual.

Vejam-se alguns dados ilustrativos<sup>3</sup>:

(1) **A gente** importante morava no centro e **a gente** de baixa condição, ou decrépita, morava nos subúrbios. (EPG/2, narrador, p. 12)

---

<sup>3</sup>Os dados são assim identificados: EPG = *Emília no país da gramática*; RN = *Reinações de Narizinho*; o número que segue a barra inclinada corresponde ao capítulo do respectivo livro. Na sequência, vem o personagem que produziu aquela fala: narrador, palavra velha e Narizinho, e assim por diante. Por fim, a página da referida obra.

(2) Mas começaram a aparecer uns Advérbios novos, que caíram no gosto **das gentes** e tomaram o meu lugar. (EPG/2, palavra velha, p. 13)

(3) – Não sei explicar. Só sei que em certos momentos **a gente** muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de **nós**. (RN/8, Narizinho, p. 148)

Observe-se que em (1) **a gente** funciona como sintagma nominal, tendo a palavra “gente” como núcleo. Em (2), **as gentes** também tem valor nominal, tanto que a expressão aparece flexionada no plural, com –s, como os substantivos em geral. Em ambos os casos, tem valor de “a(s) pessoa(s)”. Já em (3), **a gente** funciona como pronome pessoal. Este último dado é bastante interessante, pois flagra o uso variável de **a gente** e **nós** em um mesmo enunciado.

O trecho a seguir, extraído de *Emília no país da gramática* (capítulo 6 – “Na casa dos pronomes”), é bastante ilustrativo no que diz respeito à discussão e análise que pretendemos realizar nesta dissertação.

– Chega de Adjetivos – gritou a menina. – Eu não sei por que, tenho grande simpatia pelos PRONOMES, e queria visitá-los já.

Emília bateu na porta – toque, toque, toque.

Veio abrir o Pronome Eu.

– Entrem, não façam cerimônia.

– E os seus companheiros, os outros Pronomes Pessoais? – perguntou Emília.

– Estão lá dentro, jantando.

À mesa do refeitório achavam-se os Pronomes Tu, Ele, **Nós**, Vós, Eles, Ela e Elas. Esses figurões eram servidos pelos Pronomes OBLÍQUOS, que tinham o pescoço torto e lembravam corcundinhas. Os meninos viram lá o Me, o Mim, o Migo, o **Nos**, o **Nosco**, o Te, o Ti, o Tigo, o Vos, o Vosco, o O, o A, o Lhe, o Se, o Si e o Sigo – dezesseis Pronomes Oblíquos.

Os meninos notaram um fato muito interessante – a **rivalidade entre o Tu e o Você**. O Pronome Você havia entrado do quintal e sentara-se à mesa com toda a brutalidade, empurrando o pobre Pronome Tu do lugarzinho onde ele se achava. Via-se que era um Pronome muito mais moço que Tu, e bastante cheio de si. Tinha ares de dono da casa.

– Que há entre aqueles dois? – perguntou Narizinho. – Parece que são inimigos...

– Sim – explicou o Pronome Eu. – O meu velho irmão **Tu** anda muito aborrecido porque o tal **Você** apareceu e anda a atropelá-lo para lhe tomar o lugar.

– Apareceu como? Onde veio?

– Veio vindo... No começo havia o tratamento Vossa Mercê, dado aos reis unicamente. Depois passou a ser dado aos fidalgos e foi mudando de forma. Ficou uns tempos Vossemecê e depois passou a Vosmecê e finalmente como está hoje – **Você**, entrando a ser aplicado em vez do **Tu**, no tratamento familiar ou caseiro.

– E fora os Pronomes Pessoais não há outros?

– Há sim – disse Eu –, moram aqui na casa ao lado. Uns pobres coitados...

Os meninos despediram-se do Pronome Eu para irem visitar os "coitados" da outra casa... (EPG/6, p. 36-39. Adaptado.)

Pelo menos dois aspectos nos chamam a atenção no excerto: (i) a variação entre os pronomes de P2 *tu* e *você*, o primeiro apresentado como a forma conservadora e o segundo como a forma inovadora, inclusive com um esboço de percurso histórico desde seu uso como forma de tratamento até se firmar como pronome pessoal; (ii) igual atenção não foi dispensada aos pronomes de P4 *nós* e *a gente*, não obstante a) a forma *a gente* ser usada como pronome na obra *Emília no país da gramática*, e também em *Reinações*, como mostram os dados ilustrativos, e b) *a gente* também ter percorrido uma trajetória de mudança na língua portuguesa, no caso, de nome para pronome (cf. seção 3.4).

\*\*\*

Uma vez delimitado e exemplificado o objeto de estudo e apresentada a justificativa para o trabalho, expomos, a seguir, o objetivo e a hipótese geral da pesquisa. Os objetivos e as hipóteses serão retomados e detalhados nos Procedimentos metodológicos.

#### **Objetivo Geral:**

A partir de uma concepção de norma e de gramática que sustente uma abordagem da língua em uso, refletir sobre a variação/mudança como propriedade inerente às línguas, focalizando o uso inovador de **a gente** como P4 no sistema pronominal, e discutir implicações disso para o ensino de gramática, contribuindo para uma “pedagogia da variação”.

#### **Hipótese geral:**

Considerando uma observação preliminar dos dados nas obras, aventamos a hipótese geral de que não haja diferenças significativas entre as obras no que diz respeito ao fenômeno variável investigado e que o pronome **nós** (considerando também a marcação número-pessoal da

desinência –**mos**) seja mais frequente que o pronome **a gente**, e a forma nominal (**a gente** seja mais frequente que a forma pronominal correspondente.

\*\*\*

Na sequência, apresentamos: (i) o enquadramento teórico-conceitual, em que discorreremos sobre a) concepções de língua, norma e gramática; b) a perspectiva sociolinguística, focalizando a questão da variação/mudança e noções associadas; c) a sociolinguística e a literatura; (iii) a revisão bibliográfica, considerando o tratamento dispensado aos pronomes **nós** e **a gente** em compêndios gramaticais (normativos e descritivos) e em livros didáticos, além de apresentar resultados empíricos de estudos linguísticos sobre o fenômeno e o percurso histórico de **a gente** no PB; (iv) os procedimentos metodológicos; (v) a análise e discussão dos resultados; (vi) uma proposta didática; e (vii) as referências bibliográficas.

## 2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEITUAL

Neste capítulo, de natureza teórico-conceitual, discorreremos, inicialmente, sobre (i) *língua, norma e gramática*, apontando a polissemia que envolve tais termos e que é responsável por vários mal-entendidos em torno de diferentes noções que podem estar associadas a eles. A seguir, (ii) a *perspectiva sociolinguística* que ancora a dissertação, enfatizando que a variação/mudança é inerente à língua vista como sistema heterogêneo. Por fim, um tanto distanciado do aporte teórico específico, mas como parte fundamental da contextualização da pesquisa, especialmente no que se refere ao *corpus* de análise, discorreremos sobre *a sociolinguística e a literatura*.

### 2.1 LÍNGUA, GRAMÁTICA E NORMA

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental do terceiro e quarto ciclos,

[o] domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 19)

No que se refere ao Ensino Médio, uma das principais competências que o estudante deve ter ao finalizar essa etapa é "analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos aos seus contextos, mediante a natureza, função e organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção"

(BRASIL, 2000, p. 8). Podemos estender, de forma relativizada, essas competências também para o Ensino Fundamental.

No entanto, pergunta-se: Por que os alunos saem da escola sem desenvolver as habilidades necessárias acerca do uso da sua língua? Talvez o caminho percorrido pelos educadores esteja contrário ao que realmente deve ocorrer. Será a “gramática” o grande problema? Tentar-se-á, ao longo das próximas seções, esclarecer algumas dessas dúvidas que fazem parte do cotidiano escolar brasileiro.

### 2.1.1 Língua

Não há como falar em ensino de Português sem assumir uma determinada concepção de língua, pois este é o eixo norteador de todo trabalho pedagógico efetuado em sala de aula. A partir disso, os fenômenos linguísticos são percebidos e, conseqüentemente, as aulas planejadas e organizadas.

De modo geral, ao longo dos estudos linguísticos, duas tendências marcaram a percepção dos fatos da linguagem. Sob uma perspectiva estruturalista, Ferdinand de Saussure define língua (*langue*) como um sistema de signos que exprimem ideias; é social, abstrata, psíquica e coletiva, constituída por um conjunto de regras e estrutura que todo indivíduo assimila da comunidade de que faz parte. Já à fala, o autor atribui a característica de individual, instável, dinâmica, passageira. Para ele, através da fala (*parole*), o indivíduo utiliza o código da língua para expressar seu pensamento. (SAUSURRE, 1967. p. 51-57 *apud* SANTANA, 2014, p. 23)

Em contrapartida, uma segunda tendência, trazida pelo Círculo de Bakhtin, afirma que “a língua vive e se forma historicamente na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 220). Nesse sentido, entende-se a linguagem como forma de interação entre os sujeitos da língua, agindo e interagindo com os mais diferentes objetivos, centrada na atuação social.

Sobre tais concepções, Irlandé Antunes afirma:

Evidentemente, essa segunda tendência teórica possibilita uma consideração mais ampla da linguagem e, conseqüentemente, um trabalho pedagógico mais produtivo e relevante. Ou seja, a evidência de que as línguas só existem para promover a interação entre as pessoas, nos leva a

admitir que somente uma concepção interacionista da linguagem, eminentemente funcional e contextualizada, pode de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante. (ANTUNES, 2003, p. 41).

Convergindo com a perspectiva de Irandé Antunes (2003), Geraldi (2012) discorre o seguinte sobre a língua:

A língua é produzida socialmente. Sua produção e reprodução é fato cotidiano localizado no tempo e no espaço da vida dos homens [...] Numa sociedade como a brasileira – que por sua dinâmica econômica e política, divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupos, distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios nas mãos de poucos –, a língua não poderia deixar de ser, entre outras coisas, também a expressão dessa mesma situação. (GERALDI, 2012, p. 14)

Em conformidade com a segunda tendência, torna-se evidente que a língua é heterogênea, um processo resultante de um misto de aspectos históricos, sociais e políticos.

Considerando que a heterogeneidade linguística é sistemática e ordenada, William Labov, opondo-se a Saussure, inaugura na década de 1960 nos Estados Unidos o campo de estudos da sociolinguística variacionista, buscando encontrar padrões sociolinguísticos de uso com base da fala dos informantes. É a partir de uma perspectiva variacionista (cf. seção 2.2) que desenvolvemos a análise proposta nesta dissertação. Sendo heterogênea, a língua está sempre sujeita a variações e mudanças; não pode ser vista e trabalhada, portanto, de maneira uniforme nas escolas. Essa é a concepção de língua assumida neste trabalho.

### **2.1.2 Norma**

Apresentada a concepção de língua assumida nesta dissertação, cabe trazer também um conceito que suscita muitas dúvidas entre os profissionais da educação: norma. O que é norma, afinal? O que a diferencia de língua e de gramática?

Para Carlos Alberto Faraco (2008), é possível conceituar norma como:

[...] determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Nesse sentido, norma se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente ('normal'). (FARACO, 2008, p. 35).

Apesar da definição sugerir uma certa frouxidão, já que utiliza as expressões, “corriqueiro”, “habitual”, Faraco (2008) deixa claro que não há norma sem organização. Mesmo uma pessoa considerada analfabeta (ou mesmo os falantes do chamado português popular) tem uma fala estruturalmente organizada, pois não se fala sem regras de algum tipo. Por isso, não se pode, jamais, falar que no Brasil, e em qualquer parte do mundo, não há regras e normas na língua, pode-se, no máximo, dizer que um grupo de falantes domina ou não domina uma determinada norma.

A definição de Faraco apresentada acima é pautada na ideia de normalidade (o que é usualmente utilizado). Mas há também concepções baseadas na normatividade (o que *tem que ser* usado). A polissemia associada ao termo norma pode ser percebida nas combinações: *norma culta*, *norma-padrão*, *norma gramatical*, *norma curta* (FARACO, 2008). A exposição a seguir acerca dessas normas é baseada nesse autor.

1) *Norma culta*<sup>4</sup>: É a norma chamada comum/*standard* normalmente falada usada por falantes letrados, encontra-se nas situações de maior monitoramento de fala e escrita. Os usos linguísticos dessa norma são socialmente prestigiados, seus falantes<sup>5</sup> são considerados pertencentes a uma variedade superior em relação às variedades populares. Vale destacar que o prestígio atribuído a essa norma não decorre de propriedades gramaticais, ou linguísticas, mas de características extralinguísticas relacionadas a processos sócio-históricos, o que leva algumas variedades a serem socialmente avaliadas positivamente, enquanto outras recebem valoração negativa. Trata-se, pois, de uma variedade.

2) *Norma-padrão*: É uma normatização que serve de “referência supra-regional e transtemporal” (p. 80) para a sociedade. Trata-se de “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada

---

<sup>4</sup> Essa noção de norma culta se aproxima da noção de *normas urbanas de prestígio*, conforme o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

<sup>5</sup> Ao nos referirmos a falantes, estamos nos reportando também àqueles que escrevem.

dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística” (p. 75). Funciona como coerção social, regulando explicitamente os comportamentos dos falantes, em busca de um efeito unificador. Diferentemente da norma culta acima descrita, a norma-padrão não é uma variedade.

E no Brasil? Como se constituiu a norma-padrão?

No Brasil, a codificação da norma-padrão é datada da segunda metade do século XIX. Foi feita por uma elite brasileira, letrada e conservadora, sem levar em conta a norma *culta/comum/standard* do Brasil, mas sim o modelo lusitano de Portugal, valorizado pelos escritores portugueses. Entretanto, é importante enfatizar que a codificação da norma-padrão brasileira, não se deu tanto por imposição dos colonizadores, num esforço de padronização para unificação da língua, mas, sim, por imposição da própria elite brasileira, como um projeto político para combater as variedades mais populares e também as variedades rurais faladas no país. Uma reação ao padrão estabelecido, extremamente artificial e com excessos de lusitanismo, começou com o movimento modernista, no século XX. Alguns gramáticos passam a flexibilizar algumas dessas regras normativas, resultando no que Faraco denomina *norma gramatical contemporânea*.

3) *Norma gramatical contemporânea*: É a norma idealizada por filólogos e gramáticos renomados e codificada, na segunda metade do século XX, em gramáticas e dicionários, buscando flexibilizar a rigidez da norma-padrão e contemplar características do que seria o “conjunto de fenômenos apresentados como cultos/ comuns/ *standard* por esses gramáticos” (p. 81). Faraco (2008) aponta como bons representantes da norma gramatical Rocha Lima, Cunha & Cintra, Bechara, além dos dicionários Aurélio, Houaiss e Luft, alertando para o fato de que são autores e instrumentos que mais recomendam do que prescrevem.

4) *Norma curta*: Trata-se de um “conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e tem impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/*standard*.” (p. 92). É a prática inflexível do certo e errado, que supervaloriza a cultura de erro, constringendo e humilhando as pessoas, e que desconsidera tanto

a norma culta como a norma gramatical, privilegiando a norma-padrão idealizada.<sup>6</sup>

Faraco (2008) salienta que (i) embora a *norma culta* seja a mais próxima da *norma-padrão* (já que os usuários da primeira seriam os supostos idealizadores da segunda), as forças que operam historicamente em prol da variação e da mudança geram um natural distanciamento entre essas normas; (ii) embora os instrumentos normativos contemporâneos registrem alguns usos da norma culta brasileira, e apesar de incontáveis estudos descritivos sistemáticos dessa norma, ainda perdura a condenação, por alguns puristas, de usos que são amplamente difundidos e abonados pela norma gramatical.

Cumprе ressaltar que (i) é à noção de norma culta – uma variedade em uso efetivo – que nos reportamos ao tratar do ensino de gramática (e não à noção de norma-padrão e/ou de norma curta, conforme definidas acima); (ii) a norma culta é plural, pois também é heterogênea, podendo os usos considerados dessa variedade se diferenciarem em termos de graus de formalidade ou em termos de modalidade (falada/escrita). Essa noção de norma converge com a concepção de língua como sistema heterogêneo (cf. 2.1.1).

### 2.1.3 Gramática

Um dos grandes desafios nas aulas de Língua Portuguesa tem sido o ensino da “gramática”, não só por ser alvo de muitas críticas, mas também pela falta de entendimento, por parte dos professores, que acabam não sabendo, de fato, o que deve ser ensinado e considerado para o efetivo progresso do aluno. Dessa forma, julga-se de suma importância que o educador tenha clareza acerca de diferentes concepções de gramática e de que forma seu ensino pode ser produtivo na formação dos estudantes. A partir disso, portanto, o professor poderá organizar suas aulas de maneira mais adequada e segura.

---

<sup>6</sup> Segundo Faraco (2008), um dos maiores defensores da norma curta é Napoleão Mendes de Almeida, que trata as pessoas que fogem da norma-padrão, como delinquentes da língua” ou “quadrilha de dilapidadores do idioma. Vale apontar que muitos cursos pré-vestibulares, questões de concursos públicos levam em consideração a norma curta na hora da elaboração de suas apostilas ou elaboração de questões de prova do concurso, por não levar em consideração a realidade linguística, mesmo aquela correspondente aos falantes mais letrados, em situações mais monitoradas.

Sendo assim, seguem as concepções de “gramática” abordadas por Possenti (1996), Travaglia (2009) e, mais detidamente, a concepção abordada por Franchi (2006).

Para Possenti (1996, p. 65-69) a “gramática” define-se como um conjunto de regras. O autor compreende tal concepção de três maneiras:

- 1) Como conjunto de regras *que devem ser* seguidas: concepção adotada nas gramáticas pedagógicas e livros didáticos, conhecida como *normativa* ou *prescritiva*.
- 2) Conjunto de regras *que são seguidas*: presente no trabalho dos linguistas, que têm o objetivo de *descrever e/ou explicar* as línguas tais como são faladas.
- 3) Conjunto de regras *que o falante da língua domina*: refere-se à gramática internalizada, presente na mente dos falantes, que são capazes de produzir frases ou sequências de palavras de maneira compreensível.

Já Travaglia (2009, p. 33-37) classifica os tipos de gramática conforme a estrutura e funcionamento da língua. Conforme o autor, a *gramática implícita* diz respeito à competência linguística internalizada em todos os seus níveis; a *gramática explícita* apresenta a estrutura e funcionamento da língua, por meio do uso da metalinguagem; a *gramática reflexiva* representa as atividades de observação e reflexão sobre a língua; a *gramática contrastiva* descreve duas línguas ao mesmo tempo; a *gramática geral* compara várias línguas a fim de formular princípios gerais; a *gramática universal* procura descrever e classificar fatos linguísticos universalmente; *gramática histórica e a gramática comparada* visam a descrições diacrônicas.

Finalmente, para Franchi (2006), a gramática classifica-se de três maneiras:

1) *Gramática normativa*: Tem como objetivo ditar regras para “o bom uso da língua”. Configura-se como um conjunto sistemático de normas para bem falar, baseando-se na prática dos que “sabem usar a língua”, como bons escritores, professores e especialistas. Sob tal concepção, falar e escrever bem são habilidades que devem ser desenvolvidas na escola. Além disso, “saber gramática” significa, além do conhecimento das normas, saber usá-las ativamente na produção de textos (critério de beleza).

2) *Gramática descritiva*: É um sistema de noções mediante as quais descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical.

Apesar de parecer mais neutra, o ponto de vista normativo pode introduzir-se na gramática descritiva de dois modos: quem está descrevendo uma língua pode desconsiderar os fatos da linguagem coloquial e popular; o gramático pode reintroduzir os critérios sociais de uso para excluir como não gramaticais todas as expressões que não correspondem a esse “uso consagrado”.

Assim, “saber gramática”, sob tal prisma, significa ser capaz de distinguir, nas expressões de uma língua, as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção, descrevendo com elas sua estrutura interna e avaliando sua gramaticalidade.

3) *Gramática internalizada*: Para este tipo de gramática, todo falante, independente da modalidade de linguagem a que se sirva, possui uma gramática interna (de natureza biológica e psicológica) ou, pelo menos, interioriza já em tenra idade, a partir de suas próprias experiências linguísticas. Apresenta fortemente bases humanistas: todo homem, sejam quais forem suas condições, nasce dotado de uma faculdade da linguagem, como parte de sua própria capacidade e dignidade humana. Assim, o “saber linguístico” corresponde ao que o falante desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica.

Tal concepção reconhece as diferenças entre a modalidade culta escrita e a modalidade coloquial; a existência de princípios e regras tanto em uma como em outra modalidade. Além disso, entende que a escola deve oferecer às crianças instrumentos e atividades que as façam ter acesso às formas linguísticas diferenciadas e operar sobre elas.

Cada uma dessas concepções trazidas por Franchi (2006) apresenta diferenças também em relação à definição de “erro”. Para a *gramática normativa*, toda realização linguística que esteja fora dos padrões estabelecidos como ideais é considerada “errada”. Já para a *gramática descritiva* o “erro” não ocorre sistematicamente na língua, em nenhuma de suas variedades. A construção “a gente vamos”, por exemplo, não é encontrada num estudo descritivo da norma culta falada no Brasil, porém, encontra-se em outras variedades do português brasileiro. Sendo assim, não deve ser considerado “erro”, e sim uma inadequação à norma culta. Na *gramática internalizada*, por sua vez, “erro” também seria o que não ocorre sistematicamente na língua, como em “o homens foi”, que são agramaticais em português. (MENDONÇA, 2012, p.277 e 278).

Muitos especialistas, entre gramáticos e linguistas, tratam sobre o assunto, classificando e conceituando a gramática sob diferentes óticas,

contudo, mesmo diante de diferentes concepções, o que deve ficar claro é que seu ensino é necessário.

[...] os autores são unânimes na defesa do ensino regular e sistemático de gramática, ainda que por razões diferentes: contribui para melhorar a expressão e a capacidade de comunicação (Câmara Jr., Lemle); faz parte da tradição e da cultura nacional (Perini, Câmara Jr., Macambira); é um objeto cientificamente relevante e pode contribuir para a capacitação do raciocínio e da prática científica (Perini, Kato e Lemle). (GERALDI, 1997, p.151)

Sendo assim, percebe-se que o ensino da gramática a serviço da língua é importante, mas deve ser voltado às necessidades do falante. Além disso, as gramáticas são múltiplas, já que as formas de conceber a língua também são, por isso, é impossível que o ensino da Língua Portuguesa se acomode apenas a uma ou outra concepção. Deve haver um ensino que seja também múltiplo e que, principalmente, priorize o ensino da língua, não da gramática por si só.

No caso específico dos pronomes de P4, na revisão da literatura percebe-se que muitos autores de gramáticas apresentam a forma **a gente**, mas não a reconhecem como um uso pronominal já estabelecido na língua. O mesmo ocorre com autores de livros didáticos, sendo que alguns sequer citam o fenômeno em suas obras e inserem apenas a forma **nós** no quadro de pronomes pessoais, por exemplo. (cf. seção 3.3). No entanto, observa-se na fala cotidiana que a alternância no uso dos pronomes **nós** e **a gente** se fazer presente na rotina escolar de alunos e professores. Como veremos adiante, **a gente** pronominal aparece também na escrita dos brasileiros.

\*\*\*

Fechando a seção sobre língua, norma e gramática, assumimos nesta dissertação: (i) uma concepção de língua como sistema heterogêneo, sócio-historicamente situado, portanto sujeito a variações e mudanças, já que os falantes/o grupo social têm papel decisivo nas adaptações que vão sendo feitas na língua para atender a diferentes necessidades do contexto comunicativo imediato e também do contexto mais amplo; (ii) uma concepção de norma como “normalidade”, isto é, definida a partir de padrões de uso efetivo da língua; nesse sentido, lidamos com a noção de normas cultas (ou normas de prestígio), que se distinguem de normas

populares (ou normas não prestigiadas), por critérios sociais e políticos, e não por critérios linguísticos; e (iii) uma concepção de gramática descritiva atrelada à concepção de norma. Assim, a chamada norma culta, por exemplo, se associa um conjunto de regras descritivas (não prescritivas ou proscritivas) que sistematizam os usos atinentes a essa norma. O caráter normativo de uma regra, quando acionado, deve se dar em termos de adequação e nunca em termos do que é certo ou errado.

## 2.2 PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

Em termos amplos, “Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (COELHO et al., 2015, p.12). Bright (1974, p.17) faz uma síntese dessa relação, no trecho: “A tarefa da sociolinguística é [...] demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal de uma ou outra direção”. Em outras palavras, a análise sociolinguística vai se ocupar de descrever os usos alternantes de formas linguísticas, deslindando os diferentes contextos de uso, isto é, os fatores condicionadores, de natureza linguística (internos) e extralinguística (externos), enfatizando especialmente a força desses últimos.

Além do interesse pela variação, a sociolinguística se volta para a mudança linguística, entendendo que toda mudança pressupõe um período de variação entre duas ou mais formas linguísticas, mas que nem toda variação conduz à mudança linguística (COELHO et al., 2015).

Não se pretende, neste trabalho, desenvolver uma pesquisa sociolinguística propriamente dita, buscando identificar padrões probabilísticos de uso em dados de fala, mas olhar para certos usos linguísticos, em amostra escrita específica, com a lente da sociolinguística variacionista. Por essa razão, não vamos nos deter em apresentar o campo em suas especificidades, mas elegemos os conceitos julgados fundamentais para embasar a análise a ser feita e também para entender a revisão da literatura (cf. cap. 3) voltada ao estudo da variação entre **nós** e **a gente** no PB e da mudança de **a gente** ao longo do tempo.

A seguir, tratamos das seguintes noções: variação, variável e variantes; dimensões externa e interna da variação; mudança linguística; e avaliação social das formas. Tais noções são apresentadas com base, principalmente, em Coelho et al., (2015).

### 2.2.1 Variação, variável e variantes: ajustando os termos

Entende-se por *variação linguística*, “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO *et al.*, 2015, p. 17). Considerando o fenômeno, em análise neste estudo, temos duas formas – **nós** e **a gente** – que podem ser usadas num mesmo contexto e com o mesmo significado referencial, isto é, de primeira pessoa do plural (P4). Vejam-se os dados extraídos de uma das obras examinadas:

(4) – Não comece a falar difícil que **nós ficamos** na mesma — observou Emília. (EPG/1, Emília, p. 7)

(5) – Quando **a gente** diz: A menina do nariz arrebitado, aquele A do começo marca, ou individualiza, esta menina que está aqui, esta neta de Dona Benta — e não uma menina qualquer. Tudo já fica muito diferente se **dissermos**: Menina do narizinho arrebitado — sem o A, porque então já não **estaremos** marcando estazinha aqui. O Artigo Um também individualiza. (EPG/7, rinoceronte Quindim, p. 41)

Em (4), “**nós ficamos**” poderia ser substituído por “**a gente fica**”, mantendo-se a mesma referência. Em (5), “**a gente diz**” poderia ser intercambiado por “**nós dizemos**” igualmente sem alteração referencial. A possibilidade de uso alternado fica evidente em (5), com o aparecimento das formas verbais “dissermos” e “estaremos”, que têm a marcação *-mos*, designativa de P4, embora o **nós** não esteja presente. Trata-se, portanto, de um caso de variação linguística na expressão de P4.

Na perspectiva da sociolinguística, “a competência linguística do falante envolve o domínio para lidar com a heterogeneidade do sistema” (COELHO *et al.*, 2015, p. 63). Diz-se que a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”, logo, a língua é vista como um sistema heterogêneo. Enquanto heterogêneo, abriga, inerentemente, variação e mudança; enquanto sistema, envolve regras variáveis (ao lado de regras categóricas). O foco de interesse da área é a variação/mudança linguística, portanto as chamadas regras variáveis.

*Regras variáveis* são aquelas que se aplicam de modo variado. Por exemplo, a realização ou não do sujeito pronominal no PB: em (5), poderíamos dizer “se **nós** dissermos” ou “**nós** já não estaremos”, em alternância com o não preenchimento do sujeito (representado por um morfema zero  $\emptyset$ ). Como a regra morfossintática de realização ou não do

sujeito pronominal é correlacionada diretamente com a marcação redundante de número-pessoa na flexão verbal, pela concordância, o não preenchimento do sujeito não afeta a informação de que se trata de P4, pois tal informação está assegurada no morfema *-mos*. Portanto, a realização material ou não do sujeito pronominal é uma regra variável no PB. E é justamente uma regra variável que direciona o uso alternado das formas de expressão pronominal de P4.

Ao fenômeno linguístico que possui duas ou mais formas de expressão dá-se o nome de *variável linguística*. Portanto, a expressão pronominal de P4 é uma variável linguística no PB. Às formas que se alternam na expressão de um mesmo significado referencial dá-se o nome de *variantes*. Em outras palavras, formas variantes “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Ou seja, “um conjunto de variantes é a “variável linguística”. (TARALLO, 2007, p. 8). Assim, **nós** e **a gente** são duas variantes de uma variável linguística; trata-se de formas coexistentes no paradigma pronominal em referência à primeira pessoa do plural.

Nos estudos sociolinguísticos quantitativos, a palavra “variável” remete também à ideia de “grupo de fatores” condicionadores. Assim, no âmbito estatístico, encontramos as denominações (i) *variável dependente* – para nomear o fenômeno em estudo, ou seja, a variável linguística, conforme definida anteriormente; e (ii) *variáveis independentes* – para identificar os grupos de fatores que influenciam o uso de uma ou de outra forma variante. (GUY; ZILLES, 2007)

Esses grupos de fatores (ou variáveis independentes) podem ser de natureza linguística (interna à língua) ou extralinguística (externa à língua).

## 2.2.2 Dimensões externa e interna da variação

Os fatores externos que comumente caracterizam os tipos de variação são: os *geográficos* (ou regionais, ou diatópicos), os *sociais* (ou diastráticos), os *estilísticos* (ou diafásicos, ou de registro) e os que se referem à *fala* e à *escrita* (ou diamésica, ou entre modalidades). Entende-se por *variação regional* tanto diferenças apresentadas em uma mesma língua falada em diferentes países (ex.: português europeu e português brasileiro), como diferenças linguísticas exibidas em diferentes lugares de um mesmo país (ex.: o falar da Região Nordeste e o da Região Sul; o falar

mineiro e o falar carioca; o falar da zona urbana e o da zona rural)<sup>7</sup>. A variação regional é uma forte marca identitária. (COELHO et al., 2015)

A *variação social* tem a ver com o perfil dos sujeitos. Os principais fatores de estratificação que são correlacionados à variação social são: grau de escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e nível socioeconômico. A estratificação social dos indivíduos é um forte indicador associado à identificação das normas linguísticas (cf. 3.1.2): falantes de estratos socialmente privilegiados costumam ser identificados como aqueles que fazem uso da norma culta da língua. No entanto, deve-se considerar que “[o] efeito de indicadores sociais sobre o perfil sociolinguístico dos falantes não é nada simples” (COELHO et al., 2015, p. 41).

A *variação estilística* está associada aos “diferentes papéis sociais que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas” (COELHO et al., 2015, p. 46). Nesse caso, o falante faz escolhas de recursos linguísticos para adequá-los a demandas contextuais e a suas intenções comunicativas. Em nosso dia a dia, assumimos diferentes papéis sociais a depender de quem seja nosso interlocutor, do ambiente onde estamos, dos tópicos abordados etc., de modo que algumas situações vão exigir uma fala mais monitorada, outras, menos. Assim é que não falamos da mesma forma em todos os contextos:

não falamos com o chefe, no trabalho, da mesma forma como falamos em casa, com os familiares, ou num bar, com os amigos. [...] muitas pessoas não se dão conta de que *é tão* inadequado *usar uma linguagem coloquial em uma situação formal quanto é* inadequado *usar uma fala muito monitorada em um contexto informal*. (COELHO et al., 2015, p. 46, grifos dos autores).

A variação estilística envolve graus de formalidade no registro. Não se trata, no entanto, de uma oposição rígida entre formal e informal:

É mais apropriado pensarmos que existe um *continuum* que perpassa situações de maior ou menor formalidade, correspondendo a registros mais ou menos formais, entre esses dois polos.

---

<sup>7</sup> Vale salientar que, em geral, os livros didáticos, quando tratam de variação, limitam-se a esse tipo de variação, especialmente envolvendo o nível lexical da língua (ex.: *aipim, macaxeira, mandioca*).

Eventualmente, falantes vão apresentar uma escala maior ou menor de possibilidades de registro, dependendo de seu desempenho linguístico. (COELHO et al., 2015, p. 47).

A noção que está envolvida nesse tipo de variação é a de *adequação*, noção que se contrapõe, como já foi apontado, às ideias de “certo” e “errado”.

Cabe, por fim, destacar que os estudos sobre variação estilística vêm sendo ampliados e problematizados em muitas pesquisas ultimamente.

No que tange à variação social e estilística da língua, Labov (2008 [1972], p. 313) diz:

Por “social” entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por “estilística”, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas são incluídas no comportamento “expressivo” – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar representação sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.

Vale apontar que enquanto a variação regional e a variação social dizem respeito ao comportamento linguístico que é influenciado por características que constituem o perfil dos indivíduos e que (algumas delas) se sucedem ao longo de sua vida – onde nasceu e vive; qual o sexo/gênero, qual a idade, qual o nível de escolaridade –, a variação estilística depende de escolha imediata dos falantes, ou seja, é dependente de contexto. A noção de contexto é ampla, podendo envolver a situação imediata que cerca os interlocutores (suas características sociais, o grau de familiaridade etc.), o ambiente, a temática, entre outros aspectos.

Tanto a variação regional como a social e a estilística carregam, em diferentes graus, valores identitários do indivíduo e do grupo social a que pertence.

A variação entre *fala e escrita* corresponde, na verdade, a diferentes modalidades de expressão, envolvendo diferentes tipos de planejamento. Enquanto os textos falados, em geral, vão sendo planejados à medida que vão sendo produzidos em interação face a face, os textos escritos, em geral, são concebidos previamente, podendo ser revisados constantemente ao longo do processo. Por isso, os primeiros costumam ser recheados de hesitações, repetições, reformulações etc., ao passo que os últimos costumam ser mais “bem acabados”.

Em alguns dos tipos de variação apontados nos parágrafos precedentes, aparecem as dicotomias: urbano-rural, formal-informal, escrita-fala. Deve-se, no entanto, ter clareza de que a linguagem não funciona assim de modo polarizado. Bortoni-Ricardo (2005) fala em *continuum* de monitoração estilística (relacionado a formal e informal), atrelando-o a um *continuum* de oralidade-letramento (relacionado a fala e escrita) e um *continuum* rural-urbano (relacionado a popular e culto), destacando o caráter simplista das dicotomias polarizadas.

Vale enfatizar o seguinte:

Não podemos nos esquecer de que o que é tido como típico da fala poderá, com o tempo, assentar-se na escrita. É o caso, por exemplo, da variação entre os pronomes *nós* e *a gente*, com este último admitido em ambiente escolar, num passado não tão distante, unicamente na fala; contudo, é comum o encontrarmos atualmente na modalidade escrita, especialmente em registro menos formal, sendo empregado por pessoas com alto grau de escolaridade. Estudos de variação e mudança atestam isso, por essa razão é que a diversidade, como já ficou evidenciado, é palavra-chave na Sociolinguística, sendo imprescindível para a compreensão da língua como heterogênea e dinâmica. (SIQUEIRA, 2016, p. 63)

Quanto à dimensão externa, fatores relacionados ao perfil dos personagens, por exemplo, podem atuar sobre a escolha de um dos pronomes em detrimento do outro.

Quanto à *dimensão interna da variação*, podemos considerar:

- os níveis linguísticos em que se situam os fenômenos variáveis: fonético-fonológico (ex.: monotongação – *cenoura/cenora*); morfológico (ex.: referência a P4 – *nós/a gente*); morfossintático (ex.: concordância – a gente *saiu/saimos*); sintático (ex.: realização do clítico – eu o encontrei/ eu encontrei *ele*); lexical (ex.: *pandorga/pipa/papagaio*); discursivo (ex.: *ai/então/e;sabe?/entende?*);

- os fatores linguísticos que influenciam a realização da variável, ou seja, o uso de uma ou de outra variante do fenômeno em questão. Entre os fatores linguísticos, temos, por exemplo: a função sintática, a ordem dos constituintes, a animacidade, o contexto precedente e o contexto seguinte etc.

Em relação ao fenômeno investigado, nesta dissertação, função sintática certamente é um fator linguístico relevante, cujo controle permitirá responder à seguinte pergunta: a função sintática influencia (se sim, em que medida) o uso de **nós** ou de **a gente**? Além desse, a referência genérica ou específica e a animacidade, entre outros, também são fatores pertinentes.

### 2.2.3 Mudança linguística

Conforme já mencionado, na perspectiva sociolinguística, a variação sempre precede a mudança linguística, mas nem toda variação leva à mudança. No processo de variação, duas ou mais formas concorrem para o desempenho de uma dada função/significação. Quando uma das formas concorrentes desaparece ou passa a exercer outra função na língua, temos um caso de mudança. A mudança é sempre um processo lento e gradual, podendo levar décadas ou mesmo séculos para ser concluída. Um exemplo claro de mudança é o do pronome “vós”, designando P5. É sabido que, no português atual, esse pronome foi substituído por “vocês”, mantendo-se o “vós”, como uso especializado, apenas em contextos bastante específicos, como certos discursos das esferas jurídica e religiosa. (COELHO et al., 2015).

No caso de **nós** e **a gente**, temos claramente uma situação de variação, que é condicionada por fatores contextuais de ordens diversas (cf. seção 3.3). Não se pode, ainda, falar em mudança efetivada na língua, no sentido de que uma das formas deixou de ser usada. Pode-se, sim, falar em *mudança em curso*, caso haja evidências da influência do fator idade, contexto e sua formalidade também, por exemplo. Se os indivíduos mais jovens preferem uma das variantes (a forma inovadora) e os mais velhos, outra (a forma conservadora), podemos estar diante de uma mudança em andamento na língua.

Do ponto de vista metodológico, há dois tipos de pesquisa, que podem captar: (i) *mudança em tempo aparente* – mediante a observação do comportamento linguístico de diferentes gerações em um mesmo

período de tempo<sup>8</sup>; (ii) *mudança em tempo real* – observada diacronicamente, ao longo do tempo. Enquanto na primeira se tem acesso a dados de fala, na segunda aos dados são acessados através de documentos escritos (a menos que se considere um tempo relativamente curto).

Em se tratando de mudança em tempo real, há dois encaminhamentos metodológicos possíveis: (i) estudo tipo *painel* – coleta amostras de fala de mesmos indivíduos em dois momentos diferentes (com diferença de cerca de 20 anos); e (ii) estudo tipo *tendência* – coleta amostras aleatórias, com outros indivíduos, porém com a estratificação social idêntica à anterior, na mesma comunidade de fala, também relativa a períodos temporais distintos. Esses tipos de coleta de dados permitem avaliar se os fenômenos linguísticos encontram-se estáveis ou em mudança na fala dos indivíduos. (COELHO et al., 2015)

Estudos sociolinguísticos mostram que a variação/mudança aparece, antes, na oralidade para, depois, efetivar-se na escrita. Assim, se num texto escrito datado do início do século XX, já aparecer uma forma que é considerada hoje como inovadora, é porque o uso daquela forma já estava solidificado na língua falada da época. Tal é o caso de **a gente** na obra de Monteiro Lobato.

Em relação especificamente a essa forma, também ocorreu um processo de mudança, chamado de *gramaticalização*: a forma passou, lentamente, pela trajetória de sintagma nominal a pronome pessoal (cf. seção 3.4).

### 2.2.4 Avaliação social das formas variantes

Nosso modo de falar está sempre sujeito a avaliações, envolvendo juízos positivos ou negativos em relação às formas variáveis. A avaliação social é observada no comportamento do grupo: normalmente os indivíduos partilham atitudes em relação à língua, seja para prestigiar ou para estigmatizar certas variantes. Geralmente, tais avaliações não são feitas a partir de critérios linguísticos, mas de critérios sociais, a depender do modo como as formas variantes estejam associadas a grupos de prestígio, ou não, na sociedade. É comum encontrarmos atribuições de juízos de valor associados ao uso de certas variantes, considerando-as

---

<sup>8</sup> O banco de dados linguísticos VARSUL tem o controle de diferentes faixas etárias dos informantes entrevistados, de modo a permitir pesquisa em tempo aparente. Mais detalhes acerca do núcleo de pesquisa VARSUL podem ser conferidos em: <<http://varsul.org.br>>.

“boas” ou “ruins”, ou seja, as formas linguísticas podem receber avaliação positiva ou negativa, o que se estende também a quem utiliza tais formas. (COELHO et al., 2015)

Assim, no que tange ao julgamento que se faz dos falantes, por meio de sua fala, costuma-se encontrar avaliações dos usos linguísticos tendo como referência critérios sociais. A sociedade em geral julga a variação como falta de estudos, falta de conhecimento das regras etc. Além disso, inclusive, muitos estudiosos conservadores taxam construções como, por exemplo, “dois pão”, como formas que “agridem os ouvidos”, propagando a cultura do “certo” e “errado”. Muitos ainda acreditam que formas desse tipo seriam exclusivas da fala de analfabetos ou de pessoas de baixa escolaridade. No entanto, quem de nós, em situações de informalidade, não diria algo como: “As criançaØ chegaram”?

Trata-se, nos casos ilustrados acima, de regras variáveis no PB, que chamam a atenção por envolverem questões de norma, de modalidade e de registro. No caso, as realizações sem a marcação de concordância nominal de número apenas não correspondem à norma culta escrita da língua, nem se adéquam a uma situação formal. No caso do fenômeno que envolve **nós** e **a gente**, é possível encontrar construções como: “a gente estamos atrasados”, ou “a gente tamu atrasado”, ou “a gente estamos atrasado”, e ainda “nós tá atrasado”. Trata-se sempre da aplicação de regras variáveis.

Retomando as reflexões iniciais desta subseção, temos que as noções de prestígio e de estigma na língua estão correlacionadas com uma hierarquização social dos indivíduos e tal hierarquização tem a ver com valores históricos, socioeconômicos e culturais. No caso do *corpus* analisado nesta dissertação – duas obras de Monteiro Lobato datadas da primeira metade do século XX –, a questão da avaliação social das variantes pode estar associada ao perfil sociocultural dos personagens envolvidos nas obras, algo que será considerado na análise.

\*\*\*

Considerando as discussões apresentadas, concluímos que o uso pronominal de **a gente** no PB, que é o foco desta pesquisa, constitui um exemplo de regra variável, pois na fala e na escrita encontramos comumente as expressões **a gente** ou **nós** intercalando-se nos usos linguísticos, especialmente em situações do cotidiano. É fato que o falante deve entender que as escolhas feitas por ele são julgadas favoravelmente ou contrariamente na sociedade, conforme a situação em que são usadas. “A estilos de fala mais formais estão associadas variantes de maior

prestígio e a estilos mais informais, e principalmente ao vernáculo, variantes de menor prestígio” (PAIVA; DUARTE, 2009, p. 146 *apud* AGOSTINHO, 2013). A questão que fica em aberto é: Até que ponto a forma pronominal **a gente** recebe avaliações negativas? Essa questão será retomada na *Revisão bibliográfica*.

### 2.3 SOCIOLINGUÍSTICA E A LITERATURA

Como o objeto de estudo desta dissertação é o uso variável dos pronomes **nós/a gente**, com foco em **a gente**, a partir da fala dos personagens de duas obras literárias de Monteiro Lobato, é importante refletir um pouco sobre a relação entre a literatura e a sociolinguística, pois a primeira, representando ficcionalmente a realidade nos usos linguísticos de seus personagens, é um *corpus* importante para pesquisa sociolinguística, embora o interesse primeiro da área seja pela língua falada.

Como já foi destacado neste capítulo, por considerar o uso da língua em situações reais de comunicação, a sociolinguística contempla a língua como prática social, ou seja, busca analisar a língua dentro do contexto social. De acordo com Preti (1974) *apud* Assunção (2016, p. 49-50), levando em consideração que o texto literário pode ser visto como *corpus* válido para uma pesquisa com bases sociolinguísticas, não se pode desconsiderar a ideia de que alguns escritores “façam questão de incluir, em suas obras, representações muito próximas de uma situação comunicativa real e vinculada a um dado contexto”.

Ainda conforme Preti (1974) *apud* Assunção (2016, p. 50), “há um equilíbrio gerado pela ação das forças opostas diversidade/uniformidade, que se resume nas manifestações criativas de formas individuais de interação”, que vão “de encontro com as determinações prescritivas a fim de nivelar padrões linguísticos”.

Conforme Assunção (2016), tendo como base esse equilíbrio, a literatura, desde suas manifestações primeiras no Brasil em seu sentido clássico, esteve inúmeras vezes unida às forças de nivelamento linguística, isto é, suas publicações prestaram serviço importante à Sociolinguística, no campo da representação do uso da fala, quando seus personagens traduziam o que de fato se usa na língua nas interações.

A renovação estética da literatura moderna no campo formal abriu condições para novos padrões linguísticos. Essas vanguardas literárias se

divulgam mais rapidamente e transcendem das elites intelectuais para um público cada vez maior, tornando-se, repentinamente, modelos para a escrita nas escolas, ao lado das tradicionais. (PRETI, 1974, p. 30 *apud* ASSUNÇÃO, 2016, p. 50)

Fazendo um percurso por algumas das principais escolas literárias, como o Realismo/Naturalismo brasileiro, por exemplo, pode-se perceber uma abertura significativa para representações linguísticas que envolvem a diversidade linguística da sociedade brasileira, através de características ideológicas pautadas na crítica social, em oposição ao idealismo Romantismo da escola literária anterior.

No Realismo-Naturalismo brasileiro, a presença de personagens mais populares, de baixa cultura, oriundos de um meio ambiente mais pobre e menos escolarizado ou dos grandes aglomerados urbanos, levou os prosadores a registrar vocábulos, construções, pronúncias tidos como subpadrões linguísticos, mas expressivos para completar a descrição social dos tipos marginalizados [...]. (PRETI, 2004, p. 119 *apud* ASSUNÇÃO, 2016, p. 51)

Já a literatura pré-modernista, que foi um período de transição para o Modernismo, após o Simbolismo, foi marcada por representar uma radiografia crítica do Brasil, mostrando a luta pela terra, insurreições contra os abusos de autoridades dos donos de terra, relatando seus conflitos e realidades. O Pré-Modernismo brasileiro compreendeu os períodos entre 1910 e 1920 e foi marcado por romper com as características, como por exemplo, do nacionalismo ufanista do romantismo. Também adotava em suas obras inovações que feriam o academicismo, ocorrendo um menor distanciamento entre ficção e realidade.

Em suas obras, os autores evidenciavam a realidade rural brasileira, sem ser de forma idealizada e, na grande maioria das vezes, sempre em tom de denúncia da realidade, ou seja, tinham a intenção de mostrar o Brasil do interior. Nesse contexto, a fim de mostrar o Brasil na sua simplicidade, Monteiro Lobato procura, através de obras ligadas ao público infanto-juvenil, como *Reinações de Narizinho* e *Emília no País*

*da Gramática*, por exemplo, retratar a forma de viver nesse Brasil interiorano.

Diante disso, julgamos bastante pertinente tomar essas obras literárias como *locus* de análise, examinando as falas dos personagens em diferentes interações, à luz de fatores linguísticos e extralinguísticos correlacionados às suas “escolhas”<sup>9</sup>, no que tange ao uso de **a gente** em detrimento de **nós**.

---

<sup>9</sup> A palavra “escolhas” está grafada entre aspas, pois não se trata, de fato, de escolhas dos personagens, mas do autor. Essa questão será discutida no decorrer do trabalho.



### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: O TRATAMENTO DE **NÓS** E **A GENTE** EM GRAMÁTICAS, LIVROS DIDÁTICOS E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Neste capítulo, expomos o tratamento dado a **nós** e **a gente** em alguns compêndios gramaticais (normativos e descritivos) e livros didáticos, bem como resultados de alguns trabalhos empíricos realizados sobre o uso variável desses pronomes<sup>10</sup>, considerando também a questão do ensino de **nós** e **a gente** e respectivas concordâncias verbais. Finalizamos o capítulo apresentando o percurso histórico de **a gente** no PB.

#### 3.1 TRATAMENTO DE **NÓS** E **A GENTE** EM COMPÊNDIOS GRAMATICAI

##### 3.1.1 Gramáticas Normativas

A fim de observar o tratamento dado a **nós** e **a gente** nos compêndios gramaticais, a título de amostragem, analisamos algumas gramáticas normativas: *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (Rocha Lima, 1984), *O curso prático de gramática* (Ernani Terra, 1996), a *Gramática Essencial Ilustrada* – normativa pedagógica – (Luiz Antonio Sacconi, 2004) e, por fim, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Celso Cunha e Lindley Cintra, 2008).

Como já dito na introdução desta dissertação, a forma **a gente** não é citada nas gramáticas de Terra (1996) e de Lima (1986).

A gramática de Luiz Antonio Sacconi (2004) não menciona o termo “a gente” como pronome pessoal, mas há na gramática analisada – em uma seção cujo título é *Principais dúvidas sobre o assunto*– um esclarecimento:

A gente **vê** de tudo ou A gente **vemos** de tudo? “A gente **vemos** de tudo” é linguagem de gente que ainda vive na Idade da Pedra Lascada. Use sempre: A gente **vê**, a gente **tem**, a gente **foi**, a gente **viu**, a gente **irá**, etc. Quem usa o plural, nesse caso, só pode sentir-se confortável junto dos trogloditas...” (SACCONI, 2006, p. 165)

<sup>10</sup> As seções que tratam das gramáticas (normativas e descritivas), dos livros didáticos e de estudos linguísticos foram, preliminarmente, desenvolvidas a partir do trabalho final da disciplina *Gramática, variação e ensino* (2017.2), em parceria com a colega Denise de Moraes Santhiago Mathiola.

Nessa mesma seção, a seguinte questão é levantada: “Mas também não é errado usar a gente? Não. Use **a gente** quando quiser, desde que em substituição a **nós** (A gente foi lá e não encontrou ninguém) e a **eu** (**A gente** se ilude muito na vida).” (SACCONI, 2006, p.165).

Já a gramática de Cunha e Cintra (2008), segundo os autores, procura descrever o português contemporâneo culto baseado na língua utilizada por “escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá” (p. XIV). No capítulo reservado aos pronomes, os autores categorizam o termo “a gente” como fórmula de representação de 1ª pessoa:

“Emprega-se a gente por nós e também por eu no “colóquio normal”.

1) Houve um momento entre nós

Em que a gente não falou. (F. Pessoa, QGP, Nº 270)

2) Não culpes mais o Barbaças, compadre! A gente só queria gastar um bocadito de dinheiro. (F. Namora, TJ, 165)

3) Você não calcula o que é a gente ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. (C. dos Anjos, Dr, 41). (CUNHA e CINTRA, 2008, p.310).

Os autores advertem para o uso “correto” do termo “a gente”, destacando que a concordância deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular conforme os exemplos acima.

Como fechamento desta subseção sobre as gramáticas normativas, é importante destacar que tanto Sacconi como Cunha e Cintra admitem o uso de “a gente” em lugar de “nós”. A ressalva que os autores fazem é em relação à concordância verbal. Além disso, Cunha e Cintra mencionam explicitamente que o uso de “a gente” se dá no “colóquio normal”, ou seja, é associado à informalidade.

### 3.1.2 Gramáticas Descritivas

Observou-se, entre as descritivas, a *Moderna Gramática Brasileira* (Celso Pedro Luft, 1987), a *Gramática de Usos do Português* (Maria Helena de Moura Neves, 2000), a *Gramática Houaiss de Língua Portuguesa* (José Carlos de Azeredo, 2008), a *Gramática do Português Brasileiro* (Ataliba T. de Castilho, 2010), a *Gramática do Português Brasileiro* (Mário A. Perini, 2010), e, finalmente, a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* (Marcos Bagno, 2011).

Moura Neves (2000) propõe-se a oferecer uma descrição do uso efetivo dos itens da língua, compondo uma gramática referencial do português. A autora aborda o termo “a gente” como um sintagma nominal, empregado na linguagem coloquial como um **pronome pessoal** que faz referência à 1ª pessoa do plural:

- 1) Depois *a gente* conversa.
- 2) Que tal *a gente* se encontrar lá na Beira Mar?
- 3) Dizem que *a gente* se habitua a tudo, que é só questão de vontade, ou melhor: de força de vontade. (Referência genérica)
- 4) Nessas horas *a gente* não pensa em nada, perde a cabeça. (MOURA NEVES, 2000, p. 469)

Nos exemplos 3 e 4, verificamos que, por mais que a referência seja genérica, é possível identificar o envolvimento da primeira pessoa no conjunto; é o que faz o sintagma nominal “a gente” diferir dos outros sintagmas nominais que têm referência genérica, principalmente na linguagem coloquial ou popular, como é o caso de *o cara*, *o cidadão*, entre outros. Esses não têm identificação com a classe dos pronomes por apresentarem em seu núcleo do sintagma um substantivo de aplicação generalizada. (NEVES, 2000, p.470).

Castilho (2010) contempla uma descrição do português brasileiro urbano falado, procurando trazer um olhar sobre a estrutura e funcionamento da língua. O linguista categoriza o fenômeno como um dos processos de reorganização apontados no quadro de pronomes pessoais: criação, substituição e alteração de formas pronominais.

Quadro 1: Pronomes pessoais

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
<b>1ª pessoa do singular</b>	Eu	Me, mim, comigo	Eu, <b>a gente</b>	Eu, me, mi, <u>prep.+eu, mim</u>
<b>2ª pessoa do singular</b>	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, ti, contigo, <u>prep.+o</u> senhor, com a senhora	<u>Você/ocê,tu</u>	Você/ocê/cê, te, ti, <u>prep.+você/ocê</u> (= <u>docê,cocê</u> )
<b>3ª pessoa do singular</b>	Ele, ela	O/a, lhe, se, si, consigo	Ele/ei, ela	Ele, ela, lhe <u>prep.+ele/ela</u>
<b>1ª pessoa do plural</b>	Nós	Nos, conosco	<b>A gente</b>	<b>a gente, prep.+ a gente</b>
<b>2ª pessoa do plural</b>	Vós, os senhores, as senhoras	Vos, convosco, <u>prep.+os</u> senhores, as senhoras	<u>Vocês/ocês/cês</u>	<u>Vocês/ocês/cês</u> , <u>prep.+vocês/ocês</u>
<b>3ª pessoa do plural</b>	Eles, elas	Os/as, lhes, s, si, consigo	Eles/eis, elas	Eles/eis, Elas. <u>Prep.+eles/eis,elas</u>

Fonte: Castilho (2010, p.477; grifo nosso).

### O autor esclarece que

os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica porque a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal e na estrutura funcional da sentença. (CASTILHO, 2010, p. 477)

Azeredo (2008, p. 25), por sua vez, reflete sobre o “funcionamento da linguagem verbal no seu triplice papel: (a) de forma de organização do conhecimento (conceptualização e categorização da experiência do mundo), (b) do meio de codificação do conhecimento em enunciados/textos (expressão) e (c) de forma de atuação interpessoal

(comunicação)”. Em relação aos pronomes pessoais, o autor os relaciona às pessoas do discurso, conforme o quadro abaixo.

Quadro 2: Pronomes pessoais

- |  |
|--|
| <p>a) o indivíduo que fala – primeira pessoa do singular (<i>eu</i>),</p> <p>b) o conjunto de indivíduos em que o <i>eu</i> se inclui – primeira pessoa do plural (<i>nós/ a gente</i>),</p> <p>c) o indivíduo ou indivíduos a que o <i>e</i> se dirige – segunda pessoa, do singular ou do plural (<i>tu/vós, você/vocês</i>) e,</p> <p>d) o indivíduo ou coisa a que o <i>eu</i> se refere – terceira pessoa do singular ou do plural (<i>ele/eles</i>).</p> |
|--|

Fonte: Adaptado de Azeredo (2008, p. 175; grifo nosso)

Segundo o autor.

os brasileiros empregam a forma “a gente”, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente de “nós”, seja com um valor genérico/indeterminado (como o de pronome se: não se sabe/ a gente não sabe), seja para referência dêitica situacionalmente identificada. (AZEREDO, 2008, p. 176)

Percebe-se, portanto, que sua análise ora aceita a forma “a gente” como pronome pessoal de primeira pessoa, ora tenta justificar sua colocação, restringindo-a a determinado registro linguístico: fala semiformal e informal.

Perini (2010) busca oferecer uma visão da estrutura e do funcionamento da língua. Porém, não traz o fenômeno em discussão, conforme mostra o quadro abaixo.

Quadro 3: Pronomes pessoais

Forma Reta	Forma Oblíqua
Eu	Me, mim, -migo
Você/tu	Te, (tigo), (ti), (lhe)
Ele/ela	—
Nós	Nos, -nosco
Vocês	—
Eles/elas	—
Reflexivo	Se

Fonte: Perini (2010, p. 115)

Bagno (2011), em sua gramática, descreve o funcionamento do português brasileiro contemporâneo, trazendo uma seção destinada aos “Índices da primeira pessoa”, conforme exposto no seguinte quadro.

Quadro 4: Indicadores da 1ª pessoa no português brasileiro.

Indicadores da 1ª pessoa no português brasileiro									
Sujeito		<u>Obj. Direto</u>		<u>Obj. Indireto</u>		Reflexivo		Complemento Oblíquo	
Sing.	Plural	Sing.	Plural	Sing.	Plural	Sing.	Plural	Sing.	Plural
<b>Eu</b>	Nós	Me	Nos	Me	Nos	Me	Nos	Mim	Nós
<b>Me</b>	A	Eu	Nós	A	A nós	Se		<u>comigo</u>	Conosco
<b>Mim</b>	gente			mim	Para			Eu	A gente
					nós				
				Para	À				
				mim	gente				
				Para	Para				
				eu	a				
					gente				

Fonte: Bagno (2011, p. 743)

O autor reconhece a forma “a gente” junto aos pronomes canônicos na posição de sujeito, objeto indireto e complemento e destaca que, na concorrência entre “nós” e “a gente”, há preferência pelo segundo termo e isso ocorre em contextos menos monitorados. Além disso, revela que na posição de objeto direto e indireto usa-se frequentemente “a gente”. Indica ainda que o complemento oblíquo “conosco” é bem menos usado do que “com a gente”, sobretudo na fala menos monitorada.

Sobre a 1ª pessoa, o que distingue os quadros desses de Bagno (2011) e Castilho (2010) se relaciona também à função de alguns pronomes, ao número e à pessoa. Para Bagno, a função de sujeito (no singular) pode ser exercida por **eu**, **me** e **mim**; para Castilho, essa função pode ser exercida por **a gente**. No plural, os termos de 1ª pessoa que exercem a função de complemento são, para Bagno: **nos**, **nós**, **conosco** e **a gente**; para Castilho: **nos**, **conosco** e **a gente**. (RENNÓ, 2015, p. 35) Grifo nosso.

Finalizando o levantamento, observa-se que Luft (1987) limita-se a repetir a tradição gramatical das gramáticas normativas, no que diz respeito aos pronomes. Não cita o termo “a gente”. Mesmo afirmando que “na observação dos fatos idiomáticos baseou-se no modelo brasileiro da língua portuguesa” (LUFT, 1987, p. 14).

### 3.2 TRATAMENTO DE NÓS E A GENTE EM LIVROS DIDÁTICOS

Foram examinados três livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. *Projeto Teláris de Língua Portuguesa – 6º ano* (Ana Trinconni Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, 2015); *Português Linguagens – 7º ano* (Willian Cereja e Thereza Cochar, 2015); *Tecendo Linguagens – 6º ano* (Tânia Amaral Oliveira, Elisabeth G. de O. Silva, Cícero de O. Silva e Lucy Aparecida Melo Araújo, 2015).

No Projeto Teláris, as autoras não citam a “forma inovadora” no quadro de pronomes, mas classificam “a gente” como pronome pessoal. Afirmam que “a gente” tem sido muito utilizado para substituir “eu” e “nós” na linguagem cotidiana, sobretudo em situações informais, embora a forma possa ser observada, especialmente na língua falada, em situações mais formais. Esclarecem, ainda, que há gramáticas que aconselham

evitar o uso da “forma inovadora” em circunstâncias formais, principalmente na língua escrita. (BORGATTO, BERLIN, MARCHEZI, 2015).

Em *Português Linguagens*, Cereja e Cochar (2015) não citam “a gente” no quadro de pronomes pessoais. Contudo, na seção Semântica e Discurso, os autores apresentam exercícios cuja proposta é levar os alunos a perceberem que o uso da “forma inovadora”, na fala, é alternado com o uso do pronome “nós”, mesmo quando o falante utiliza uma linguagem mais próxima da norma-padrão. Procuram levar ao entendimento de que é possível inferir que o fato de se usar a expressão “a gente” com o verbo na terceira pessoa do singular torna a opção por seu uso mais segura, livrando o falante de algum possível desvio de concordância, como em “nós faz”, “nós leva” etc.

Já em *Tecendo Linguagens*, Oliveira et al. (2015) não citam o termo “a gente” entre os pronomes.

### 3.3 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE A VARIAÇÃO DE *NÓS* E *A GENTE* NO PB

Assim como ocorre em gramáticas e livros didáticos, são vários os estudos linguísticos da academia que se dedicam a estudar a ocorrência de tal fenômeno no PB. Seleccionamos alguns autores que trataram dessa variação, com o intuito de entender de que maneira o fenômeno, de fato, incorpora-se na fala e na escrita dos brasileiros, se é possível considerar que houve efetiva incorporação na língua ou trata-se ainda de um processo de mudança em curso.

No exame de estudos linguísticos sobre **nós** e **a gente**, serão brevemente resenhados dois artigos de Célia Regina dos Santos Lopes: *Variação dos pronomes “nós” e “a gente”*, escrito em parceria com Juliana Segadas Vianna e publicado em 2015; e *O quadro dos pronomes pessoais, descompasso entre pesquisa e ensino*, publicado em 2012.

Lopes (2012) afirma que o pronome “a gente” vem suplantando o pronome “nós” nos últimos trinta anos, tanto na fala quanto na escrita, efetivando-se progressivamente entre falantes cultos e não-cultos.

Constata-se que o termo “a gente” propagou-se das classes menos escolarizadas para as mais escolarizadas e que seu uso como complemento e sujeito é a forma preferida pelos falantes. Além disso, entre a variação “da gente” como adjunto adnominal e o possessivo “nosso”, há predomínio da forma conservadora e suas variantes.

Conforme Lopes (2012), diante dessa realidade, o professor deve apresentar, de maneira paralela, o novo quadro pronominal e a aceitação

das conseqüências geradas pela inserção das novas formas. Deve apresentar o que é “normal”, usual e frequente no português brasileiro, sem perder de vista o que está disponível na nossa literatura, na nossa língua, na nossa história. Para a autora: “Deixar de apresentar aos alunos o atual sistema em toda a sua complexidade é um equívoco, mas não mencionar a existência dos pronomes em desuso seria um equívoco ainda maior. Um saber não anula o outro” (LOPES, 2012, p. 116).

De acordo com Lopes e Vianna (2015), os manuais adotados nas escolas assumem uma postura bastante conservadora e, às vezes, incoerente na apresentação do quadro pronominal, pois a forma “a gente” aparece sempre nos comentários adicionais e não é incluída nos quadros de pronomes. O quadro a seguir ilustra como o fenômeno é pouco abordado em livros didáticos.

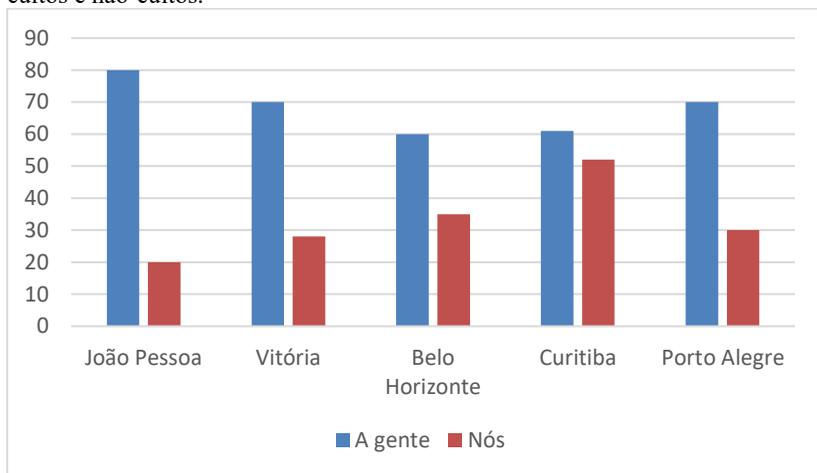
Quadro 5: Levantamento feito em livros didáticos sobre o quadro pronominal vigente

Ensino de Português		Quadro 1	Quadro 2	Informações Adicionais		
Nível	Obras Didáticas por autor	Eu Tu Ele Nós Vós Eles	Eu Tu/Você Ele Nós Vós Eles	Crítica à Mistura do Tratamento	Comentários sobre a gente	Comentários sobre <u>você/vocês</u>
Fundamental	BORGATO <i>et al</i> (2010)	✓		✓	✓	✓
	CEREJA (2010)	✓		✓	✓	✓
	COSTA <i>et al</i> (2010)	✓		✓		✓
	DISCINI; TEIXEIRA (2010)	✓		✓		✓
	SOUZA; CAVÉQUIA (2005)	✓		✓		✓
	DELMANTO CASTRO (2010)	✓	✓ Vós/vocês <sup>2</sup>	✓	✓	✓
Médio	BARRETO (2010, p.35)	✓			✓	✓
	INFANTE (2010, p. 380-383)	✓		✓ (p. 382)	✓ (p. 383)	✓
	CIPRO NETO; ULISSES (2008, p. 280-284)	✓		✓	✓	✓
	FARACO <i>et al</i> (2011, p. 134-142)	✓		✓ (p. 138-139)		✓
	MAIA (2008)		✓		✓	✓
	AMARAL <i>et al</i> (2015, p. )		✓	✓		
	NICOLA (2008, p. 78, 89)	✓ (p. 78)	✓ (p. 89)			
	AUBAURRE <i>et al</i> 2010 [2008]	✓ (p. 348)	✓ (p. 90)		✓	✓

Fonte: Adaptado de Viana e Lopes (205, p. 119)

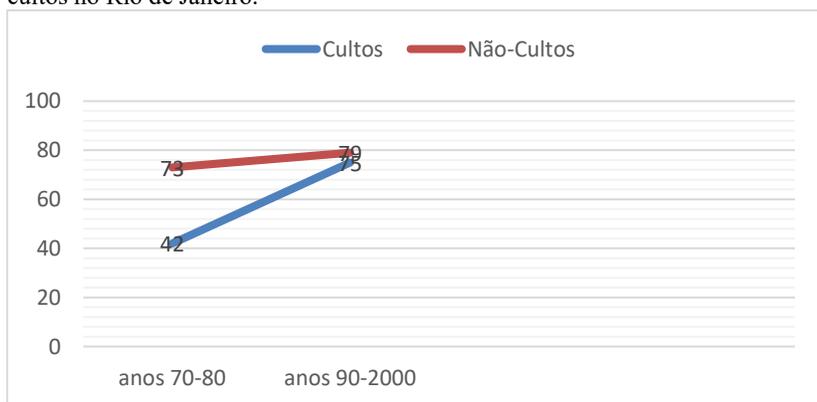
Em contrapartida, os gráficos a seguir mostram como o uso de “a gente” se difundiu entre os falantes do português brasileiro, em diferentes regiões do país, nos últimos anos.

Gráfico 1: A distribuição de **nós** e **a gente** em capitais brasileiras entre falantes cultos e não-cultos.



Fonte: Adaptado de Viana e Lopes (2015, p.132)

Gráfico 2: Uso de **a gente** em tempo real de curta duração: falantes cultos e não-cultos no Rio de Janeiro.



Fonte: Adaptado de Viana e Lopes (2015, p. 132)

Percebe-se que os falantes “cultos” passaram a substituir “nós” por “a gente”. Além disso, o uso de “a gente” generalizou-se na comunidade, em relação às capitais pesquisadas, não sendo um traço

específico de falantes com pouca escolaridade. Sendo assim, não há uma avaliação negativa sobre o uso da forma “a gente”.

Com isso, confirma-se o fato de que “a gente” deve ser considerado um pronome pessoal, diante do uso constante do termo entre os falantes do português brasileiro.

### 3.4 NÓS/A GENTE E A CONCORDÂNCIA VERBAL NO ÂMBITO ESCOLAR

Vários trabalhos já foram realizados sobre o uso variável de **nós** e **a gente** e respectivas concordâncias no âmbito escolar (BRUSTOLIN, 2009; AGOSTINHO, 2013; AGOSTINHO; COELHO, 2015, entre outros). Nesta seção, nos deteremos no trabalho de Agostinho e Coelho (2015), apresentando alguns dos resultados discutidos pelas autoras (a partir do trabalho de Agostinho, 2013), notadamente aqueles voltados ao ensino, embora o foco do trabalho delas seja a concordância verbal.

As autoras analisaram textos narrativos escritos produzidos por alunos dos anos finais do ensino fundamental de duas escolas públicas municipais de Itajaí/SC e também respostas de professores dessas escolas a questionários que abordavam sua prática pedagógica.

Nas produções escritas foram encontrados 1.204 ocorrências de **nós/-mos** (com **nós** preenchido e/ou marcação de P4 na desinência verbal) e 160 ocorrências de **a gente**. Em relação à concordância verbal com o pronome **nós**, houve 6% de não marcação de concordância (ex.: *nós não se cansavaØ*), 4% de marcação **-mo** (ex.: *nós duas fomo*) e 89% de marcação **-mos** (ex.: *nós ficamos comovidas*). Quanto à concordância com **a gente**, foram encontrados 20% de **-mos** (ex.: *a gente se formamos*), 1% de **-mo** (ex.: *gente saímo correndo*) e 78% de **Ø** (ex.: *ajente botou música*).

Chama a atenção nos resultados descritos acima a alta frequência de **nós** em relação a **a gente**. Se considerarmos, porém, que os dados apareceram em textos escritos produzidos na escola, a incidência de **a gente** passa a ser vista como bastante recorrente, especialmente em se tratando dos anos finais do ensino fundamental, quando o paradigma pronominal costuma ser trabalhado. Outro resultado que se destaca é em relação à concordância: 6% de não marcação formal com o pronome **nós** (*nós cansava*) e 21% de marcação com o pronome **a gente** (*a gente se formamos*). Podemos inferir que, se na escrita escolar esse fenômeno aparece, na fala deve ser bem mais frequente.

Quanto aos questionários aplicados aos professores (seis), algumas das perguntas a respeito do ensino da língua focalizavam o uso

de “nós vai” e “a gente fomos” em contexto informal. Um professor indicou esse uso como variação linguística e os demais como erro. Em relação à intervenção do professor, todos eles disseram corrigir se o contexto fosse de fala ou de escrita formal; três afirmaram interferir mesmo em fala ou escrita informal; e dois responderam que não interfeririam em fala ou escrita informal.

Em relação ao uso do pronome **a gente** em lugar de **nós**, cinco professores consideraram aceitável na fala e na escrita informal; desses cinco, dois disseram ser aceitável também na fala formal; um professor considerou aceitável tanto na fala como na escrita em todos os tipos de texto.

Perguntados se trabalhavam o pronome **a gente** com seus alunos, três responderam que sim (quando necessário, mas não como objeto em seu plano de aula) e dois disseram que não. Um desses dois professores afirmou: “Não trabalho, por desconhecer as regras a respeito”. (AGOSTINHO; COELHO, 2015, p. 105).

Por fim, indagados se achavam necessário ensinar ao aluno a existência de mais de uma variedade linguística, todos os professores responderam que sim.

As autoras consideram que “há, ainda, uma forte influência da pedagogia do ‘erro’ no dia a dia dos educadores e certa insegurança para lidar com fenômenos em variação” (AGOSTINHO; COELHO, 2015, p. 109). Salientam que “[f]enômenos variáveis já reconhecidamente descritos e explicados por estudos sociolinguísticos são considerados como ‘erros’ e inadequações” (p. 110) e pontuam que “[o] pronome **a gente**, mesmo com a concordância prototípica (*a gente ... zero*) foi alvo de correção por parte de alguns professores, que fizeram a substituição por **nós**, mesmo em se tratando de um texto narrativo” (p. 110).

### 3.5 O PERCURSO HISTÓRICO DE *A GENTE* NO PB

Analisar a expressão variável de P4 implica naturalmente levantar o percurso histórico da forma **a gente** até a atual situação de equivalência com a forma **nós** no quadro pronominal do PB. Segundo Lopes (2004),

[a] forma *a gente* originou-se de uma expressão nominal, o substantivo *gente* que, ao assumir, em certos contextos discursivos, determinadas propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de uma outra classe/categoria. Trata-se, pois, de um caso de gramaticalização que, grosso modo, ocorre quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens

gramaticais se tornam ainda mais gramaticais. (cf. Traugott & Heine, 1991 e Hopper & Traugott, 1993, Heine, 2003, Castilho, 1997, entre outros). (LOPES, 2004, p. 50).

A gramaticalização é um tipo de mudança linguística. No caso de **a gente**, é o que ocorre quando o nome *gente/gentes* vai mudando seu estatuto categorial passando a desempenhar o papel de pronome na forma fixa *a gente*.

A seguir, resenhamos brevemente o artigo de Ana Maria Zilles, intitulado *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente*, no qual ela discorre acerca do processo de gramaticalização de “a gente” na língua portuguesa. A autora assim define gramaticalização:

[...] entende-se por gramaticalização a mudança linguística por meio da qual ocorre a atribuição de status gramatical a um item lexical previamente autônomo. [...] é um processo linguisticamente motivado e altamente encaixado no sistema linguístico. [...] os fatores decisivos que lhe dão início ou continuidade estão em mudanças simultâneas, que estão ocorrendo ou já ocorreram em subsistemas linguísticos relacionados. (ZILLES, 2007, p. 28)

Zilles chama a atenção para o fato de que há “motivação intrínseca ao processo, pois não é surpreendente que uma palavra como *gente* seja a fonte para essa mudança” (p. 31). Nesse sentido, citando Castilho (1997) e Heine e Kuteva (2002), lembra que “as línguas tendem a ter, como fontes para pronomes indefinidos, nomes genéricos como **homem, povo e pessoa**.”; e reportando-se a Lopes (2001), observa que “a gramaticalização de *a gente* começa com seu uso como pronome indefinido, expressão indeterminada com sentido genérico, no século XVI, em substituição ao uso de *homem/ome*”. (p. 31) Nota-se, pois, que a mudança categorial nome > pronome teve seu início há mais de quatro séculos.

Zilles relaciona o percurso de **a gente** a quatro mecanismos de mudança, nos termos de Heine (2003), a saber:

a) *Dessemantização*: caracteriza-se através da perda de conteúdo semântico.

O substantivo “a gente” perde o traço de povo, mantendo o de pessoa.

b) *Extensão*: é o uso do termo em novos contextos.

Quantitativamente “a gente”, na posição de sujeito da oração, aumenta significativamente dos anos 1970 para os anos 1990.

Qualitativamente, expande-se para novos contextos onde antes não era possível. Passa de uso com referência genérica para referência específica.

c) *Decategorização*: configura-se pela perda das propriedades morfofossintáticas características das formas-fonte.

Ainda de acordo com Zilles (2007), quando se torna pronome indefinido, (i) há fixação da sequência “a gente” e restrições combinatórias: a sequência boa *gente*, por exemplo, não corresponde ao uso como pronome, e sim como substantivo. Já a sequência “*A gente, gaúchos, temos muito orgulho*” não é possível nem com o sentido genérico, nem com o sentido pessoal; (ii) há ocorrência da perda do plural gramatical (*as gentes* não tem significado de primeira pessoa do plural, e sim de as pessoas); e (iii) ocorre ainda a perda do gênero feminino, de modo que o predicativo do pronome *a gente* passa a assumir o gênero do referente. A autora apresenta os seguintes exemplos para ilustrar (ii) e (iii):

Board – Palavra que tem sido usada hoje em dia, tempo de globalização dos mercados, o Terceiro Mundo entregando de bandeja o patrimônio nacional para a grana internacional, essas coisas, e usada no sentido inglês mesmo, de conselho, direção, as gentes que mandam em uma empresa, os chefões. (FICHER, 2004, p.44 apud ZILLES, 2007, p.33)

“*A gente* está muito cínico, assim muito na retaguarda”. (Falante do gênero feminino referindo-se a quem num determinado partido político.)

d) *Erosão*: perda de substância fonética. A forma “a gente” pode ser realizada como *a gente, ahente, a’ente e ‘ente*. Ex.:

[...] amanhã *a’ente* vai lá.

[...] depois *‘ente* pega o ônibus e vai.

Zilles (2007) salienta ainda os seguintes aspectos: “a gente” impera na fala e em várias ocorrências de textos literários e jornalísticos como ensaios políticos e crônicas; ocorre com valor de pronome pessoal pleno em textos de literatura infantil; está em textos publicitários e em correspondência comercial; é abordado em alguns dicionários, como o *Dicionário Eletrônico Houaiss*, por exemplo, que registra equivalência entre “nós” e “a gente”; aparece sob o rótulo de locuções (pessoa que fala = eu/ pessoa que fala em nome de si e de outros = nós). Tais considerações comprovam, portanto, a gramaticalização da forma “a gente”: nome > pronome.

\*\*\*

Concluimos o capítulo, destacando que, em relação às gramáticas, o uso do **a gente** em muitas delas, como no caso das normativas e descritivas, já pode ser visto como alternativa para o **nós**, mesmo apesar de alguns autores o sugerirem em situações de uso específico.

Pudemos perceber também, neste capítulo, que nos livros didáticos analisados para esta dissertação, os autores, aparentemente, não fazem questão de frisar o **a gente**, apenas citando, em alguns casos, sua utilização. Alguns manuais mencionam o **a gente** em comentários em notas de rodapé e não incluído diretamente no quadro dos pronomes.

Os estudos linguísticos focados na pesquisa do **a gente** mostram que são vários os registros que comprovam a força do fenômeno em uso nas últimas décadas, estando presente em todas as classes sociais e, notadamente, no âmbito escolar.

A sensação que ficou é que há ainda um caminho a ser percorrido para que barreiras sejam derrubadas, mas que, sem dúvidas, tem havido um avanço nas publicações tanto de livros didáticos quanto de gramáticas com abordagem mais descritiva, no que tange à classificação do **a gente** como pronome de P4. Provavelmente tais inovações estejam relacionadas com o avanço sistemático nas pesquisas realizadas na área cujos resultados têm sido, cada vez mais, publicamente divulgados.

No que tange ao ensino, alguns dos comentários de professores reportados anteriormente (Seção 3.4) evidenciam a necessidade de se abordar, em instâncias de formação de docentes, as mudanças por que têm passado o paradigma pronominal do português ao longo do tempo.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos (i) o *corpus* analisado, contextualizando, brevemente o autor e a obra; (ii) alguns dados que ilustram diferentes usos dos pronomes de P4; (iii) os objetivos específicos e as respectivas hipóteses; (iv) os grupos de fatores controlados de modo a se poder descrever os contextos de uso dos pronomes e verificar a validade das hipóteses formuladas; (v) os procedimentos de análise; e (vi) o que se pretende esboçar como proposta didático-pedagógica.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Conforme já informado, são examinadas duas obras de Monteiro Lobato (1982-1948) – *Reinações de Narizinho* (RN) e *Emília no país da Gramática* (EPG) –, cuja primeira publicação se deu em 1931 e 1934, respectivamente. Acreditamos que Monteiro Lobato buscava aproximar a linguagem escrita da oralidade, apresentando estruturas sintáticas comuns da fala, porém sem simplesmente transcrever o discurso infantil (ZILBERMAN, 2006, apud MICHELON, 2011).

Mesclando realidade e fantasia, o autor, numa linguagem simples, contemplava as expectativas dos pequenos, estimulando sua imaginação e seu intelecto, “ao apresentar as viagens dos personagens para lugares mágicos, colocando-os em contato com diferentes culturas e auxiliando a criança no conhecimento e no contato com as diferenças entre os seres humanos” (MICHELON, 2011, p. 53).

Antes de focalizarmos as duas obras tomadas como amostra nesta pesquisa, convém fazermos uma apresentação geral das obras do autor

Em 1920, Lobato elabora o conto infantil “A história do peixinho que morreu afogado”. Resolve ampliá-lo e introduz cenas de sua infância, publicando-o em 1921 com o nome de “Narizinho arrebitado”. É o ponto de partida para a criação de uma série de aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde fica o Reino das Águas Claras. Entre seus felizes habitantes, estão Emília, a boneca de pano que diz tudo o que lhe passa na cabeça; o Visconde de Sabugosa, o sábio de espiga de milho; Pedrinho e Narizinho, eternas crianças sempre abertas a tudo; Dona Benta, avó dos meninos, contadora de histórias que aceita a imaginação das crianças e admite as novidades que

mudam o mundo; Nastácia, a empregada que fez Emília, suas crendices e seus quitutes. Nesse mundo, um pozinho mágico (pirlimpimpim) rompe os limites do espaço e do tempo, levando suas personagens a viverem as mais incríveis façanhas. [...] Sua obra original para crianças e jovens consiste em: “**Reinações de Narizinho**”, “Viagem ao céu”, “O saci”, “Caçadas de Pedrinho”, “Hans Staden”, “História do mundo para as crianças”, “Memórias da Emília”, “Peter Pan”, “**Emília no País da Gramática**”, “Aritmética da Emília”, “Geografia de Dona Benta”, “História das invenções”, “Serões de Dona Benta”, “Dom Quixote das crianças”, “O poço do Visconde”, “Histórias de Tia Nastácia”, “O Pica-Pau Amarelo”, “A reforma da natureza”, “O Minotauro”, “A chave do tamanho”, “Fábulas”, “Histórias diversas”, “Os doze trabalhos de Hércules”. (Trecho de “O Autor e sua obra”. p. 206-207; grifo acrescentado).<sup>11</sup>

De acordo com dados biográficos do autor, os capítulos de RN foram escritos ao longo da década de 1920.

*Reinações de Narizinho* reúne 11 histórias escritas por Monteiro Lobato ao longo da década de 1920. O livro narra as aventuras que acontecem no Sítio do Picapau Amarelo e apresenta Emília, Tia Nastácia, Dona Benta e sua neta Lúcia. Lúcia, mais conhecida como Narizinho, é quem deve transportar o leitor a viagens pelo mundo da fantasia. Tudo começa com uma inesperada visita da neta de Dona Benta ao Reino das Águas Claras e com a chegada de seu primo, Pedrinho, ao Sítio do Picapau Amarelo para mais uma temporada de férias. Depois do passeio pelo Reino das Águas Claras, as reinações de Narizinho ficam ainda melhores. As crianças se divertem fazendo o Visconde com um sabugo de milho e planejando o casamento de Emília com o leitão Rabicó. Emília, Narizinho e Pedrinho recebem a visita de personagens como Cinderela, Branca de Neve e Pequeno Polegar.

---

<sup>11</sup> (Extraído de LOBATO, M. *Reinações de Narizinho* vol. I. Edição Integral e Ilustrada. Digitalização e Revisão Arlindo San. Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/literatura/reinacoes-de-narizinho-29944065>>. Acesso em 18/abril/2018.

Também chega ao Sítio o Peninha, garoto invisível que trouxe no bolso algo que mudou a rotina dos netos de Dona Benta, o incrível pó de pirlimpimpim. Com esse pó mágico a turma do Sítio viaja para o Mundo das Maravilhas. Lá eles podem conhecer os fabulistas Esopo e La Fontaine e resgatar o Burro Falante, que vai morar no Sítio.<sup>12</sup>

Já EPG tem uma história bastante interessante:

Muitos estudiosos de Lobato já afirmaram que ele tenha escrito a *Emília no País da Gramática* por “vingança” de ter sido reprovado aos quatorze anos de idade na prova de Português. Realmente, em suas cartas, sempre transparece essa questão. Dezenove anos depois da reprovação, ele ainda lembra o fato com igual ressentimento: *Da gramática guardo a memória dos maus meses que em menino passei decorando, sem nada entender, os esoterismos do Augusto Freire da Silva. Ficou-me da ‘bomba’ que levei, e da papagueação, uma revolta surda contra a gramática e gramáticos, e uma certeza: a gramática fará letrudos, não faz escritores. E mais tarde: Estou com aquele conto gramatical a me morder a cabeça como um piolho. Vida, aventuras, males, doenças e morte trágica dum sujeito, tudo por causa da gramática. Nasce em consequência dum pronome fora do eixo e morre vítima de outro pronome mal colocado.*

Não é de se espantar, pois, que um dia, quase vinte anos depois da intenção, em 1934, a desforra de Monteiro Lobato se transformasse num livro para crianças no qual ele descreve as aventuras de Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde de Sabugosa e Quindim no País da Gramática.[...]

Os gramáticos são vistos sempre como apegados às tradições e, portanto como entrave para a língua evoluir e o estilo florescer. (MATTOS, 1988, s/p)

O excerto acima deixa evidente, no trecho destacado em itálico, os malefícios causados pela “decoreba” e o indicativo de que a gramática, em seu viés classificatório e prescritivo, pouco (ou nada) auxilia no processo de escrita, apenas faz “letrudos”, ou seja, sabichões. Saliente-se

---

<sup>12</sup> Disponível em:

<<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/literatura/reinacoes-de-narizinho-29944065>>. Acesso em 18/abril/2018. [Adaptado]

que essa é uma percepção do autor já no início do século XX. Podemos problematizar: Um século depois, o que mudou?

Por serem dois livros bastante significativos e representativos da obra do autor, destinados a público infanto-juvenil, e por apresentarem, na fala de diferentes personagens, a forma **a gente**, funcionando como sintagma nominal e como pronome, neste caso, em concorrência com **nós**, julgamos pertinente tomar esse material escrito como *corpus* para análise, também pelo potencial de estudos que pode ser aproveitado em sala aula. A estrutura dos livros é apresentada nos quadros a seguir.

**Quadro 6: *Reinações de Narizinho*, vol 1. - Ano da 1ª publicação: 1931**

	<b>[RN] Capítulos</b>	<b>Páginas</b>
1	Narizinho arrebitado	02-19
2	O Sítio do Pica-pau	20-51
3	O marquês de Rabicó	52-62
4	O casamento de Narizinho	63-79
5	Aventuras do príncipe	80-97
6	O gato Félix	98-112
7	A cara de coruja	113-130
8	O irmão de Pinóquio	131-148
9	O circo de cavalinhos	149-166
10	A pena de papagaio	167-189
11	O pó de Pirlimpimpim	190-205

*Reinações de Narizinho* vol 1. Versão digital disponível em: [http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias\\_miniweb/lobato/Vol1\\_Reinacoes\\_de\\_Narizinho.pdf](http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Vol1_Reinacoes_de_Narizinho.pdf)>. Acesso em 10/abril/2018.

**Quadro 7: *Emília no país da Gramática* - Ano da 1ª publicação: 1934**

<b>[EPG] Capítulos</b>		<b>Páginas</b>
1	<u>Uma ideia da Senhora Emília</u>	05-11
2	<u>Portugália</u>	12-18
3	Gente importante e gente pobre	19-24
4	<u>Em pleno mar dos Substantivos</u>	25-31
5	<u>Entre os Adjetivos</u>	32-35
6	<u>Na casa dos Pronomes</u>	36-40
7	Artigos e Numerais	41-42
8	<u>No acampamento dos Verbos</u>	43-49
9	<u>Emília na casa do Verbo Ser</u>	50-54
10	<u>A tribo dos Advérbios</u>	55-58
11	<u>As Preposições</u>	59-60
12	<u>Entre as Conjunções</u>	61-61
13	<u>A casa da gritaria</u>	63-65
14	<u>A Senhora Etimologia</u>	66-70
15	<u>Uma nova Interjeição</u>	71-76
16	<u>Emília forma palavras</u>	77-81
17	<u>O susto da velha</u>	82-87
18	<u>Gente de fora</u>	88-93
19	<u>Nos domínios da Sintaxe</u>	94-99
20	<u>As figuras da Sintaxe</u>	100-102
21	<u>Os vícios de linguagem</u>	103-108
22	<u>As orações ao ar livre</u>	109-112
23	<u>Exame e Pontuação</u>	113-116
24	<u>E o Visconde?</u>	117-121
25	<u>Passeio ortográfico</u>	122-126
26	Emília ataca o reduto etimológico	127-136
27	Epílogo	137-138

*Emília no país da gramática*. Versão digital disponível em:  
 <<http://groups.google.com/group/digitalsource>> Acesso em 10/abril/2018.

#### 4.2 PEQUENA AMOSTRA DOS DADOS

Foram selecionadas algumas ocorrências ilustrativas do fenômeno variável em discussão neste trabalho. Além de **nós** (expresso ou apenas marcado na desinência verbal) e **a gente** (nominal e pronominal), foram destacados também dados de pronome oblíquo átono (*nos*), pronome oblíquo tônico (*conosco*) e possessivo (*nosso*), de modo a evidenciar o comportamento do paradigma pronominal de P4.

Para efeito de análise, cada ocorrência numerada é considerada um *enunciado* – entendido como “manifestação concreta de uma [ou mais] frase, em situações de interlocução” (KOCH, 1992, p. 13). Nesse sentido, o termo frase ou sentença corresponderia a uma unidade formal do sistema da língua, passível de um sem-número de realizações.

#### Quadro 8: Pequena amostra dos dados coletados em RN e EPG

##### *Reinações de Narizinho* (RN):

(6) – Um anãozinho que **nos** apareceu aqui ontem para contratar-se como bobo da corte. **Estamos** sem bobo desde que o **nosso** querido Carlito Pirulito foi devorado pelo peixe-espada. (RN/1, príncipe, p. 10)

(7) – De manhã **saimos** todas — continuou a abelha — cada uma para o seu lado, a fim de recolher o mel das flores e o pólen. É disso que **nos alimentamos**. Depois **guardamos** o mel nos favos. Se há consertos a fazer, qualquer uma de **nós** os faz sem que seja preciso ordem. (RN/2, abelha, p. 46)

(8) – Isso, sim, não deixa de me intrigar — disse ele. — Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, **temos** de botá-la fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta ideia — fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar **conosco** outras aventuras. Que lindo, não? (RN/2, Pedrinho, p. 34)

(9) Narizinho achou conveniente fazer a apresentação de ambas por haver ali muita **gente** que as desconhecia. (RN/9, narrador, p. 163)

(10) – Ele fala mesmo, Nastácia! Fala tal qual **uma gente**... . (RN/5, dona Benta, p. 84)

(11) – É que eles eram sabugos e sendo sabugo a mocha não perdoa mesmo. Agarra e vai mascando. Mas para **gente** como **nós**, **gente** de carne, ela não faz nada. (RN/5, Narizinho, p. 92)

(12) – Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena **a gente** não entender o que dizem... (RN/2, Narizinho, p. 28)

(13) – **A gente** é modo de dizer — replicou Emília — porque eu entendo muito bem o que dizem. (RN/2, Emília, p. 28)

(14) – Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar **a gente**. (RN/2, Dona Benta, p. 21)

(15) – Não sei explicar. Só sei que em certos momentos **a gente** muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de **nós**. (RN/8, Narizinho, p. 148)

#### *Emília no país da Gramática* (EPG):

(16) – Pedrinho – disse ela um dia depois de terminada a lição –, por que, em vez de **estarmos** aqui a ouvir falar de gramática, não **havemos** de ir passear no País da Gramática? (EPG/1, Emília, p. 6)

(17) – Pois é isso, meus caros. Nesta república **vivemos** a **nossa** vidinha, que é bem importante. Sem **nós** os homens não conseguiriam entender-se na terra. (EPG/6, pronome Eu, p. 37)

(18) – Eu, se fosse ditadora, abria as portas da **nossa** língua a todas as palavras que quisessem entrar – e não exigia que as coitadinhas de fora andassem marcadas com os tais grifos e as tais aspas. (EPG/2, Narizinho, p.17)

(19) – **Vamos**, Quindim, explique-**nos** que cidades são aquelas. (EPG/1, Emília, p. 9)

(20) – Um defeito **a gente** deve corrigir. Xingar o defeito com um nome feio não adianta. (EPG/4, rinoceronte, p. 26)

(21) Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho **à gente**. (EPG/4, Emília, p. 30)

(22) Dava na mesma e não enchia a cabeça **da gente** de tantos nomes feios. (EPG/1, Emília, p. 10)

(23) – Que divertimento interessante não deve ser o estudo de cada palavra! – exclamou Pedrinho. – Hão de ter cada uma o seu romance, como acontece **com a gente**. . . (EPG/14, Pedrinho, p. 68)

(24) – **Temos**, por fim, os Pronomes INTERROGATIVOS, que servem para fazer perguntas. Todos usam um Ponto de Interrogação no fim, para que **a gente** veja que são perguntativos. (EPG/6, rinoceronte, p. 40)

(25) – **Nós**, palavras, não **temos** a liberdade de **nos** mudar a **nós** mesmas – respondeu Pena (dó). – Unicamente o uso lá entre os homens é que **nos** muda, como acaba de suceder a esta minha HOMÔNIMA, a Senhora Pena (de escrever.) Ela já teve dois NN e agora tem um só. (EPG/14, primeira pena, p. 66)

(26) Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadinha – uma Oração que rezava assim: **Nós vai** brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural – **Vamos**. (EPG/19, dona Sintaxe, p. 97)

(27) – Esteve cá, sim. Esteve de prosa **conosco** e depois desapareceu. Foi logo em seguida que **demos** pela falta do Æo. (EPG/24, ditongo, p. 119)

*Emília no país da gramática*. Versão digital disponível em:

<<http://groups.google.com/group/digitalsource>> Acesso em 10/abril/2018 e

*Reinações de Narizinho* vol 1. Versão digital disponível em:

<[http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias\\_miniweb/lobato/Vo11\\_Reinacoes\\_de\\_Narizinho.pdf](http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Vo11_Reinacoes_de_Narizinho.pdf)>. Acesso em 10/abril/2018.

### 4.3 OBJETIVOS E HIPÓTESES

#### Objetivos específicos:

► Analisar as falas dos personagens das obras *Reinações de Narizinho* e *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato e verificar se há diferenças significativas entre as obras quanto às formas de expressão de P4, considerando as obras como *locus* de manifestação de fenômenos variáveis e como material a ser explorado no ensino de gramática.

► Mapear, nas obras selecionadas, considerando a frequência de uso, as ocorrências do pronome **nós** (e as formas associadas –**mos, nos, nosso, conosco**) e da forma **a gente**, considerando, em relação à última, os usos nominais e pronominais.

► Averiguar a possibilidade de identificar os contextos em que o sintagma nominal **a gente** passa a funcionar como pronome.

► Levantar possíveis condicionadores linguísticos (como a função sintática e o tipo de referência) e extralinguísticos (como o perfil

sociocultural dos personagens) que permitam descrever os contextos de uso dos pronomes nas obras examinadas e buscar identificar que tipo de contexto mais propicia a variação **nós/a gente**.

▶ Verificar se o pronome **a gente** aparece, num mesmo enunciado, combinado com formas padrão de P4 (**–mos, nos, nosso, conosco**).

▶ Examinar se há indícios de avaliação positiva ou negativa (preconceito) no uso variável desses pronomes, considerando o perfil dos personagens.

▶ Propor sugestões metodológicas para trabalho com o fenômeno variável em questão, no Ensino Fundamental, a partir das obras literárias de Monteiro Lobato.

### **Hipóteses:**

▶ Acreditamos que não haja diferenças significativas entre as obras no que diz respeito ao uso dos pronomes **nós** e **a gente**, dadas as características dos textos de Monteiro Lobato, que, segundo seus críticos, buscava aproximar a linguagem escrita da oralidade e colocava em interação personagens em ambiente relativamente informal.

▶ Uma vez que as obras são datadas da primeira metade do século XX e considerando que a implementação do uso inovador de **a gente** como pronome seja relativamente recente na língua portuguesa, esperamos que (i) a forma nominal (**a**) **gente** seja mais frequente que a forma pronominal correspondente; (ii) o pronome **nós** (considerando também a marcação número-pessoal da desinência **–mos**) seja mais frequente que o pronome **a gente**.

▶ Acreditamos que o contexto linguístico mais recorrente para o uso de **a gente** pronominal seja aquele em que o sintagma nominal **a gente** vai emergir como pronome.

▶ Em relação a condicionadores, nossa expectativa, a partir de observação empírica da amostra, é de que a forma inovadora – **a gente** pronominal – seja mais frequente na função sintática de sujeito do que em outras funções gramaticais. Essa expectativa se justifica pelo caráter dialogal das obras, em que os personagens vão assumindo as falas em constantes trocas de turno, colocando-se explicitamente como tópico/sujeito ao longo da narrativa. Quanto ao tipo de referência, determinada ou indeterminada, esperamos encontrar mais indeterminação associada ao pronome **a gente** quando a temática tratada pelos personagens não envolver diretamente aspectos contextuais mais concretos.

Acreditamos também que o perfil sociocultural dos personagens possa influenciar no uso pronominal de **a gente**, de modo que personagens que pertencem ao nível mais baixo da hierarquia socioeconômica (como é o caso de tia Nastácia, por exemplo) usem mais **a gente** pronominal em relação aos demais personagens. Em relação ao contexto que mais propicia a variação entre os pronomes, esperamos que isso se dê no contexto linguístico mais produtivo para o uso dos pronomes, a saber, na função sintática de sujeito.

► Em relação ao uso combinado de **a gente** com formas padrão de P4, acreditamos que isso não vá ocorrer, tendo em vista que (i) o uso de **a gente** como pronome, à época de escrita das obras, não era tão recorrente como atualmente, e (ii) se trata de texto escrito, embora retrate diálogos entre os personagens, e deve seguir, acredita-se, certas regras gramaticais padronizadoras.

► Nossa expectativa é de que não vamos encontrar, na fala dos personagens, marcas explícitas de estigma em relação ao uso da forma pronominal inovadora, uma vez que eles mantêm uma relação amigável e de camaradagem entre si. Contudo, indiretamente, é possível que o autor/narrador coloque com mais frequência o pronome inovador na fala de personagens que tenham menos prestígio social.

#### 4.4 GRUPOS DE FATORES CONTROLADOS

Com vistas a operacionalizar as hipóteses levantadas, estabelecemos os grupos de fatores descritos e exemplificados a seguir, a serem controlados na codificação dos dados.

1) Formas<sup>13</sup>:

\*(**a**) **gente** nominal (com ou sem o artigo)

**a gente** pronominal

**nós**

**-mos**

**nos**

**nosso**

**conosco**

Estamos evitando chamar as formas pronominais (juntamente com a flexão –mos) de “variável dependente” (como se costuma fazer em

---

<sup>13</sup> Estamos atentos para o fato de que as duas primeiras formas são nominais e não correspondem a P4.

pesquisas sociolinguísticas quantitativas), pois se trata de formas de expressão de P4 em geral, desempenhando diferentes funções no paradigma pronominal. Assim, elas recobrem subconjuntos de variáveis linguísticas que assumem diferentes formas: **nós ~ a gente**<sup>14</sup> na função de sujeito (considerando o pronome **nós** explícito ou apenas a morfologia verbal **-mos**); **conosco ~ com a gente** na função de adjunto adverbial ou de objeto indireto; **nosso ~ da gente** na função de adjunto adnominal; **nos ~ a gente ~ para nós/a gente** na função de objeto direto e indireto.

O objetivo desse controle de diferentes formas é, basicamente, verificar se há combinação de **a gente** com formas padrão de P4 num mesmo enunciado e se **a gente** aparece alternando com outras formas de P4, conforme exemplificado no parágrafo precedente. As formas controladas são exemplificadas abaixo.

(28) – Ele fala mesmo, Nastácia! Fala tal qual **uma gente**... (RN/5, dona Benta, p. 84) – **(a) gente** nominal

(29) – Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena **a gente** não entender o que dizem... (RN/2, Narizinho, p. 28) – **a gente** pronominal

(30) – De manhã **saímos** todas — continuou a abelha — cada uma para o seu lado, a fim de recolher o mel das flores e o pólen. É disso que **nos alimentamos**. Depois **guardamos** o mel nos favos. Se há consertos a fazer, qualquer uma de **nós** os faz sem que seja preciso ordem. (RN/2, abelha, p. 46) – **-mos/ nos/ -mos/ -mos/ nós**

(31) – sEu, se fosse ditadora, abria as portas da **noossa** língua a todas as palavras que quisessem entrar – e não exigia que as coitadinhas de fora andassem marcadas com os tais grifos e as tais aspas. (EPG/2, Narizinho, p.17) – **nossa**

(32) - Esteve cá, sim. Esteve de prosa **conosco** e depois desapareceu. Foi logo em seguida que demos pela falta do ão. (EPG/24, ditongo, p. 119) – **conosco**

## 2) Função sintática<sup>15</sup>:

<sup>14</sup> O símbolo ~ entre as variantes significa “alterna com”.

<sup>15</sup> Estamos cientes de que haverá alguma sobreposição de informação entre os fatores do grupo 1 e do grupo 2. No decorrer da análise, essa questão será devidamente considerada.

sujeito  
 objeto direto  
 objeto indireto  
 adjunto adnominal  
 adjunto adverbial  
 predicativo  
 complemento nominal  
 vocativo

Esses fatores são aplicados a todas as formas, à exceção de **–mos**, pois nesse caso trata-se de desinência número-pessoal cujo sujeito é sempre **nós** (omitido). Exemplificando:

(33) – Um defeito **a gente** deve corrigir. Xingar o defeito com um nome feio não adianta. (EPG/MS Rinoceronte, p. 26) – sujeito

(34) – E há ainda outras diferencinhas. Se somos iguais unicamente no som, os gramáticos **nos** chamam HOMÓFONAS, como essas que citei. E se somos iguais na forma escrita, eles **nos** chamam HOMÓGRAFAS. (ET Pena –dó-, p.67) – objeto direto

(35) — Quantos jeitos! — exclamou Emília. — Isso é que aborrece na língua. Em vez de haver um jeito só para cada coisa, há muitos. Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho **a gente**. (EPG/MS Emília, p.30) – objeto indireto

(36) — Bastava dizer que o tal acento cai na última, na penúltima ou na antepenúltima. Dava na mesma e não enchia a cabeça **da gente** de tantos nomes feios. Proparoxítona! Só mesmo dando com um gato morto em cima até o rinoceronte miar. (EPG/SE Emília, p.10) – adjunto adnominal

(37) — Eu não disse? — exclamou o besouro, levantando-se e escovando com a manga a cartolinha suja de terra. — É, sim, ninho de fera, e de fera espirradeira! Vou-me embora. Não quero negócios **com essa gente**. Até logo, príncipe! Faço votos para que sare e seja muito feliz. (RN/NA besouro, p. 4) – adjunto adverbial

(38) – Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem **gente** e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia daquelas, toda a vida ocupadas num trabalho tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores... (RN/SP Narrador, l. 46) – predicativo

(39) — Não! — respondeu a menina. — Isso aí são espantadores **de gente**. Chamam-se chifres e servem para chifrar. (RN/AP Narizinho, p. 93) – complemento nominal

(40) — “É hora, **gente!**” Todos vieram postar-se em redor do ilustre personagem. (RN/GF tia Nastácia, p. 98) – vocativo

### 3) Referência (apenas para o pronome **a gente**):

- determinada (eu + o interlocutor, ou eu + outra(s) pessoas(s)/personagem(s) presentes na obra)
- genérica/indeterminada (extensiva a outros para além das obras)

Ilustrando:

(41) — Melhor que seja assim, — filosofou Narizinho. — As ideias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que **a gente** já as adivinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades. (RN/NA Narizinho, p. 18) – referência determinada

(42) — Mas ele não fala como papagaio, vovó — explicou Pedrinho. — Papagaio só repete o que **a gente** diz. Este burro pensa para falar. (RN/PP Pedrinho, p. 192) – referência indeterminada

### 4) Personagem:

Cada personagem é codificado como um fator distinto, para que possamos fazer um levantamento geral dos usos das formas elencadas no primeiro grupo de fatores. Listamos, a seguir, os personagens que acreditamos apresentarem usos mais recorrentes das formas em questão, descrevendo brevemente suas características.

Narizinho: Neta de D. Benta, vive no Sítio do pica-pau amarelo com sua avó, é prima de Pedrinho e dona da boneca Emília. A menina adora aprender a cozinhar com Tia Nastácia.

Pedrinho: Não é morador assíduo do sítio, mas sempre vem passar as férias na avó. Tem participação ativa em RN, através de várias aventuras quando chega no sítio para passar um tempo. Em EPG, foi o responsável pela crítica inicial do ensino de gramática, através da qual iniciou-se toda a viagem ao país da Gramática em EPG.

Emília: Boneca de pano que criou vida, participa de praticamente todos os capítulos de RN, sempre com ações que levam ao riso, à reflexão por sua maneira de questionar as coisas do mundo real. Em EPG, é a responsável por informar a todos que Quindim, o rinoceronte, avisou-lhe sobre a existência de um país chamado Gramática. Junto com Quindim,

são responsáveis pelas maiores participações do livro EPG, pois Emília é quem mais faz perguntas em cada parte do país de Gramática em que chegam.

Tia Nastácia: É empregada da casa do sítio. A personagem é humilde, negra, pobre, de baixa instrução. Em RN, assim como Emília, está presente em quase todos os capítulos, através conselhos e cuidados com os meninos e por sempre ensinar Emília a como viver no sítio. Em EPG, ela aparece apenas no início da obra, pois não acompanha os demais integrantes à viagem ao país da gramática.

D. Benta: É moradora e dona do Sítio do pica-pau amarelo. Os moradores adoram suas receitas e ela representa a sabedoria, o conhecimento e a experiência de vida para ensinar aos mais novos moradores do sítio. Em RN, Dona Benta traz ao longo da história inúmeros ensinamentos aos netos, é ativa nos cuidados do andamento do sítio e sempre interfere nos problemas que ocorrem com os personagens durante a obra. Em EPG, assim como Tia Nastácia, não viajou ao país da Gramática, permanecendo no sítio, mas foi a responsável por despertar em Pedrinho e Emília a vontade de conhecer o país da Gramática, durante as aulas que dava a Pedrinho.

Visconde: Antes um sabugo de milho, que vivia no milharal do sítio, tomou vida e participa ativamente das obras, tanto em RN como em EPG, tendo como principais características a experiência e a inteligência. Visconde e Emília são grandes amigos e sempre estão juntos; o sabugo é extremamente leal e companheiro da boneca.

Rinoceronte: Considerado o “paquiderme sabichão”, Quindim, o rinoceronte, é o responsável por levar todos os personagens ao país da Gramática, lá ainda é quem apresenta os personagens do sítio aos personagens do local. Esse personagem aparece especificamente na obra EPG.

D. Sintaxe: Responsável por dar nome aos termos sintáticos e por corrigir as concordâncias, D. Sintaxe de um papel de extrema relevância na obra EPG, pois também é responsável pela fiscalização da colocação pronominal, das figuras de sintaxe, dos “vícios de linguagem” e das orações livres. Esse personagem aparece especificamente em EPG.

- 5) Paralelismo de formas no enunciado  
**a gente** sem formas do paradigma de **nós**  
**a gente** com formas do paradigma de **nós**

Exemplos:

(43) – Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena **a gente** não entender o que dizem... (RN/2, Narizinho, p. 28) – **a gente** sem formas do paradigma de **nós**

(44) – **Temos**, por fim, os Pronomes INTERROGATIVOS, que servem para fazer perguntas. Todos usam um Ponto de Interrogação no fim, para que **a gente** veja que são perguntativos. (EPG/6, rinoceronte, p. 40) – **a gente** com formas do paradigma de **nós**

6) Obra:

RN  
EPG

Ocorrências ilustrativas de ambas as obras podem ser conferidas no Quadro 8.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Como a quantidade de dados de P4 é relativamente pequena, especialmente as ocorrências de **a gente** pronominal, não será feita uma análise quantitativa nos moldes da sociolinguística variacionista laboviana, em busca de pesos relativos que indiquem tendências probabilísticas. Os dados são quantificados, mas lidamos apenas com frequências e percentuais. Em relação a **a gente** pronominal, damos um tratamento mais qualitativo às ocorrências, em comparação com **a gente** nominal e com **nós**.

Os dados são codificados em planilha Excel e submetidos a tratamento estatístico para cálculo de frequência no programa Goldvarb<sup>16</sup>. Na codificação dos dados, foi atribuído um código a cada fator, de modo que cada ocorrência analisada apresenta uma sequência de seis códigos, relativos aos seis grupos de fatores descritos na subseção precedente.

---

<sup>16</sup> GOLDVARB X. Disponível em:

<<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> .

#### 4.6 SOBRE A PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

A elaboração dos capítulos de fundamentação teórica e de revisão bibliográfica sobre o tratamento dispensado às formas de expressão de P4, associada às reflexões em torno da relação entre sociolinguística e literatura, ancora a análise dos dados de **nós** e **a gente** (e de outras formas pronominais do paradigma de P4) nas obras de Monteiro Lobato.

Todo esse material, aliado à nossa prática docente, é usado como subsídio para pensarmos em estratégias metodológicas a serem aplicadas em aulas de Língua Portuguesa, considerando questões como: as línguas variam e mudam; o paradigma pronominal em uso no PB não é fixo; há usos variáveis que precisam ser adequados a diferentes contextos e gêneros textuais/discursivos; todas as formas linguísticas em variação são igualmente legítimas, já que são formas em uso, o que as distingue são valores de natureza social atribuídos a elas (respeito à diversidade linguística, “não” ao preconceito, cultura do certo/errado *versus* do adequado etc.), entre outras questões.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados do levantamento e da análise feita acerca dos dados nas obras *Reinações de Narizinho* e *Emília no país da gramática*, de acordo com os grupos de fatores testados. Primeiramente, expomos a distribuição geral das ocorrências de **nós** e **a gente** nas duas obras examinadas. Na sequência, dedicamos uma seção para RN e outra para EPG, nas quais descrevemos os resultados encontrados em relação aos grupos de fatores testados, à luz das hipóteses formuladas. Ao apresentarmos os resultados para EPG, fazemos também uma comparação com os resultados de RN. Por fim, acrescentamos uma breve seção em que retomamos, comparativamente, os principais resultados, discutindo-os com vistas ao ensino.

A Tabela 1 apresenta os usos de **nós**, considerando o pronome explícito e a marcação de número-pessoa na desinência verbal (DNP) – **mos**, com sujeito elíptico ou implícito; e de **(a) gente** em suas formas nominal e pronominal.

Tabela 1. Distribuição de dados de **nós/-mos** e de **(a) gente** em *Reinações de Narizinho* (RN) e *Emília no país da gramática* (EPG), de Monteiro Lobato

Obras	NÓS		-MOS (DNP)		Total N = 100%
	N	%	N	%	
<i>Reinações de Narizinho</i> , vol. I (205 p.)	19	11	158	89	177
<i>Emília no país da gramática</i> (138 p.)	27	21	104	79	131
Total	46	15	262	85	308
Obras	(A) GENTE (nome)		A GENTE (pronome)		
<i>Reinações de Narizinho</i> , vol. I (205 p.)	43	60	29	40	72
<i>Emília no país da gramática</i> (138 p.)	29	50	29	50	58
Total	72	55	58	45	130

Observemos primeiramente a distribuição de **nós** e de **-mos** em referência a P4. As ocorrências de **nós** – explícito (**nós**) e implícito (**-mos**) – somam 308 dados, dos quais a grande maioria (262 dados = 85%) é de **-mos**, ou seja, sem o sujeito expresso, numa proporção quase seis vezes maior que o uso do pronome **nós** explícito (46 dados = 15%). Saliente-se que entre os usos explícitos de **nós**, pode haver ocorrências em que o

pronome desempenha funções sintáticas diferentes de sujeito; já no que se refere à desinência –**mos**, todos os dados estão concordando com o sujeito.

Ainda em relação a **nós/-mos**, observando comparativamente as obras, vê-se uma distribuição diferenciada dos dados. Enquanto RN tem 205 páginas e um total de 177 contextos de P4, EPG tem apenas 138 páginas e um total de 131 contextos de P4. O resultado mais interessante é que em RN os 19 dados de **nós** equivalem a 11% dos contextos de P4 nessa obra (considerando-se aqui apenas as ocorrências de **nós** e –**mos** e não de **a gente** pronominal); e em EPG, os 27 dados de **nós** correspondem a 21% dos contextos de P4 (expressos por **nós** e –**mos**) nessa obra. Dito de outro modo: há mais uso de **nós** explícito (em relação a –**mos**) em EPG do que em RN.

Um dado curioso a ser apresentado diz respeito à concordância verbal. Num exame das ocorrências de **nós/-mos**, foi encontrado um único “desvio” da concordância padrão. Trata-se da ocorrência seguinte:

(45) Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadinha – uma Oração que rezava assim: **Nós vai** brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural – **Vamos**. (EPG/19, dona Sintaxe, p. 97)

Observe-se que “**nós vai brincar**” é logo corrigido para “**vamos**”. Aparentemente o autor não colocou na fala dos personagens construção do tipo “**a gente vamos**”.

Passemos agora a observar a distribuição de (**a**) **gente** nas duas obras examinadas, separando-se as formas nominais das formas pronominais. Note-se que no caso da forma nominal o contexto não é de P4, já o pronome é de P4.

A primeira constatação a se fazer é de que, comparativamente a **nós/-mos**, as ocorrências de (**a**) **gente** totalizam um número bem menor de dados: 308 dados de **nós/--mos** e 130 de (**a**) **gente**, sendo a forma nominal de uso mais recorrente (72 dados = 55%) que a forma pronominal (58 dados = 45%).

Comparando as obras, a distribuição total das ocorrências de (**a**) **gente** apresenta-se equilibrada: 72 dados em RN e 58 dados em EPG, em conformidade com o número de páginas dos livros. O resultado mais significativo, a nosso ver, diz respeito à proporção de uso de ambas as formas (nominal e pronominal): em RN os 29 dados de **a gente** pronominal correspondem a 40% das formas (**a**) **gente** encontradas na obra; já em EPG, os 29 dados de **a gente** pronominal equivalem a 50% das formas de (**a**) **gente** presentes nesse livro.

Ainda se comparando as diferentes formas e as obras, percebe-se que é em *Emília no país da gramática* que ocorre um uso mais expressivo do pronome **nós** explícito e também um uso mais expressivo de **a gente** pronominal. É possível que tal diferença tenha relação com a temática do livro, o que poderemos verificar no decorrer da análise.

Os resultados expostos na Tabela 1 atestam nossa hipótese inicial de que (i) a forma nominal (**a gente**) seria mais frequente que a forma pronominal correspondente; (ii) o pronome **nós** (considerando também a marcação número-pessoal da desinência **-mos**) seria mais frequente que o pronome **a gente**.

## 5.1 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS EM *REINAÇÕES DE NARIZINHO* (RN)

Nesta seção, apresentamos os resultados, em conformidade com os grupos de fatores que elencamos na Metodologia, ilustrando com ocorrências da amostra RN.

A Tabela 2 mostra as formas distribuídas de acordo com a função sintática. Note-se que **-mos** não aparece, pois é desinência verbal que remete ao sujeito não expresso. Como neste momento o que nos interessa é apenas a distribuição geral das ocorrências, não apresentamos resultados percentuais.

Tabela 2. Distribuição das formas **nós** (e pronomes combinados) e **(a) gente** por função sintática, em *Reinações de Narizinho*<sup>17</sup>

Formas Função	Nós	Nosso	Nos <sup>17</sup>	Conosco	A gente N	A gente Pro
Sujeito	8	-	-	-	9	24
Obj. direto	-	-	16	-	6	4
Obj. ind.	1	-	12	1	2	-
Adj. Adv.	8	-	-	6	3	-
Adj. Adn.	-	38	-	-	3	1
Predicat.	-	-	-	-	13	-
C. Nom.	2	-	-	-	5	-
Vocativo	-	-	-	-	2	-
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>38</b>	<b>28</b>	<b>7</b>	<b>43</b>	<b>29</b>

<sup>17</sup> Um dado de **nos** que não está computado na tabela é de uso enfático: “Vamo-**nos** embora, que a luta vai ser medonha.” (RN/NA príncipe, p. 8).

Primeiramente, fazemos um comentário geral sobre a distribuição das formas para, depois, nos deter no pronome **a gente**, que é o foco desta dissertação. O pronome **nós** explícito apresenta a mesma distribuição entre sujeito e adjunto adverbial (8 ocorrências em cada função). No entanto, se computarmos as 158 ocorrências de **-mos** (cf. Tabela 1), o número de sujeitos representados por **nós** (explícito e não realizado) dispara para 176 ocorrências. A forma que compete com **nós** nessa função é **a gente** pronominal (24 ocorrências). Observe-se que **a gente** nominal não é P4 e sim P3/P6, mas está computado para efeitos de comparação com o uso pronominal de **a gente**.

Na função de objeto direto, concorrem as formas **nos** (16 ocorrências) e **a gente** pronominal (4 ocorrências) – além de **a gente** nominal (6 ocorrências). As únicas formas que não aparecem como objeto indireto são **nosso** e **a gente** pronominal, tendo havido o predomínio do pronome oblíquo **nos** (12 ocorrências) nessa função.

Na função de adjunto adverbial, aparecem as formas **a gente** nominal (11 ocorrências), seguida de **nós** (8 ocorrências) e de **conosco** (6 ocorrências). Já adjunto adnominal é a função de **nosso** (38 ocorrências), com apenas um dado de **a gente** pronominal nessa função.

As funções de predicativo, complemento nominal e vocativo têm mais dados de **a gente** nominal do que das outras formas. Como se pode notar, **a gente** nominal é a forma que transita em todas as funções sintáticas levantadas, o que se justifica dado seu caráter de 3<sup>a</sup>. pessoa, significando ‘o povo’, ‘as pessoas’ etc. Já **a gente** pronominal se concentra na função de sujeito, mas ocorre também como complemento verbal e adjunto adnominal.

Vamos olhar com mais vagar para os contextos em que **a gente** pronominal concorre com **nós** (e formas combinadas) na expressão de P4, na amostra *Reinações de Narizinho*. Para efeito de melhor visualização, recortamos a tabela anterior, considerando apenas os dados que interessam mais diretamente a essa discussão.

Tabela 3. Distribuição das formas pronominais de P4 em que **a gente** concorre com **nós** (e pronomes combinados), por **função sintática**, em *Reinações de Narzinho*

Formas Função	Nós		Nosso		Nos		Conosco		A gente		Total N = 100%
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Sujeito	8	26	-	-	-	-	-	-	23	74	31
Obj. direto	-	-	-	-	16	80	-	-	4	20	20
Adj. adn.	-	-	38	97	-	-	-	-	1	3	39
<b>Total</b>	<b>8</b>		<b>38</b>		<b>16</b>		<b>-</b>		<b>28</b>		<b>90</b>

Três são os contextos sintáticos que propiciam a variação entre **nós** (ou formas combinadas do paradigma de P4) e **a gente**: sujeito, objeto direto e adjunto adnominal. Na função de sujeito, **a gente** alterna com **nós**; na função de objeto direto, **a gente** alterna com **nos**; e na função de adjunto adnominal **a gente** ocupa o espaço de **nosso**. Como já observado, a função sintática privilegiada para **a gente** é a de sujeito (o que se percebe numa leitura vertical dos números na tabela: 23/28), e é esse o contexto sintático preferencial para a variação entre **a gente** e **nós** em RN. Vejam-se os dados:

(46) — Como é birrenta! **A gente** quando quer uma coisa precisa dar as razões e não ir dizendo quero porque quero. Isso só rei é que faz. (RN/CC Narzinho, p. 159)

(47) – Instintivamente todos obedeceram. Fecharam os olhos, com toda a força, como **a gente** faz nos sonhos quando vai caindo num precipício. (RN/PP narrador, p. 204)

O pronome **nós** é a forma concorrente nessa posição. Note-se que, ao desconsiderarmos as ocorrências de **-mos** (ou seja, de sujeito omitido), o percentual de **nós** como sujeito é bem menor (26%) que o de **a gente** nessa função (76%). O dado a seguir ilustra o uso de **nós** na função de sujeito.

(48) –Pois onde é que já se viu uma coisa assim, sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando, sinhá, falando que nem uma gente!... Qual, ou **nós** estamos caducando ou o mundo está perdido... (RN/SP tia Nastácia, p. 22)

A segunda função sintática em que **a gente** mais aparece é a de objeto direto (4/28), nesse caso concorrendo com o pronome oblíquo **nos**. O pronome oblíquo é bem mais frequente (80%) que o pronome **a gente** na função de objeto direto (20%).

(49) – Dona Benta voltou-se para tia Nastácia.

— Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar **a gente**. (RN/SP Dona Benta, p. 21)

(50) — Amigo Tom Mix — disse Narizinho — fui covardemente traída pelo senhor marquês de Rabicó, um poltrão que ao ver-**nos** em perigo só cuidou de si, fugindo com quantas pernas tinha. Quero ser vingada sem demora, está entendendo? (RN/SP Narizinho, p. 39)

Como adjunto adnominal, **a gente** aparece uma única vez, nesse caso concorrendo com o pronome possessivo **nosso**, que ocorre em 97% dos dados dessa função.

(51) — É extraordinário! — observou Pedrinho. — Não posso compreender tal fenômeno. O tronco gemeu de cortar o coração **da gente**, e no entanto este pedaço do tronco não dá sinal de vida. Anda aqui um grande mistério!... (RN/IP Pedrinho, p. 139)

(52) — E por castigo — ajuntou o príncipe — está condenado a engolir cem pedrinhas redondas, em vez das cem moscas do **nosso** trato. (NA príncipe, p. 6)

Note-se que o fato de **a gente** pronominal ter desempenhado apenas essas três funções sintáticas ilustradas acima (cf. Tabela 3) não significa que essa forma não pudesse exercer outras funções. Veremos, na seção seguinte, se isso ocorreu ou não na amostra *EPG*.

Os resultados referentes à função sintática na obra RN estão atestando nossa hipótese inicial de que o pronome **a gente**, a forma inovadora, seria mais recorrente na função sintática de sujeito do que em outras funções

Comparemos, agora, o **a gente** nominal com o **a gente** pronominal em RN. Novamente fazemos um recorte da Tabela 2, isolando esses dados por função sintática.

Tabela 4. Distribuição das formas **(a) gente** por **função sintática**, em *Reinações de Narizinho*

Formas Função	A gente Nome		A gente Pronome		Total N = 100%
	N	%	N	%	
Sujeito	9	27	24	73	33
Obj. direto	6	60	4	40	10
Obj. ind.	2	100	-	-	2
Adj. Adv.	3	100	-	-	3
Adj. Adn.	3	75	1	25	4
Predicat.	13	100	-	-	13
C. Nom.	5	100	-	-	5
Vocativo	2	100	-	-	2

Já vimos (cf. Tabela 1) que, em termos gerais, **a gente** nominal (43 dados) é de uso bem mais recorrente que **a gente** pronominal (29 dados) em RN. Enquanto **a gente** pronominal se concentra basicamente na função de sujeito (24/29), **a gente** nominal se distribui por todas as funções sintáticas, aparecendo categoricamente nas funções de predicativo, complemento nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial, objeto indireto e vocativo.

Os dados a seguir ilustram, comparativamente (quando for o caso), as ocorrências de **(a) gente** nessas funções. Embora já tenhamos apresentado exemplos de **a gente** pronominal nessas funções, vamos ilustrar com novas ocorrências, pois este uso inovador é o foco deste trabalho. Nos pares de ocorrências a seguir, o primeiro dado é sempre de **a gente** nominal e o segundo de **a gente** pronominal.

Sujeito:

(53) — Ele fala mesmo, Nastácia! Fala tal qual **uma gente** (fala)... . (RN/AP dona Benta, p. 84)

(54) — Impossível! — respondeu Branca. — Eles são sete, e se sair um quebra a conta. **A gente** não deve mexer com o número sete, que é mágico. (RN/Cc, Branca de Neve, p. 118)

## Objeto direto:

(55) — Como? — exclamou Narizinho. — Pois a Morgiana não matou **essa gente** toda com azeite fervendo? (RN/Cc Narizinho, p. 121)

(56) — Foi cavorteiragem dela, sinhá! — dizia a preta. — Emília está ficando sabida demais. Juro que foi ela quem escondeu os seus óculos para apanhar os cobres. A gente vê cada coisa neste mundo! Uma bonequinha que eu mesma fiz, e de um pano tão ordinário, tapeando **a gente** desta maneira! Credo!... (RN/CC, tia Nastácia, p. 157)

## Adjunto adnominal:

(57) – O desenho de tia Nastácia não tinha forma de **gente**; parecia um coisa-ruim de carvão, tão feio que todos se riram. (RN/IP narrador, 136)

(58) — É extraordinário! — observou Pedrinho. — Não posso compreender tal fenômeno. O tronco gemeu de cortar o coração **da gente**, e no entanto este pedaço do tronco não dá sinal de vida. Anda aqui um grande mistério!... (RN/IP Pedrinho, p. 139)

## Objeto indireto:

(59) — É que eles eram sabugos e sendo sabugo a mocha não perdoa mesmo. Agarra e vai mascando. Mas **para gente** como nós, gente de carne, ela não faz nada. (RN/AP Narizinho, p. 92)

## Adjunto adverbial:

(60) — Eu não disse? — exclamou o besouro, levantando-se e escovando com a manga a cartolinha suja de terra. — É, sim, ninho de fera, e de fera espirradeira! Vou-me embora. Não quero negócios **com essa gente**. Até logo, príncipe! Faça votos para que sare e seja muito feliz. (RN/NA besouro, p. 4)

## Complemento nominal:

(61) — Não! — respondeu a menina. — Isso aí são espantadores **de gente**. Chamam-se chifres e servem para chifrar. (RN/AP Narizinho, p. 93)

Predicativo:

(62) Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem **gente** e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia daquelas, toda a vida ocupadas num trabalhão tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores... (RN/SP Narrador, l. 46)

Vocativo

(63) — “É hora, **gente!**” Todos vieram postar-se em redor do ilustre personagem. (RN/GF tia Nastácia, p. 98)

Outro parâmetro de análise que foi considerado diz respeito à referência associada ao pronome **a gente**. Numa primeira classificação mais geral, consideramos o seguinte critério: se o referente diz respeito a personagens no âmbito das histórias contadas no livro, então era tido como determinado. Caso sua abrangência pudesse extrapolar a obra, era tido como indeterminado ou genérico. Segundo esse critério, apenas 8 (dos 29 dados = 28%) foram de **a gente** genérico:

(64) — Foi cavorteiragem dela, sinhá! — dizia a preta. — Emília está ficando sabida demais. Juro que foi ela quem escondeu os seus óculos para apanhar os cobres. **A gente** vê cada coisa neste mundo! Uma bonequinha que eu mesma fiz, e de um pano tão ordinário, tapeando a gente desta maneira! Credo!... (RN/CC, tia Nastácia, p. 157)

(65) — Como é birrenta! **A gente** quando quer uma coisa precisa dar as razões e não ir dizendo quero porque quero. Isso só rei é que faz. (RN/CC Narizinho, p. 159)

(66) – A negra, que estava frigindo uns lambaris, apenas disse:  
— Essas crianças fazem coisas **da gente** se benzer com as duas mãos, sinhá. (RN/PP tia Nastácia, p. 190)

(67) – Ela sabia que o melhor meio de escapar dos grandes perigos era fechar os olhos, bem fechados, como **a gente** faz nos sonhos quando sonha que está caindo num precipício. (RN/IP narrador, p. 145)

(68) – Instintivamente todos obedeceram. Fecharam os olhos, com toda a força, como **a gente** faz nos sonhos quando vai caindo num precipício. (RN/PP narrador, p. 204)

(69) – A pior coisa do mundo é falar com criaturas invisíveis. **A gente** não sabe para onde virar-se. Assim estava Pedrinho, e para mais

atrapalhá-lo a voz ora vinha da direita, ora da esquerda. (RN/Pp narrador, p. 168)

(70) — Lembrei-me duma coisa — disse ele. — Como é muito enjoado lidar com um companheiro de viagem que **a gente** não pode ver, proponho que você traga uma pena no chapéu. Pela pena saberemos onde você está. (RN/Pp Pedrinho, p. 172)

(71) — Mas ele não fala como papagaio, vovó — explicou Pedrinho. — Papagaio só repete o que **a gente** diz. Este burro pensa para falar. (RN/PP Pedrinho, p. 192)

A maioria dos dados de **a gente** pronominal foi analisado como sendo de referência determinada, embora nem sempre fosse possível identificar exatamente quais seriam os referentes envolvidos. Exemplificando:

(72) — Melhor que seja assim, — filosofou Narizinho. — As ideias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que **a gente** já as adivinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades. (RN/NA Narizinho, p. 18)

(73) – Dona Benta voltou-se para tia Nastácia.  
— Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar **a gente**. (RN/SP Dona Benta, p. 21)

(74) – Narizinho então teve dá dela e contou a história inteira do menino invisível que os levava ao País das Fábulas.  
— Ele vem carregando o Visconde, mas como é invisível **a gente** só vê o Visconde... (PP Narizinho, p. 191)

(75) – Não é fácil lidar com o pó de pirlimpimpim. **A gente** tem de cheirá-lo na quantidade certa, nem mais, nem menos, se não vai parar para lá ou para cá do ponto que pretende alcançar. (RN/PP narrador p. 194)

Nos dados acima, **a gente** remete aos personagens que convivem com Narizinho, Emília, D. Benta, tia Nastácia, o Visconde, entre outros, tendo sua referência determinada nesse contexto.

Num olhar mais cuidadoso, porém, percebemos que há certas ocorrências que se situam em um ponto intermediário: não são totalmente genéricas, mas também não parecem ser específicas da obra. É o caso, por exemplo, de dados como:

(76) — A pobre! — murmurou a menina muito triste. — Eu sinto bastante, Visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A vaca mocha come as donas Palhas e **a gente** come as vacas. A vida e um come-como danado! (RN/MR Narizinho, p. 56)

(77) — Coitada de vovó! — disse um dia Narizinho. — De tanto contar histórias ficou que nem bagaço de caju; **a gente** espreme, espreme e não sai mais nem um pingo. (RN/IP, Narizinho, p. 131)

Em dados como esses, não fica claro se a referência de **a gente** se limita aos personagens presentes na obra, ou se extrapola tal contexto, o que indica que o estabelecimento da referência nem sempre é uma tarefa fácil, pois envolve aspectos de natureza semântico-pragmática.

Nossa hipótese inicial acerca da referência era de que encontraríamos mais indeterminação associada ao pronome **a gente** quando a temática tratada pelos personagens não envolvesse diretamente aspectos mais concretos do contexto situacional. Na obra RN, dos 29 dados de agente pronominal, 21 (= 72%) foram considerados como de referência determinada. Provavelmente a natureza da obra, que envolve um universo específico – que é basicamente o sítio – e personagens que atuam nesse universo, tenha propiciado o uso bastante frequente do pronome **a gente** com referência determinada (de acordo com o critério utilizado por nós para essa classificação).

Além da função sintática e da referência, controlamos também o que chamamos de paralelismo no enunciado, verificando se aparecia **a gente** pronominal mesclado com outras formas do paradigma de **nós** no mesmo enunciado. Em RN, apenas um enunciado mostrou **a gente** mesclado com outra forma padrão de P4:

(78) – Não sei explicar. Só sei que em certos momentos **a gente** muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de **nós**. (RN/8, Narizinho, p. 148)

Esse resultado vai ao encontro de nossa hipótese acerca do paralelismo no enunciado, pois esperávamos que não ocorreria uso combinado de **a gente** com formas padrão de P4 no escopo de um enunciado, em virtude de restrições de ordem gramatical de caráter normativo na escrita. Observe-se, porém, que estamos considerando aqui os limites de um enunciado (cf. ilustrado no Quadro 1). É bem provável que em contexto linguístico mais ampliado as mesclas sejam mais frequentes.

Por fim, controlamos o personagem que alternou dados de **nós** (e formas combinadas) e de **(a) gente**. Ao todo, 39 personagens de RN produziram dados. A Tabela 5 exibe os resultados para os nove personagens que produziram a maior quantidade de dados; os demais foram agrupados em “outros”. Como neste momento o que nos interessa é apenas a distribuição geral das ocorrências, não apresentamos resultados percentuais.

Tabela 5. Distribuição das formas **nós** (e pronomes combinados) e **(a) gente** por **personagem**, em *Reinações de Narizinho*

<b>Formas Personagens</b>	<b>Nós</b>	<b>-mos</b>	<b>Nosso</b>	<b>Nos</b>	<b>Conosco</b>	<b>A gente N</b>	<b>A gente Pro</b>
Narizinho	6	28	7	11	-	11	11
Pedrinho	1	47	9	3	2	2	4
D. Benta	1	18	7	2	1	6	1
Emília	-	12	-	3	1	4	2
Tia Nastácia	1	-	-	-	-	6	5
Peninha	-	9	-	3	-	-	-
Abelhas	3	12	1	1	-	-	-
Narrador	-	-	1	-	-	8	4
Príncipe	-	4	3	2	-	-	-
Outros	7	28	10	4	3	6	2
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>158</b>	<b>38</b>	<b>29</b>	<b>7</b>	<b>43</b>	<b>29</b>

Na tabela acima, chama atenção o comportamento linguístico de tia Nastácia: há predomínio da forma nominal **a gente** (6 ocorrências) seguida do pronome **a gente** (5 ocorrências) e apenas um dado de **nós**, sem nenhum **-mos** com sujeito apagado. Em contrapartida, D. Benta, embora também tenha usado **a gente** nominal (6 ocorrências), produziu apenas um pronome **a gente**, um **nós** e fez bastante uso de **-mos** (18 ocorrências). Assim, as personagens mais velhas e de estratos sociais contrastantes (D. Benta é branca e dona do sítio e tia Nastácia é negra e empregada da família) apresentam um comportamento linguístico diferenciado entre si no que se refere ao uso das formas em estudo. Podemos supor que o autor Monteiro Lobato, ao compor essas personagens, além de características físicas e de hábitos, também as distinguiu pelo uso dessas formas linguísticas. Vale lembrar que essas mulheres, embora de uma mesma geração, ocupam lugares distintos na

sociedade da época, o que pode ser uma possível razão para os usos linguísticos diferenciados no que se refere às formas pronominais de P4.

Outro dado interessante é que há personagens que não fazem uso de nenhum dos pronomes **a gente** e **nós**, apenas da flexão **-mos** (Peninha e príncipe); há quem só use **a gente** e não use **nós** (Emília e narrador); há quem só empregue **nós** e não **a gente** (abelhas). Outros personagens utilizam ambas as formas pronominais (Narizinho, Pedrinho, D. Benta e tia Nastácia).

No fator “outros”, destacamos i) La Fontaine, com cinco dados (um de **nós**, três de **-mos** e um de **a gente** nominal); ii) Esopo, também com cinco dados (um de **nós**, três de **-mos** e um de **nosso**); e iii) o Visconde, que produziu apenas dois dados (um de **a gente** nominal e um de **nosso**).

Vale comentar ainda o uso de **conosco** – forma pronominal considerada mais formal hoje em dia. Essa forma seria intercambiável com **com a gente**, mas esta última não ocorreu na amostra RN. Recortando a Tabela 5 com foco apenas nos usos de **nós/-mos** e **a gente** pronominal, para melhor visualização, temos o resultado exibido na Tabela 6<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Lembrando que **nós** e **a gente** desempenham outras funções sintáticas além de sujeito, já **-mos** é apenas desinência número-pessoal correspondente ao sujeito apagado **nós**.

Tabela 6. Distribuição das formas **nós/-mos** e **a gente pronominal** por **personagem**, em *Reinações de Narizinho*

Formas Personagens	Nós		-mos		A gente Pro		Total N = 100%
	N	%	N	%	N	%	
Narizinho	6	13	28	62	11	25	45
Pedrinho	1	2	47	90	4	8	52
D. Benta	1	5	18	90	1	5	20
Emília	-		12	86	2	14	14
Tia Nastácia	1	17	-		5	83	6
Peninha	-		9	100	-		9
Abelhas	3	20	12	80	-		15
Narrador	-		-		4	100	4
Outros	7	17	32	78	2	5	41
<b>Total</b>	<b>19</b>		<b>158</b>		<b>29</b>		<b>206</b>

Na Tabela 6 podemos observar quais personagens apresentam a maior frequência de uso de **a gente** pronominal em detrimento de **nós/-mos**. Além do narrador, que só utiliza **a gente** (embora apenas 4 ocorrências), tia Nastácia é quem mais emprega o pronome **a gente** para se referir a P4, em 83% de seus usos pronominais, com 0% de **-mos**. Na sequência de uso de **a gente** temos: Narizinho (25%), Emília (14%), Pedrinho (8%) e D. Benta (5%). Note-se que esses resultados reforçam o comportamento linguístico diferenciado de tia Nastácia e D. Benta, já apontado anteriormente. É interessante também observar que a boneca Emília não empregou nenhuma vez o pronome **nós**, optando por **a gente** (14%) e, preferencialmente, pela omissão do sujeito, assinalando-o na desinência **-mos** (84%). O personagem que faz mais usos alternados das três formas de expressão de P4 consideradas na tabela é Narizinho, pois oscila entre **-mos** (62%), **a gente** (25%) e **nós** (13%).

Nossa hipótese inicial acerca da fala dos personagens era que o perfil sociocultural pudesse interferir no uso pronominal de **a gente**, de modo que personagens que pertencessem ao nível mais baixo da hierarquia socioeconômica (como é o caso de tia Nastácia) usassem mais **a gente**

pronominal em relação aos demais personagens. Os resultados para RN apontam que, embora não se perceba valoração negativa explícita no uso de **a gente**, a alta concentração dessa forma na fala de tia Nastácia pode sinalizar um diferencial dela em relação aos demais personagens, especialmente à D. Benta.

## 5.2 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS EM *EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA* (EPG)

Seguindo a mesma organização da seção precedente, apresentamos nesta os resultados obtidos na análise dos dados da amostra EPG.

A Tabela 7 mostra as formas distribuídas de acordo com a função sintática. Note-se que **-mos** não aparece, pois é desinência verbal que remete ao sujeito não expresso. Novamente deixamos de apresentar os percentuais associados, pois o que nos interessa é apenas a distribuição geral das ocorrências.

Tabela 7. Distribuição das formas **nós** (e pronomes combinados) e **(a) gente** por **função sintática**, em *Emília no país da gramática*<sup>19</sup>

<b>Formas Função</b>	<b>Nós</b>	<b>Nosso</b>	<b>Nos</b>	<b>conosco</b>	<b>A gente N<sup>19</sup></b>	<b>A gente Pro</b>
Sujeito	18	-	-	-	22	22
Obj. direto	-	-	11	-	3	3
Obj. ind.	3	-	11	1	2	2
Adj. Adv.	4	-	-	-	-	-
Adj. Adn.	1	9	2	-	1	2
Predicat.	-	-	-	-	1	-
C. Nom.	1	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>9</b>	<b>24</b>	<b>1</b>	<b>29</b>	<b>29</b>

O pronome **nós** explícito concentra-se na função de sujeito (18 ocorrências), diluindo-se um pouco nas funções de adjunto adverbial (4 ocorrências), objeto indireto (3 ocorrências) e adjunto adnominal (1 ocorrência). Computando-se as 103 ocorrências de **-mos** (cf. Tabela 1), o

<sup>19</sup> Um dado de **(a) gente** nominal que não consta na tabela é: “**Gente** de fora –” (EPG/GF Narrador, p. 88).

número de sujeitos representados por **nós** (explícito e não realizado) sobre para 130 ocorrências. A forma pronominal que compete com **nós** nessa função é **a gente** (22 ocorrências). Note-se que **a gente** nominal não corresponde a P4.

A segunda função sintática mais frequente com esses dados é a de objeto indireto, com alta incidência do pronome oblíquo **nos** (11 ocorrências), seguida por **nós** (3 ocorrências), por **a gente** pronominal (2 ocorrências) e **conosco** (apenas uma ocorrência). A função de objeto direto tem uma distribuição similar: **nos** (11 ocorrências) e **a gente** pronominal (3 ocorrências).

O adjunto adnominal também é relativamente frequente com os dados de P4, com predomínio do pronome possessivo **nosso** (9 ocorrências), mas aparecendo também com **a gente** pronominal e **nos** (2 ocorrências cada), além de **nós** (1 ocorrência). Esses dados serão ilustrados adiante.

Na função de adjunto adverbial, aparece apenas o pronome **nós** (4 ocorrências). As funções de predicativo e complemento nominal e vocativo têm apenas um dado cada.

Recortando a tabela anterior, focalizamos a seguir os contextos em que **a gente** pronominal concorre com **nós** (e formas combinadas) na expressão de P4, na amostra EPG.

Tabela 8. Distribuição das formas pronominais de P4 em que **a gente** concorre com **nós** (e pronomes combinados), por **função sintática**, em *Emília no país da gramática*

Formas Função	Nós		Nosso		Nos		Conosco		A gente		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Sujeito	18	45	-	-	-	-	-	-	22	55	40
Obj. direto	-	-	-	-	11	79	-	-	3	21	14
Obj. ind.	3	18	-	-	11	65	1	6	2	12	17
Adj. adn.	1	7	9	64	2	14	-	-	2	14	14
<b>Total</b>	<b>22</b>		<b>9</b>		<b>24</b>		<b>1</b>		<b>29</b>		<b>85</b>

Em EPG temos um contexto sintático a mais, em relação a RN (cf. Tabela 3), em que a variação pronominal de P4 se realiza: objeto indireto. Também em EPG o contexto preferencial da variação entre os pronomes **nós** e **a gente** é o de sujeito. A seguir, apresentamos alguns dados

ilustrativos das funções em que temos formas concorrentes de **nós** (ou formas combinadas) e **a gente**.

Sujeito:

(79) – Um defeito **a gente** deve corrigir. Xingar o defeito com um nome feio não adianta. (EPG/MS Rinoceronte, p. 26)

(80) – O que **nós** hoje chamamos certo, já foi erro em outros tempos. Assim é a vida, meus caros meninos. (EPG/NI Senhora Etimologia, p. 72)

Objeto direto:

(81) — Mas o homem obriga **a gente** a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios... (EPG/SE Pedrinho, p. 6)

(82) – E há ainda outras diferencinhas. Se somos iguais unicamente no som, os gramáticos **nos** chamam HOMÓFONAS, como essas que citei. E se somos iguais na forma escrita, eles **nos** chamam HOMÓGRAFAS. (ET Pena –dó-, p.67)

Objeto indireto:

(83) — Quantos jeitos! — exclamou Emília. — Isso é que aborrece na língua. Em vez de haver um jeito só para cada coisa, há muitos. Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho **à gente**. (EPG/MS Emília, p.30)

(84) — A mesma que há entre a sua pessoa, Pedrinho, e a palavra Pedro — isto é, nenhuma. Nome é nome; não precisa ter relação com o "nomado". Eu sou Emília, como podia ser Teodora, Inácia, Hilda ou Cunegundes. Rinoceronte!... Como sempre fui a botadeira de nomes lá do sítio, resolvo batizar o rinoceronte assim — e pronto! Vamos, Rinoceronte, explique-**nos** que cidades são aquelas. (EPG/SE Emília, p.8)

(85) — Ché!... — exclamou Emília. — Ainda estão no grego e no latim, imaginem! O melhor é espantarmos esses gramáticos e tomarmos conta da velha só para **nós**. (EPG/ET Emília, p. 70)

(86) — Esteve cá, sim. Esteve de prosa **conosco** e depois desapareceu. (EPG/EV Ditongo ÕE, p. 119)

Adjunto adnominal:

(87) — Bastava dizer que o tal acento cai na última, na penúltima ou na antepenúltima. Dava na mesma e não enchia a cabeça **da gente** de tantos nomes feios. Proparoxítona! Só mesmo dando com um gato morto em cima até o rinoceronte miar. (EPG/SE Emília, p.10)

(88) — Muito bem! — disse Emília, que tinha gana em Acentos. — Gosto de ouvir uma grande dama como a senhora falar assim, porque é exatamente como penso. Essas pulgas só servem para **nos** tomar tempo. Acho que só devem ser usados quando forem necessários, para evitar confusão. Hoje, escreve-se êle e há, com Acentos. Acho desnecessário, porque, com ou sem Acentos, só há um jeito de pronunciar essas palavras. E as letras? Fale das letras. (EPG/PO Emília, p. 125)

(89) — as palavras de fora gozam lá de livre trânsito, podendo apresentar-se sem aspas e sem grifo. Mas aqui nesta **nossa** Portugália há muito rigor nesse ponto. Palavra estrangeira, ou de gíria, só entra no centro da cidade se estiver aspada ou grifada. (EPG/PT Bamba, p.17)

(90) — Nada! — respondeu Pena (dó). — É até uma excelente criatura — e sabidíssima, upa! ... Conhece a vida de todas **nós**, uma por uma, nos menores detalhes. Sabe onde nascemos, de quem somos filhas e de que modo vimos mudando através dos séculos. (EPG/ET Pena –dó-, p. 69)

Nos enunciados de (79) a (89), as formas pronominais destacadas são, aparentemente, intercambiáveis entre si, com ajustes de concordância (no caso do sujeito) ou de regência (no caso de **a gente** preposicionado). Essa possibilidade de intercambialidade entre as formas configura uma situação de variação linguística. Já em (90), é a construção “de todas nós” que vale como “nossa” ou “da gente” (= nossa vida ou vida da gente). Na fala informal, poderíamos ter, hoje em dia, “a vida da gente tudo”, em que o pronome indefinido funciona como elemento enfático.

Comparando esses resultados com os da Tabela 3, observamos algumas diferenças interessantes, que apontamos a seguir.

Na função de sujeito, em RN há uma relação de 8/23 para **nós/a gente** (três vezes mais **a gente** do que **nós** explícito); em EPG há uma relação de 18/22 (quase um-para-um) para **nós/a gente**. Tais números indicam que em EPG há maior variação no uso desses pronomes na função de sujeito, já que os respectivos percentuais (45% e 55%) apresentam-se relativamente equilibrados, diferentemente do que ocorre em RN, onde os percentuais (26% e 74%) são mais distanciados entre si, indicando uso mais acentuado de **a gente**. Se computarmos também as realizações de **-mos** sem **nós** explícito (158 em RN e 104 em EPG, cf.

Tabela 1), percebemos que, apesar de haver mais **nós** expresso em EPG, a proporção de **a gente** em relação a **nós/-mos** é maior em EPG do que em RN. Invertendo a distribuição dos números, temos: em RN, 23/166 (sete vezes mais **nós/-mos** do que **a gente**); em EPG temos 22/122 (cinco vezes mais **nós/-mos** do que **a gente**). Ou seja: em EPG há mais preenchimento do sujeito **nós** do que em RN; e mais uso de **a gente** do que em RN.

O que entra em jogo na inversão apontada acima é a realização ou apagamento do sujeito – outro fenômeno variável em português. Estudos na área da sociolinguística variacionista têm mostrado que o português está se tornando uma língua de sujeito preenchido, ou seja, de sujeito expresso, mesmo que a desinência verbal já indique a pessoa e o número. No caso em foco nesta dissertação, o sujeito **nós** é facilmente recuperado pela desinência **-mos**, devido à concordância verbal padrão; já o sujeito **a gente**, se apagado, pode deixar ambígua a interpretação do referente, pois o verbo não marcado quanto a número-pessoa tanto pode remeter a P3 como a P4 (**a gente**) ou ainda a P1, a depender do tempo verbal (Ex.: eu/ele/a gente cantava), considerando-se a concordância padrão.<sup>20</sup>

As obras de Monteiro Lobato examinadas flagram esse movimento de mudança na língua portuguesa: implementação do uso de **a gente** como P4 e aumento do preenchimento do sujeito pronominal. Note-se que embora as datas de publicação dessas obras tenham uma diferença de apenas três anos (1931 e 1934), as histórias de *Reinações de Narizinho* foram escritas ao longo da década de 1920 (cf. dados biográficos do autor já apresentados no capítulo metodológico).

Outra diferença observada nos resultados expostos nas Tabelas 8 e 3 é que em EPG aparece mais um contexto sintático de variação pronominal com **a gente**, que é o de objeto indireto. Além disso, na função de adjunto adnominal, em EPG **a gente** varia com mais formas pronominais (além de **nosso**, alterna com **nós** e **nos**, embora com poucos dados). Por fim, em EPG aparece uma forma de **conosco**, em contexto intercambiável com **com a gente**. Esses resultados corroboram o que foi dito a respeito da função de sujeito: **a gente** não só tem seu uso intensificado em EPG como também se espalha para outros contextos sintáticos ampliando o leque de formas em variação.

Comparemos, agora, o **a gente** nominal com o **a gente** pronominal em EPG. Novamente fazemos um recorte da Tabela 7, isolando esses dados por função sintática.

---

<sup>20</sup> Há ainda a possibilidade de uso das construções *nós canta e a gente cantamos*.

Tabela 9. Distribuição das formas **(a) gente** por **função sintática**, em *Emília no país da gramática*

Formas Função	A gente Nome		A gente Pronome		Total N = 100%
	N	%	N	%	
Sujeito	22	50	22	50	44
Obj. direto	3	50	3	50	6
Obj. ind.	2	50	2	50	4
Adj. Adv.	-		-		
Adj. Adn.	1	33	2	67	3
Predicat.	1	100	-		1
C. Nom.	-		-		-
<b>Total</b>	<b>29</b>		<b>29</b>		<b>58</b>

Em EPG, a distribuição categorial da forma **a gente** é equilibrada, tanto em relação ao número total de ocorrências (29 pronomes e 29 nomes), como na frequência por função sintática. Os dados a seguir ilustram, comparativamente, as ocorrências de **(a) gente** nessas funções em EPG. Nos pares de dados, a primeira ocorrência é de **a gente** nominal e a segunda, pronominal.

Sujeito:

(91) – Era uma cidade como todas as outras. **A gente** importante morava no centro e **a gente** de baixa condição, ou decrepita, morava nos subúrbios. (EPG/PT Narrador, p. 12)

(92) — Lá moram o vi, o O, o Um, Uma, umas pulgas de palavrinhas, mas que apesar disso são utilíssimas. **A gente** não dá um passo sem usá-las. São os ARTIGOS. (EPG/AN Rinocerontes, p. 41)

Objeto direto:

(93) – ... Por fim há tanta **gente** a cometer o mesmo erro que o erro vira Uso e, portanto, deixa de ser erro. (EPG/NI Senhora Etimologia, p. 72)

(94) — Pois os senhores Verbos até cansam **a gente** de tanto mudar — disse o rinoceronte. (AV Rinoceronte, p. 43)

Objeto indireto:

(95) — a que dá azeitonas e a que dá Sobrenomes a muita **gente**. (EPG/SV Senhora Etimologia p. 83)

(96) — Que divertimento interessante não deve ser o estudo de cada palavra! — exclamou Pedrinho. — Hão de ter cada uma o seu romance, como acontece **com a gente**. . . (EPG/ET Pedrinho, p. 68)

Adjunto adnominal:

(97) — E há ainda mais coisas por lá — continuou Emília, depois duma pausa. — Há os famosos bolinhos de Tia Nastácia, feitos de polvilho, leite, uma colherzinha de sal, etc. Depois ela fritou. Quando Rabicó sente de longe o cheiro desses bolinhos, vem na volada. Mas não pilha um só. É comida **de gente** e não de. . . marquês. (EPG/CG Emília, p. 64)

(98) — Bastava dizer que o tal acento cai na última, na penúltima ou na antepenúltima. Dava na mesma e não enchia a cabeça **da gente** de tantos nomes feios. Proparoxítona! Só mesmo dando com um gato morto em cima até o rinoceronte miar. (EPG/SE Emília, p.10)

Comparando os resultados expostos nas Tabelas 9 e 4, percebemos que **(a) gente** nominal tem seu uso diminuído em EPG (29 ocorrências) — equiparando-se a **a gente** pronominal (também 29 ocorrências) nessa obra —, em relação ao uso de **a gente** nominal em RN (43 ocorrências) — quase duas vezes mais do que **a gente** pronominal naquela obra. Ou seja, em EPG **a gente** nominal decresce em frequência e **a gente** pronominal aumenta em relação a RN.

Outro resultado que merece comentário diz respeito às funções sintáticas desempenhadas por **(a) gente**: enquanto em RN **a gente** nominal exerce oito funções sintáticas distintas, em EPG essa forma transita por cinco funções sintáticas; em contrapartida, em RN **a gente** pronominal aparece em três funções sintáticas e em EPG aparece em quatro funções. Em outras palavras, o decréscimo de uso da forma **a gente** nominal em EPG converge com a diminuição de contextos sintáticos em que se manifesta; e o aumento de uso da forma **a gente** pronominal em EPG converge com a expansão dos contextos sintáticos em que ocorre.

Vale destacar ainda certos empregos um tanto ambíguos como se observa em:

(99) — Ali vai um exemplo — disse Rinoceronte. — Aquele Substantivo entrou naquela casa para pegar o Adjetivo *Magro*. O meio **da gente** indicar que um homem é magro consiste nisso — atrelar o Adjetivo *Magro* ao Substantivo que indica o *Homem*. (EPG/EO Rinoceronte, p. 32)

(100) – ... Modificam de Ordem, fazendo que seja em primeiro lugar ou não. Pelos rótulos das prateleiras você poderá ver de que jeito eles modificam **a gente**. (EPG/TA Verbo Ser, p. 56)

Ambos os dados foram considerados como **a gente** pronominal, mas parecem guardar resquícios de nome, com traço semântico de “pessoas” em geral. Isso mostra, de certa maneira, parte do percurso de transição de nome para pronome.

Em relação ao parâmetro da referência, verificado no uso de **a gente** pronominal, lembramos que o critério considerado foi se os referentes se inseriam no cenário das histórias/da obra (nesse caso, tidos como determinados) ou se extrapolavam as obras, aplicando-se a qualquer personagem ou pessoa (nesse caso, tidos como genéricos ou indeterminados). Vale reafirmar que tivemos bastante dificuldade em aplicar esse critério, devido ao caráter escorregadio da noção de (in)determinação semântica. Não obstante, encontramos em EPG 22 ocorrências de **a gente** considerado indeterminado (76%) e 7 de determinado (24%), conforme ilustrado abaixo.

(101) — Os Nomes Concretos são os que marcam coisas ou criaturas que existem mesmo de verdade, como Homem, Nastácia, Tatu, Cebola. E os Nomes Abstratos são os que marcam coisas que **a gente** quer que existam, ou imagina que existem, como Bondade, Lealdade, Justiça, Amor. (EPG/GI Rinoceronte, p. 23)

(102) — Bravos! — gritou Emília. — Pelo jeito de marchar **a gente** vê que eles têm mesmo... (EPG/AV Emília, p. 45)

Em (101) **a gente** remete a pessoas em geral, não só aos personagens envolvidos nas histórias. Em (102) **a gente** se refere ao conjunto de personagens que integram a cena ficcional de soldadinhos marchando.

Embora a aplicação desse parâmetro nas amostras não seja inteiramente confiável (dada a dificuldade acima mencionada), podemos comparar, em termos gerais, os resultados para RN e EPG. Na primeira obra, a incidência de **a gente** determinado foi maior que na segunda.

Atribuímos essas diferenças à natureza/temática das histórias. Em RN, são narradas aventuras no Sítio do Picapau Amarelo e Narizinho conduz o leitor a viagens pelo mundo da fantasia, envolvendo basicamente Emília, Tia Nastácia, Dona Benta, Pedrinho e o Visconde. As histórias contemplam situações experienciadas pelos diferentes personagens. Em EPG, o enredo gira em torno do estudo de gramática, focalizando nomes e regras relacionados, basicamente, a classes de palavras. As histórias abordam também variações, etimologia, arcaísmos e neologismos. Como a temática que atravessa a obra é de natureza menos concreta e mais conceitual, é compreensível que os conceitos se apliquem a personagens/pessoas em geral (a todos os que estão lendo o livro, por exemplo) e não fiquem limitados à obra. Daí encontramos um número maior de **a gente** determinado em RN e de **a gente** indeterminado em EPG.

Provavelmente essa característica das obras tenha dificultado nossa análise no que diz respeito a categorizar as ocorrências de **a gente** como determinadas ou indeterminadas, uma vez que os limites entre essas duas categorias são fluidos. Um exemplo disso é quando Emília reclama da dificuldade em entender certas regras do português, ou dos porquês de tais regras serem de tal forma. Nesse aspecto, pudemos perceber a ambiguidade em marcar o parâmetro referencial, pois tanto podia atribuir a reclamação aos personagens ali presentes na cena, como também a qualquer cidadão que também encontre tais dificuldades.

Além da função sintática e da referência, controlamos também o que chamamos de paralelismo no enunciado, verificando se aparecia **a gente** pronominal mesclado com outras formas do paradigma de **nós** no mesmo enunciado. Diferentemente do que ocorre em RN – onde todos os dados são com paralelismo –, em EPG encontramos duas ocorrências com mescla de formas:

(103) -- **Temos**, por fim, os Pronomes INTERROGATIVOS, que servem para fazer perguntas. Todos usam um Ponto de Interrogação no fim, para que **a gente** veja que são perguntativos. (EPG/CP, Rinoceronte, p. 40)

(104) – Para individualizar um Nome. Individualizar quer dizer marcar um entre muitos. Quando **a gente** diz: A menina do nariz arrebitado, aquele A do começo marca, ou individualiza, esta menina que está aqui, esta neta de Dona Benta – e não uma menina qualquer. Tudo já fica muito diferente se **dissermos**: Menina do narizinho arrebitado – sem o A, porque então já não **estaremos** marcando estazinha aqui. O Artigo Um

também individualiza. Em *Um Macaco*, o Um individualiza, ou marca, um certo macaco entre toda a macacada. (EPG/CP, *Rinoceronte*, p. 41)

Embora se trate de apenas duas ocorrências, produzidas pelo rinoceronte Quindim – um famoso gramático –, já é um indicativo de que a chamada “mistura de tratamento”, embora pouco recorrente, não é estigmatizada na obra, sinalizando uma forte aproximação com a oralidade. Note-se que o personagem não emprega **nós**, mas faz a marcação na desinência verbal **-mos**. Diferentemente, a ocorrência de mescla de formas encontrada em RN (dado (78)) envolvia o uso alternado dos pronomes **nós** e **a gente**. Em EPG, supomos que o sujeito apagado correspondente às formas verbais *temos*, *dissermos* e *estaremos* seja **nós**, devido à desinência padrão. Se, contudo, tais ocorrências fossem produzidas atualmente, já teríamos dúvidas acerca do sujeito apagado, já que no contexto dos enunciados aparece explicitamente a forma pronominal **a gente**.

Por fim, a exemplo do que foi feito na amostra RN, controlamos o personagem que alternou entre formas de **nós** (e formas combinadas) e de **(a) gente**. Ao todo, 17 personagens de EPG produziram dados. A Tabela 10 exhibe a distribuição geral dos resultados para os oito personagens que produziram a maior quantidade de dados (acima de dez); os demais foram agrupados em “outros”.

Tabela 10. Distribuição das formas **nós** (e pronomes combinados) e **(a) gente** por **personagem**, em *Emília no país da gramática*

<b>Formas Personagens</b>	<b>Nós</b>	<b>-mos</b>	<b>Nosso</b>	<b>Nos</b>	<b>Conosco</b>	<b>A gente N</b>	<b>A gente Pro</b>
Emília	7	41	4	6	-	6	9
Rinoceronte	1	12	1	-	-	1	12
D. Sintaxe	-	10	-	1	-	9	3
Pena (dó)	4	7	-	6	-	-	-
Sra. Etimologia	2	8	-	2	-	2	1
Pedrinho	1	7	-	2	-	-	2
Narizinho	1	5	1	3	-	1	-
Narrador	1	1	-	-	-	6	1
Outros	10	13	3	4	1	5	1
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>104</b>	<b>9</b>	<b>24</b>	<b>1</b>	<b>30</b>	<b>29</b>

Esta tabela (EPG) compartilha com a Tabela 5 (RN) os personagens Emília, Pedrinho, Narizinho e narrador, entre aqueles que produzem mais dados. D. Benta está em “outros” nesta tabela, com apenas um dado de **-mos** em EPG. Tia Nastácia não produziu nenhum dado de análise nesta obra. Todos os personagens identificados na Tabela 10 produzem ou **a gente** pronominal, ou **nós**, ou ambos os pronomes em variação – caso de Emília, rinoceronte, Sra. Etimologia, Pedrinho e narrador.

Recortando a Tabela 10 com foco apenas nos usos de **nós/-mos** e **a gente** pronominal, para melhor visualização, temos o resultado exibido na Tabela 11.

Tabela 11. Distribuição das formas **nós/-mos** e **a gente** pronominal por **personagem**, em *Emília no país da gramática*

Formas Personagens	Nós		<b>-mos</b>		A gente Pro		Total N = 100%
	N	%	N	%	N	%	
Emília	7	12	41	72	9	16	57
Rinoceronte	1	4	12	48	12	48	25
D. Sintaxe	-		10	77	3	23	13
Pena (dó)	4	36	7	64	-		11
Sra. Etimologia	2	18	8	73	1	9	11
Pedrinho	1	10	7	70	2	20	10
Narizinho	1	17	5	83	-		6
Narrador	1	33	1	33	1	33	3
Outros	10	42	13	54	1	4	24
<b>Total</b>	<b>27</b>		<b>104</b>		<b>29</b>		<b>160</b>

Na Tabela 11 podemos observar quais personagens de EPG apresentam a maior frequência de uso de **a gente** pronominal em detrimento de **nós/-mos**. O rinoceronte, o narrador, D. Sintaxe e Pedrinho, nessa ordem, são os personagens que apresentam taxa mais alta de uso de **a gente** pronominal. Diferentemente de RN, onde a taxa mais alta de uso de **a gente** como pronome está na fala de tia Nastácia, em EPG parece não haver diferenciação significativa entre os personagens em relação ao emprego desse pronome, o que corrobora nossa hipótese inicial acerca dos personagens.

Antes de concluirmos esta seção, vale destacar o seguinte dado:

(105) – Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadinha – uma Oração que rezava assim: **Nós vai** brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural – **Vamos**. (EPG/DS, dona Sintaxe, p. 97)

Esta é a única ocorrência, envolvendo os dados em análise nesta dissertação, que mostra explicitamente uma correção gramatical, feita pela personagem D. Sintaxe.

### 5.3 DISCUSSÃO COM VISTAS AO ENSINO

Nesta seção, comentamos alguns dos resultados expostos nas seções precedentes, à luz do enquadramento teórico-conceitual e da revisão bibliográfica, apoiando nossas reflexões também nos trabalhos de Mattos (1988), Albieri (2006) e Souza (2010), que focalizam particularmente a obra *Emília no país da gramática*.

Especificamente a respeito dos resultados, alguns aspectos se destacam e merecem ser salientados, o que fazemos a seguir.

Um dado que nos chamou a atenção é que o uso de **nós** explícito em EPG foi bem maior do que em RN: em 177 contextos de **nós/-mos** em RN, houve 11% de **nós** explícito, ao passo que em EPG, em 131 contextos de **nós/-mos**, houve 21% de pronome **nós** expresso. Se considerarmos que a maioria dos **nós** em EPG ocorre na função sintática de sujeito e que menos da metade desse pronome em RN ocorre nessa função, temos um indicativo de maior preenchimento do sujeito pronominal de P4 em EPG. Essa é uma tendência que tem se verificado ao longo do tempo no português do Brasil (DUARTE, 1995), na contramão da recomendação normativa de não expressar o sujeito quando a desinência número-pessoal é marcada, para evitar redundância.

Outro fator a se destacar foi a praticamente ausência de desvio de concordância verbal, mesmo que a linguagem utilizada pelo autor seja, muitas vezes, informal, menos monitorada nas falas dos personagens. Não foram encontradas construções tais como: *a gente vamos, nós vai* – exceção de um único caso já citado (ocorrência (105)) e prontamente corrigido pela personagem D. Sintaxe em EPG. Note-se que estudos variacionistas sobre a escrita escolar – como o de Agostinho e Coelho (2015), reportado na Seção 3.4 – evidenciam esses usos desviantes da concordância padrão, provavelmente refletindo na escrita usos que são correntes na fala.

Em relação a **a gente**, em RN verificou-se um número maior de ocorrências nominais (60%) em relação às pronominais (40%). Já em EPG, houve 50% de **a gente** nominal e 50% de **a gente** pronominal. Embora a diferença percentual não seja acentuada, é um indício de que a forma **a gente** funcionando como pronome vinha se implementando fortemente na língua. Como já foi apontado, EPG foi publicada depois de RN, que começou a ser escrita bem antes. A comparação entre os dados de **nós/-mos** e **a gente** pronominal nas duas obras reforça essa tendência, pois se observou, relativamente, uma frequência maior de **a gente** expressando P4 em EPG do que em RN.

Uma questão interessante que emergiu na análise diz respeito à fala dos personagens. Em RN, tia Nastácia teve participação significativa nos diálogos e apresentou a maior incidência de uso de **a gente** pronominal entre os personagens. Em EPG, não houve dados dessa forma pronominal na fala de tia Nastácia. Essa personagem apareceu nesse livro, mas praticamente sem voz, sendo sempre referida por outros personagens, provavelmente devido à temática da obra que envolvia discussões acerca de gramática. Comparem-se os resultados, reproduzidos comparativamente na tabela a seguir, que combina os resultados percentuais das Tabelas 6 e 11.

Tabela 12. Distribuição da frequência de uso das formas **nós/-mos** e **a gente pronominal** por **personagem**, em *Reinações de Narizinho* e *Emília no país da gramática*

Formas Personagens	Nós %		-mos %		A gente Pro %		Total N	
	RN	EPG	RN	EPG	RN	EPG	RN	EPG
Narizinho	13	17	62	83	25	-	45	6
Pedrinho	2	10	90	70	8	20	52	10
D. Benta	5	-	90	-	5	-	20	-
Emília	-	12	86	72	14	16	14	57
Tia Nastácia	17	-	-	-	83	-	6	-
Peninha	-	-	100	-	-	-	9	-
Abelhas	20	-	80	-	-	-	15	-
Narrador	-	33	-	33	100	33	4	3
Rinoceronte	-	4	-	48	-	48	-	25
D. Sintaxe	-	-	-	77	-	23	-	13
Pena (dó)	-	36	-	64	-	-	-	11
Sra. Etimologia	-	18	-	73	-	9	-	11
Outros	17	42	78	54	5	4	41	24
<b>Total / N</b>	<b>19</b>	<b>27</b>	<b>158</b>	<b>104</b>	<b>29</b>	<b>29</b>	<b>206</b>	<b>160</b>

Vamos comentar esses resultados, brevemente, começando pelo uso inovador. O comportamento linguístico de Narizinho e de Pedrinho se inverte nas obras: enquanto a menina usa 25% de **a gente** pronominal na expressão de P4 em RN e 0% em EPG, Pedrinho aumenta seu uso dessa forma pronominal de 8% (RN) para 20% (EPG). Emília mantém uma frequência de uso estável nas duas obras. Tia Nastácia, como já pontuamos, não faz uso de contextos de P4 em EPG, mas dispara no uso de **a gente** em RN (83%). D. Benta, que faz pouco uso de **a gente** em RN (5%), apresenta apenas um contexto de P4 em RPG (**-mos**), ficando entre os “outros”. O narrador usa categoricamente **a gente** em RN e faz uso equilibrado das formas em EPG. Há personagens que só aparecem em uma das obras. Dentre esses, destacam-se o Rinoceronte, com alta incidência de **a gente** (48%) e pouco **nós** (4%), e D. Sintaxe, que não produz nenhum **nós** e usa **a gente** (23%).

Tais resultados suscitam alguns questionamentos: (i) Qual seria a razão da inversão verificada no comportamento linguístico de Narizinho e de Pedrinho? (ii) Por que tia Nastácia faz uso significativo de **a gente** em contraste a D. Benta, em RN, e o Rinoceronte, o gramático sabichão,

bem como D. Sintaxe, preferem **a gente** em vez de **nós**, em EPG? Na sequência da discussão, voltamos a essas questões.

Como já foi mencionado, não se percebeu nenhuma valoração negativa quanto ao uso de **a gente** como pronome substitutivo de **nós**. Mas não deixa de chamar a atenção a alta concentração dessa forma (em contraste com **nós**) na fala de tia Nastácia em RN – o estereótipo da cozinheira negra do sítio. Por outro lado, em EPG, o Rinoceronte, um gramático sabidão, na visão de Emília, é o personagem que mais produz **a gente** pronominal em detrimento de **nós**. Isso pode ser mais um indício, somado a outros já apontados, de que EPG apresenta uma linguagem mais inovadora do que RN no que diz respeito ao uso de **a gente** como pronome.

Talvez em razão da temática das obras, a questão da referência semântica mostrou-se diferenciada entre as obras, com predomínio de referência indeterminada em EPG e mais referência determinada em RN.

A importância dessa obra para o ensino de língua portuguesa é salientada por alguns autores. Mattos (1988) chama a atenção para o fato de que *Emília no país da gramática* tem início com Pedrinho relutando em ter aulas de gramática com a avó, mas depois descobrindo interesse nelas: “Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o *homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende*. Ditongo, fonema, gerúndio...” (LOBATO, 1934, p. 5; grifo acrescido). Segundo Albieri,

[n]a fala de Pedrinho está exposto o método que norteava o ensino de gramática na instituição: a obrigação, que muitas vezes elimina o prazer naquilo que se estuda, e o ato de decorar, e não entender os conceitos. Pedrinho, ao diferenciar a maneira institucional de aprender gramática da que é ensinada pela avó no sítio, é porta-voz de Monteiro Lobato, que criticava o método convencional de aprendizagem escolar da língua (neste caso específico), propondo uma nova maneira de lidar com o conhecimento (2006, p. 17).

Essa nova maneira era a proposta de Emília de as crianças irem passear no País-da-Gramática, em vez de ficarem ouvindo falar de gramática – ou seja, tratava-se de uma abordagem metodológica alternativa. A nova maneira envolvia viver a gramática, propor questões e refletir sobre ela, obtendo-se o conhecimento não por obrigação mas por prazer, no caso, mediante um passeio. Ainda nas palavras de Albieri

(2006, p. 24), Lobato, ao tratar os termos gramaticais como personagens humanizados, dotados de fala e ações, “redimensiona a noção de língua, tornando-a menos abstrata e mais viva, indo de encontro às definições das gramáticas escolares” e dos manuais didáticos.

Mattos (1988) destaca que os gramáticos são vistos como obstáculo para a língua evoluir, o que é retratado nas palavras de Pedrinho: “Os carrancas estão de óculos na ponta do nariz e lápis na mão, tomando notas” (LOBATO, 1934, p. 69), em que “carrancas” remete a gramáticos e filólogos. Em sua visita à Dona Etimologia, as crianças do Sítio “concluem que o povo muda a língua com os seus ditos erros, ou seja, que o erro, num certo momento, passa a ser considerado uso” (MATTOS, 1988, p. 1). Essa passagem remete claramente à noção de que as línguas variam e mudam e que os responsáveis por esses processos são os usuários, a despeito da intransigência de muitos gramáticos.

Souza (2010) também destaca o papel dos falantes na mudança linguística, ao reportar a fala do rinoceronte Quindim:

Os gramáticos mexem e remexem com as palavras da língua e estudam o comportamento delas, xingam-nas de nomes rebarbativos, mas não podem alterá-las. *Quem altera as palavras e as faz e desfaz e esquece umas e inventa novas, é o dono da língua – o Povo.* Os gramáticos, apesar de toda a sua importância, não passam dos ‘grilos’ da língua. (LOBATO, 1934, p. 45; grifo acrescido).

Outro aspecto apontado por Souza (2010, p. 43) é que “[c]ada palavra escolhida por uma pessoa para a estruturação do seu discurso contribui para o estilo individual e único deste usuário da língua.” Mas Emília, que é muito implicante, preferia que houvesse somente um jeito:

– Quantos jeitos! – exclamou Emília. Isso é que aborrece na língua. Em vez de haver um jeito só para cada coisa, há muitos. Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho à gente (LOBATO, 1934, p. 30).

Ao que o gramático Quindim replica:

– Dá um pouco de trabalho, sim – disse o rinoceronte – mas em compensação traz muitas vantagens. Se Pedrinho virar algum dia escritor de histórias, há de ver que esta variedade ajuda grandemente o estilo,

permitindo a composição de frases mais bonitas e musicais (LOBATO, 1934, p. 30).

Além do método alternativo e do fato inquestionável de que as línguas variam e mudam e se adequam ao estilo dos sujeitos, outro aspecto que uma das autoras evoca é quanto à utilização da obra de Lobato na esfera escolar:

a relação que pode ser estabelecida entre *Emília no país da Gramática* e as gramáticas escolares, no que se refere ao ensino, é que ambas são complementares, visto que esta tem por função, em ambiente escolar, educar os cidadãos na norma culta da língua; já aquela se utiliza, por se tratar de ficção, da instrução e da recreação, elementos que complementam [...] a educação formal. (ALBIERI, 2006, p. 24)

As reflexões reunidas nesta seção orientam, em certa medida, a proposta metodológica que apresentamos no capítulo a seguir.

\*\*\*

Concluimos o capítulo sobre análise e discussão dos resultados relativos ao uso de **nós/-mos** (e formas combinadas) e **a gente** nas obras *Reinações de Narzinho* e *Emília no país da gramática*. Os dados coletados nessas obras mostraram que, embora a forma pronominal padrão tenha predominado, o uso de **a gente** foi significativo, considerando-se a época em que os livros foram escritos. A presença do pronome inovador nos escritos de Monteiro Lobato contribui, a nosso ver, para a linguagem mais atrativa que o autor procurava trazer ao leitor.

Cumpramos enfatizar que o processo de gramaticalização de **a gente** – envolvendo a transição de nome para pronome e diferentes valores semânticos de mais genérico a mais determinado – pôde ser observado nas falas dos personagens com diferentes perfis socioculturais e em diferentes situações de comunicação. A maneira como **a gente** pronominal intercambiou com o **nós/-mos**, já no início do século XX, mostrou há quanto tempo essa forma gramatical já faz parte da fala cotidiana das pessoas.



## 6 PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

O pano de fundo para a elaboração da proposta didático-pedagógica apresentada a seguir é a ideia de que cabe à escola, através, principalmente, do professor, como mediador ou provocador, propor aulas, projetos, oficinas devidamente planejados, participando efetivamente das situações de interação, respeitando as experiências específicas que cada aluno traz em sua bagagem, incentivando uma reflexão acerca no processo de aprendizagem (SIQUEIRA, 2016).

Nossa intenção é oferecer condições para que os alunos reflitam sobre a língua em uso, considerando-a como um sistema heterogêneo historicamente situado, adaptável a diferentes situações de interação, por isso sujeito a variações e mudanças. O gatilho para isso é a leitura e discussão da obra de Monteiro Lobato, *Emília no país da gramática*:

[...] Monteiro Lobato, em *Emília no País da Gramática*, nos dá uma aula de reflexão sobre de quem é a língua e sugestões de como ensiná-la, mostrando que ensinar língua é ir muito além do ensino de gramática. Ele, com um tom quase de linguista, ensina as crianças e muito mais a nós, adultos (professores), que a língua é viva, dinâmica e está em constante construção. (SOUZA, 2010, p.39)

Cabe uma importante observação aqui. Embora o conjunto de atividades organizado contemple a questão da variação/mudança linguística, isso não significa que essa temática seja vista como um conteúdo a ser trabalhado numa unidade específica em determinado ano escolar. Pelo contrário: o uso da língua no dia a dia, nos mais diferentes gêneros, é caracterizado por fenômenos variáveis de todos os níveis gramaticais. O recorte aqui proposto tem apenas fins didáticos.

Mais especificamente, a proposta tem por foco levar os alunos a observarem os usos alternantes de **nós** e **a gente** em referência à primeira pessoa do plural, primeiramente nos diálogos travados ao longo do livro e, na sequência, em outros tipos de textos/gêneros, atentando para a questão da variação (coexistência e competição entre duas formas linguísticas) e da mudança (processo de substituição de uma forma por outra no sistema da língua, ao longo do tempo) – considerando sempre a atuação de fatores extralinguísticos sobre o uso da língua.

Trata-se de uma proposta didática idealizada, já que não parte de uma realidade contingencial, efetivamente vivenciada, mas se caracteriza como uma sugestão de atividades que podem ser adaptadas a diferentes situações. Essa sequência didática pode ser desenvolvida paralelamente às aulas de Língua Portuguesa, ou, até mesmo, ser contemplada no plano de ensino regular da turma.

Abaixo, o planejamento de ensino:

#### Objetivos gerais:

- Discutir sobre a heterogeneidade da língua portuguesa, considerando-a situada no tempo (historicamente), no espaço (localmente) e nas situações comunicativas, estando sujeita a variações e mudanças originadas no uso.
- Refletir sobre a questão do preconceito linguístico, atentando para formas de combatê-lo.
- Desenvolver a capacidade de interação em diferentes contextos sociocomunicativos.

#### Objetivos específicos:

- Reconhecer que a língua é constituída por diferentes variedades, sendo uma delas a norma culta.
- Reconhecer que podem existir diferentes formas para expressar um mesmo significado na língua.
- Observar o funcionamento do paradigma pronominal do PB, especialmente no que se refere a P4, em diferentes gêneros.
- Sistematizar padrões de uso pronominal a partir das atividades desenvolvidas.

#### Público-alvo:

8º e/ou 9º ano do Ensino Fundamental.

#### Tempo estimado:

20 horas, aproximadamente 7 semanas.

Recursos:

Data Show, internet, gramáticas, livros didáticos, dicionários e textos diversos

Avaliação:

O processo avaliativo será contínuo e servirá para se obter um cenário de como os alunos estão desenvolvendo sua capacidade de observação, análise e percepção das formas pronominais empregadas no uso da língua em diferentes situações comunicativas. Há também a possibilidade

## ATIVIDADES PROPOSTAS

**Quadro 9** - Etapas previstas para a sequência didática

<b>Aula</b>	<b>Atividades Propostas</b>	<b>Resultado esperado</b>
1ª Etapa Contato com o autor ML e a obra: EPG (02 horas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação de ML, contextualizando o autor e sua obra.</li> <li>• Apresentação de EPG.</li> <li>• Discussão sobre a temática de EPG.</li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Essa atividade deve ser precedida de solicitação de rápida pesquisa sobre a biografia do autor.</p> <p>Os alunos podem acessar a obra na web e/ou manuseá-la com buscas na biblioteca.</p> <p>Leitura de alguns capítulos da obra mencionada, tanto individualmente quanto coletivamente.</p>	<p>Que se desperte nos alunos curiosidade de conhecer as obras de ML.</p> <p>Em relação à linguagem, que observem:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- a fácil compreensão do texto escrito no início do século XX;</li> <li>- a informalidade que caracteriza os diálogos dos personagens;</li> <li>- a temática da variação/mudança linguística (assunto abordado por vários personagens).</li> </ul>

	Obs.: EPG será o ponto de partida e o ponto de chegada da sequência de atividades.	
<p>2ª Etapa</p> <p>Contato com pronomes de P4 com foco no uso de <b>a gente</b></p> <p>(02 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discussão sobre o uso de pronomes de P4, com ênfase no uso cotidiano do <b>a gente</b> em reproduções comerciais.</li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Apresentar aos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- imagens de diálogos/frases alternando o uso do <b>nós/a gente</b>; (Anexo C)</li> <li>- slides publicitários com frases de pessoas conhecidas, utilizando o <b>a gente</b> como pronome. (Anexo D)</li> <li>- Solicitar que busquem outros exemplos em diferentes mídias.</li> </ul>	<p>Espera-se que os alunos percebam:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- o uso alternado de <b>nós</b> e de <b>a gente</b> para se referir à primeira pessoa do plural;</li> <li>- que a variação pronominal está presente em diferentes situações comunicativas;</li> <li>- que <b>a gente</b> pode ser utilizado em situações formais e informais com o mesmo valor e prestígio.</li> </ul>
<p>3ª Etapa</p> <p>Pronomes pessoais em materiais didáticos com abordagem normativa tradicional</p> <p>(02 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise dos pronomes pessoais de acordo com algumas gramáticas normativas e com o livro didático (LD).</li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Distribuir na sala algumas gramáticas de linha tradicional e orientar os alunos na busca de como o</p>	<p>Almeja-se que os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- observem que o quadro tradicional de pronomes não apresenta <b>a gente</b> como P4;</li> <li>- problematizem o quadro tradicional,</li> </ul>

	<p>quadro pronominal é apresentado, enfatizando os pronomes retos, que funcionam como sujeito.</p> <p>Orientar os alunos a fazerem a mesma busca em seu LD. Obs.: O professor pode disponibilizar diferentes LD para comparação.</p>	<p>considerando os usos observados na etapa anterior.</p>
<p>4ª Etapa</p> <p>Pronomes pessoais em gramáticas descritivas</p> <p>(02 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Análise dos pronomes pessoais de acordo com algumas gramáticas descritivas com LD que contemple <b>a gente</b> como P4, enfatizando o uso de <b>a gente</b> em lugar de <b>nós</b> em diversos locais de escrita.</li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Entregar aos alunos gramáticas descritivas e orientá-los a localizarem o quadro pronominal.</p> <p>Fazer a mesma busca em LD que traga <b>a gente</b> no quadro pronominal.</p>	<p>Espera-se que os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>percebam que o quadro tradicional idealizado dos pronomes pessoais convive com o quadro real;</li> <li>compreendam que <b>a gente</b>, em muitas gramáticas e LD, já é categorizado com uma forma a mais de pronome de P4;</li> <li>entendam que o quadro dos pronomes vem passando por mudanças no PB, a partir do uso dos falantes.</li> </ul>

<p>5ª Etapa</p> <p>Usos de <b>a gente</b> em diferentes funções</p> <p>(02 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise de diferentes usos de <b>a gente</b>, com foco nas formas nominal e pronominal.</li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Leitura e discussão do texto “Vida da Gente” (adaptado) de Fernando Bonassi. (Anexo E).</p> <p>Levantamento de todas as ocorrências de <b>a gente</b> no texto.</p> <p>Orientar os alunos para que distribuam essas ocorrências em dois grupos, de acordo com algum critério que eles mesmos estabeleçam.</p> <p>Problematizar as diferenças entre as formas e funções.</p> <p>Sistematizar as ocorrências em dois grupos: função nominal e função pronominal.</p>	<p>Espera-se que os alunos, com a orientação do professor, percebam que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>a gente</b> nominal sempre se refere a uma terceira pessoa;</li> <li>- <b>a gente</b> pronominal sempre se refere a P4;</li> <li>- as diferentes funções só são percebidas no contexto.</li> </ul>
<p>6ª Etapa</p> <p>Pesquisa do uso de <b>a gente</b> em EPG</p> <p>(02 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantamento das ocorrências de <b>a gente</b>, com suas respectivas funções (nominal e pronominal).</li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Distribuir os alunos em cinco grupos, dando a</p>	<p>Espera-se que os alunos, com a orientação do professor, percebam:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- as diferentes funções e os diferentes contextos de uso da forma <b>a gente</b>;</li> </ul>

	<p>cada um a tarefa de examinar alguns capítulos da obra, de modo que a obra completa seja contemplada.</p> <p>Obs.: Utilizar a ferramenta de busca do word. na obra disponível <i>online</i>.</p> <p>Socializar os achados.</p>	<p>- que as funções nominal e pronominal se distribuem igualmente no livro;</p> <p>- como o autor, já em 1930, variava no uso dos pronomes de P4: <b>nós e a gente</b>;</p> <p>- que o uso de <b>a gente</b> como nome aconteceu primeiro na língua portuguesa;</p> <p>- que o uso de <b>a gente</b> como pronome aconteceu depois na língua e decorreu do primeiro uso.</p>
<p>7ª Etapa</p> <p>Os pronomes pessoais no capítulo de EPG: “Na casa dos Pronomes”</p> <p>(02 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação-problema: <ul style="list-style-type: none"> <li>ML colocaria <b>a gente</b> no quadro dos pronomes pessoais?</li> </ul> </li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Em grupos, os alunos receberão o capítulo “Na casa dos Pronomes” (Anexo F) da obra EPG, para leitura e compreensão.</p> <p>Problematizar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- sobre que mudança falam os personagens?</li> </ul>	<p>Espera-se que os alunos percebam:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- que a discussão sobre inovação se dá apenas em relação aos pronomes <b>tu e você</b>;</li> <li>- o quadro pronominal incluiria em P2 <b>tu e você</b>;</li> <li>- <b>a gente</b> aparece na fala de personagens</li> </ul> <p>“São <i>umas palavrinhas muito</i></p>

	<p>- como seria o quadro pronominal dos pronomes do caso reto a partir da discussão dos personagens?</p> <p>- como fica o <b>a gente</b>?</p> <p>- por que os personagens comentam a mudança entre <b>tu</b> e <b>você</b> e nada dizem sobre <b>nós</b> e <b>a gente</b>?</p>	<p><i>boas que a gente emprega a toda hora</i>” (Emília).</p> <p>mas não entra na discussão dos personagens;</p> <p>- a entrada de <b>você</b> no quadro pronominal do PB ocorreu antes da entrada de <b>a gente</b>.</p>
<p>8ª Etapa</p> <p>Fechamento com a produção de um painel explicativo com as ocorrências de <b>nós</b> e <b>a gente</b> em EPG</p> <p>(06 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir um quadro demonstrativo das ocorrências de <b>nós</b> e <b>a gente</b> (nominal e pronominal) em EPG.</li> <li>• Explicar a variação no uso de <b>nós</b> e <b>a gente</b>, com foco na forma inovadora.</li> </ul> <p><b>Forma de realização:</b></p> <p>Em grupos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- complementar a atividade da 6ª etapa com a busca pelo pronome <b>nós</b> e a desinência verbal <b>-mos</b>;</li> <li>- organizar um quadro, sistematizando as formas encontradas nas duas etapas de busca;</li> <li>- redigir um breve texto falando sobre:</li> </ul>	<p>Espera-se que os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- sistematizem os resultados dos levantamentos feitos;</li> <li>- corroborem o fato de que <b>a gente</b> nominal nunca é P4;</li> <li>- percebam a coexistência de <b>a gente</b> pronominal e <b>nós</b>;</li> <li>- percebam que a variação entre os pronomes de P4 tem implicações na concordância verbal;</li> <li>- percebam que o pronome sujeito apagado é o <b>nós</b>, cuja identificação se dá na desinência verbal -</li> </ul>

	<p>. os pronomes de P4 em gramáticas normativas e descritivas;</p> <p>. a entrada de <b>a gente</b> no paradigma pronominal;</p> <p>. a concordância verbal com <b>nós</b> e <b>a gente</b>;</p> <p>. o apagamento do sujeito <b>nós</b> e o não apagamento do sujeito <b>a gente</b>.</p> <p>Socializar os trabalhos na turma.</p>	<p><b>mos</b> (o que não ocorre com <b>a gente</b>).</p>
--	---	--



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta dissertação, cabe destacar que, em seu início, entre outros objetivos, foi proposto fazer uma análise de obras de um autor pré-modernista do início do século XX no que tange à variação pronominal, aportando especificamente no uso alternado de **nós** e **a gente** como pronome pessoal, com foco neste último. Além disso, nossa proposta era, ao final, propor alguns direcionamentos de cunho pedagógico para tratar desse fenômeno.

Diante disso, é chegado o momento de apresentar as conclusões obtidas, de retomar os objetivos e hipóteses traçados à luz dos resultados atingidos, de destacar os aspectos considerados mais relevantes por nós, apontando as principais contribuições, especialmente para o ensino, bem como as limitações/dificuldades encontradas na execução deste trabalho.

Atentando, primeiramente, aos principais objetivos da dissertação, consideramos que foram atingidos e as hipóteses foram atestadas: i) as concepções de normas e de gramáticas com base na língua em uso orientaram nosso olhar para a questão da variação e mudança e para a reflexão acerca do ensino de gramática; ii) a análise das falas dos personagens das obras RN e EPG, com levantamento das formas de P4 **nós** (e formas combinadas) e **a gente** (além da forma nominal) – evidenciando que **a gente nominal** é mais frequente que **a gente pronominal** e que **nós** é mais frequente que **a gente** para referir P4 – foi exitosa; iii) a verificação de possíveis mesclas entre as formas **nós** e **a gente** num mesmo enunciado mostrou que praticamente as formas de referência a P4 não se misturam no contexto de um enunciado, embora sejam usadas alternativamente pelos mesmos personagens; iv) os

contextos identificados como os que mais apresentam a variação pronominal são a função sintática de sujeito e os próprios personagens: Narizinho (em RN) e Emília (em EPG); v) uma percepção a que se chegou, embora não se tenha feito uma análise probabilística, é a de que não há condicionadores claros que propiciam mais ou menos o uso de **nós** e **a gente** nas obras analisadas, pois as ocorrências variaram entre as mais diversas situações e personagens.

Acreditamos que seja no contexto linguístico mais recorrente para o uso de **a gente** pronominal, aquele em que ocorre maior variação entre **nós** e **a gente** – o de sujeito – que o sintagma nominal **a gente** emerge como pronome. No entanto, não dispomos de evidências mais robustas acerca desse processo.

A busca por indícios valorativos associados às formas pronominais, especialmente à forma inovadora, revelou que aparentemente não há nenhum estigma associado a esse uso, já que **a gente** pronominal é empregado por grande parte dos personagens, independentemente de suas características socioculturais no âmbito das obras. No entanto, observamos que em RN é tia Nastácia, personagem negra, não escolarizada e empregada da família, que faz mais uso de **a gente** – o que poderia nos levar a pensar na influência da estratificação social. Essa hipótese, porém, perde força ao notarmos que em EPG o personagem que mais usa **a gente** em lugar de **nós** é o rinoceronte, tido como gramático sabichão. Além disso, encontramos apenas uma ocorrência com correção explícita, já citada em (105) “Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadinha – uma Oração que rezava assim: **Nós vai** brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural – **Vamos**. (EPG/19, dona Sintaxe, p. 97)”. Podemos notar que nesta ocorrência o

“**nós vai**” é prontamente corrigido pela personagem D. Sintaxe, apresentando, dependendo da interpretação, um preconceito com a construção, caracterizando a pedagogia do erro.

Além disso, mostramos que a linguagem, no que diz respeito ao fenômeno variável em estudo, apresenta algumas diferenças entre RN e EPG, basicamente em termos de frequência de uso da forma pronominal inovadora e de tipos de contexto sintático em que ela aparece, e ainda em termos de tipo referência, sendo o **a gente** de EPG mais indeterminado do que o **a gente** de RN (diferença que foi interpretada em razão das temáticas das obras).

Chamou-nos a atenção, na análise de RN e EPG, o fato de que já em meados da década de 1930 ML procurava trazer em sua obra reflexões sobre a variação e a mudança linguística, e o uso variável de **a gente** como pronomes de P4 – constatação que é de grande importância para se pensar o ensino de gramática em sala de aula.

O mapeamento feito nas obras analisadas acerca do uso de **nós** e **a gente** trouxe luz ao modo como as formas pronominais de P4 são coexistentes, mesmo que em proporções distintas, como, por exemplo, o uso do **a gente** pronominal sobressaindo-se na análise quantitativa na obra EPG. Da mesma forma, o **nós** apagado e resgatado na desinência –**mos** teve grande destaque pela quantidade de ocorrências encontradas, em número significativamente maior que o pronomes expresso.

Em relação a esses fenômenos, é relevante o fato de que RE foi escrita vários anos antes de EPG, embora sua publicação tenha sido mais tardia. Isso talvez explique certas diferenças em termos de frequência de uso nas duas obras: maior emprego de **nós** explícito em EPG e, conseqüentemente, menor frequência de apagamento do sujeito; número

maior de contextos sintáticos de aparecimento de **a gente** pronominal em EPG; distribuição mais equilibrada entre as formas de **a gente** nominal e pronominal em EPG, ao passo que em RN predomina largamente **a gente** nominal; concentração de **a gente** pronominal na fala de tia Nastácia em RN em contraponto ao uso recorrente de **a gente** pronominal pelo rinoceronte em EPG, o que, como já dito, obscurece relativamente a correlação entre estratificação sociocultural do personagem e o uso da forma inovadora. Essa é uma questão que permanece em aberto: uma análise mais refinada da fala dos personagens, considerando seu perfil sociocultural em relação à época de produção das obras.

Por fim, consideramos que foi alcançado o objetivo de propor sugestões metodológicas para trabalho com o fenômeno variável em questão, no Ensino Fundamental, a partir das obras literárias de Monteiro Lobato, no caso, a partir de EPG.

Uma das características do mestrado profissional em Letras – ProfLetras – é a de propor projetos didático-pedagógicos para serem desenvolvidos e aplicados a alunos de rede pública de Ensino Fundamental, anos finais. Diante disso, a contribuição proposta para o ensino foi uma sequência didática, conforme detalhada no capítulo anterior. As atividades foram planejadas para partir da realidade dos alunos, considerando-os como agentes no processo interativo, em atividades epilinguísticas que envolvem reflexão e análise. Nessa perspectiva, foram propostas atividades que envolvem o uso variável de **nós** e **a gente**, com foco na forma inovadora. Acreditamos que esse movimento didático evidencia o que, de fato, defende o programa ProfLetras em termos de metodologia de ensino.

Em relação às expectativas/limitações encontradas na execução deste trabalho, mencionamos – embora não conste dos objetivos iniciais – a não aplicação da proposta didático-pedagógica *in loco* por nós, já que tal proposta fica como sugestão de trabalho futuro a ser desenvolvido pelos docentes em sala. Em virtude disso, não podemos avaliar sua aplicabilidade.

Por fim, outro desafio que merece menção é o fato de que durante a elaboração desta dissertação pudemos notar que muitos professores de língua portuguesa dos anos finais não têm conhecimento do que seja preconceito linguístico, e muitos têm desconhecimento total do que seja variação linguística. Tudo isso mostra o longo e árduo caminho que a escola ainda tem que percorrer, mesmo que reconheçamos o inegável avanço em função dos inúmeros trabalhos já publicados valorizando esses temas.

Daí a necessidade de valorização e continuidade de programas nos moldes do ProfLetras que têm por princípio capacitar professores, além de despertar o desejo pela pesquisa aplicada à sala de aula de uma maneira realista, palpável e prazerosa, instigando em cada um o repensar da prática docente, bem como apresentar uma gama de teóricos que auxiliem a quebrar paradigmas e modelos tradicionais em tempos de mudança e variação linguística.

Dessa experiência, saímos com a sensação de término da escalada de uma grande montanha: apesar dos percalços que existem durante a subida, a visão que se encontra no topo é recompensadora, revigorante e motivacional. Vem dessa sensação a vontade de lecionar mais e mais, e dar publicidade máxima ao tema, a fim de que docentes de língua portuguesa possam ter acesso a essa dissertação e que tenham essa

mesma sensação de que vale muito a pena todo o esforço para melhorar o ensino de língua portuguesa no Brasil nas escolas públicas.

## 8 REFERÊNCIAS

- ALBIERI, Thaís da Mattos. Lobato: a cultura gramatical em Emília no país da gramática. **Sínteses** - Revista dos Cursos de Pós-Graduação. Vol. 11. Unicamp. p. 9-35, 2006.
- AGOSTINHO, Silvana Regina do Nascimento. **A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita dos alunos do ensino fundamental**. Dissertação de mestrado em Linguística. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.
- AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento. COELHO, Izete Lehmkuhl. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: FARACO, Carlos Alberto. ZILLES, Ana Maria Stahl (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 79-80.
- ASSUNÇÃO, Érica Patrícia de Barros. **Os liames entre a sociolinguística e a literatura: análise da linguagem construída no romance *Um manicaca***. In: Ininga, vol 3, n. 1, 2016, p. 49.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 1952.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo, Publifolha, 2008.
- BONASSI, Fernando. **Vida da Gente: crônicas publicadas no suplemento Folhinha de São Paulo**. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A Língua Portuguesa no Brasil: um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro. In: **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 31-52.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**: Brasília, DF: MEC/SEF, 2000.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado em Linguística, 2009.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (orgs.). **Sociolinguística**. RJ: Eldorado, 1974.

BORGATTO, Ana Trinconni.; BERTIN. Terezinha.; MARCHEZI, Vera. **Projeto Teláris: português**. – 6º ano. 2. ed. São Paulo: Ática, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2010.

CEREJA, Willian. Roberto.; MAGALHÃES, T. C. **Português linguagens** – 7º ano. 9. ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

COELHO, Izete L.; GÖRSKI, Edair M.; NUNES DE SOUZA, Christiane M.; MAY, Guilherme H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Breve gramática do português contemporâneo**. 12.ed. Lisboa: Edição João Sá da Costa, 1999.

DUARTE, Maria Eugênia L. **A perda do princípio “Evite o Pronome” no português brasileiro.** Campinas, 1995. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. ZILLES, Ana Maria Stahl. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERNANDES, Hercília Maria. A Literatura Infantil Através dos Tempos in MARTINS, M.A.S.R. (org). **Educação, Mídia e Cognição.** Bauru: São Paulo, 2010.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Anglo, 2012.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KOCH, Ingedore V. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1992.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática.** 2018. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Emília no país da gramática: edição comentada - 11<sup>a</sup> ed.** 2012. Disponível em: <<http://asletradas.blogspot.com/2012/05/emilia-no-pais-da-gramatica.html>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

. **Reinações de Narizinho**. 2018. Disponível em:  
<[http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias\\_miniweb/lobato/Vol1\\_Reinacoes\\_de\\_Narizinho.pdf](http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Vol1_Reinacoes_de_Narizinho.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

. **Reinações de Narizinho**: 1ª edição. 2019. Disponível em:  
<<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/literatura/reinacoes-de-narizinho-299440>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e A gente no Português Falado Culto do Brasil**. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português**. Frankfurt amMain/Madrid:Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174. Disponível em:  
<<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/Lopestese.pdf>>. Acessado em: jul. 2013.

\_\_\_\_\_. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 4, n.1 (47-80), julho de 2004.

\_\_\_\_\_. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **REVISTA MATRAGA**. Rio de Janeiro, v.19, n.30, p.30-42, jan./jun, 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22624>. Acesso em: 19 abr. 2018.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 8. Ed. Rios de Janeiro: Globo, 1987.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 51-58.

MATTOS, Maria Augusta B. de. A gramática da Emília. Mesa-redonda comemorativa dos quarenta anos da morte de Monteiro Lobato. **XXXV Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**. Taubaté/SP, 1988. Disponível em:  
<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/maugusta.htm>> Acesso em 18/abri/2018.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e Ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006a

MICHELON, Talita Maiara. **A leitura promovendo o uso adequado da variação linguística e do letramento**. Bauru: Universidade Estadual Paulista - UNESP. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, 2011.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**. Volume 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NEVES, Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Tânia Amaral *et al.* **Tecendo linguagens – 6º ano**. 4. ed. São Paulo: IBEP, 2015.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

RENNÓ, Marcos Antonio Travello. **Os pronomes pessoais da 1ª pessoa: uma análise a partir das produções escritas dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015. (Dissertação Mestrado)

SACCONI, Luís Antonio. **Gramática essencial ilustrada**. 19. ed. rev. e atual. São Paulo: editora HARBRA, 2004.

SANTANA, Abdon Mendes Borges. **Nós e a gente – um retrato do português popular de Salvador**. Dissertação de mestrado em Estudo da Linguagem. Salvador, Universidade do Estado da Bahia/UNEB, 2014.

SOUZA, Rita Rodrigues de. Emília no país da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. **REVELLI** – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas. v. 2, n. 1 – março de 2010 – p. 38-52.

Disponível em: <[www.ueginhumas.com/revelli](http://www.ueginhumas.com/revelli)> Acesso em: 30 de out. 2018.

SIQUEIRA, Mara Aparecida Andrade Rosa. **O ensino de gramática a partir da língua em uso:** por uma prática voltada ao desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. 2016. 269 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina - Ufsc, Florianópolis, 2016.

SOUZA, Loide Nascimento. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. in LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. **Monteiro Lobato - livro a livro.** São Paulo: Ed. Unesp, 2009. [

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolinguística.** 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática.** São Paulo: Scipione, 1996

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus. São Paulo: Cortez, 1996.

VIANNA, Juliana Segadas & LOPES, Célia Regina dos Santos. 2015. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antônio & ABRAÇADO, Jussara. 2015. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola,** 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

ZILLES, Ana Maria Stahl. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente.** *Letras de Hoje.* v. 42. n. 2. Porto Alegre: junho, 2007. p. 27-44.

## ANEXO A

### Apresentando a obra *Reinações de Narizinho*:

Clássico da literatura infantil que vem atravessando gerações, o livro *Reinações de Narizinho* reúne histórias que começaram a ser escritas por Monteiro Lobato, em 1920, e levaram cerca de uma década para ficarem prontas. Neste livro *Narizinho*, a neta de Dona Benta, visita o Reino das Águas Claras e leva com ela a boneca de pano Emília. Com a chegada de Pedrinho, o primo da menina do nariz arrebitado que veio passar férias no Sítio do Picapau Amarelo, as reinações de *Narizinho* ficam ainda melhores. As crianças se divertem fazendo o Visconde com um sabugo de milho e planejando o casamento de Emília com o leitão Rabicó...<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Extraído de LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. 1ª edição. Disponível em:

<<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/literatura/reinacoes-de-narizinho-29944065>>.

Acesso em: 22/jan/2019.

*Corpus de análise – Reinações de Narizinho, vol I.*Quadro 1: Histórias de *Reinações de Narizinho* (livro publicado em 1931)

<b>Histórias de RN</b>		<b>Páginas</b>
NA	Narizinho arrebitado	02-19
SP	O Sítio do Pica-pau	20-51
MR	O marquês de Rabicó	52-62
CN	O casamento de Narizinho	63-79
AP	Aventuras do príncipe	80-97
GF	O gato Félix	98-112
Cc	A cara de coruja	113-130
IP	O irmão de Pinóquio	131-148
CC	O circo de cavalinhos	149-166
Pp	A pena de papagaio	167-189
PP	O pó de Pirlimpimpim	190-205

Levantamento de dados por capítulo:

(A) *gente/nós* (-mos, nos, conosco, nosso)

NA- Narizinho arrebitado (p. 2- 19)
<b>A GENTE/GENTE</b>
<p>— Melhor que seja assim, — filosofou Narizinho. — As ideias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que <b>a gente</b> já as adivinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emilia hão de ser sempre novidades. (NA Narizinho, p. 18)</p>
<p>— Eu não disse? — exclamou o besouro, levantando-se e escovando com a manga a cartolinha suja de terra. — É, sim, ninho de fera, e de fera espirradeira! Vou-me embora. Não quero negócios com <b>essa gente</b>. Até logo, príncipe! Faço votos para que sare e seja muito feliz. (NA besouro, p. 4)</p> <p>— Não é preciso — explicou o grande médico. — Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como <b>toda gente</b>. (NA médico, p.18)</p> <p>— Ora graças! — exclamou a menina. — Podemos agora conversar <b>como gente</b> e saber quem foi o bandido que assaltou você na gruta. (NA Narizinho, p. 18)</p> <p>A negra abriu a maior boca do mundo.  — E fala mesmo, sinhá!... — exclamou no auge do assombro.  — Fala que nem <b>uma gente</b>! Credo! O mundo está perdido... (NA tia Nastácia, p. 19)</p>
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>Conversaram longo tempo, e por fim o príncipe convidou-a para uma visita ao seu reino. Narizinho ficou no maior dos assanhamentos.</p> <p>— Pois <b>vamos</b> e já — gritou — antes que tia Nastácia me chame. (NA Narizinho, p. 5)</p> <p>O príncipe ajeitou-se para acordá-lo com um pontapé na barriga, mas a menina interveio.</p> <p>— Espere príncipe! Eu tenho uma ideia muito boa. <b>Vamos</b> vestir este sapo de mulher, para ver a cara dele quando acordar. (NA Narizinho, p. 5)</p>

O príncipe consultou o relógio.

— Estou na hora da audiência — murmurou. — **Vamos** depressa, que tenho muitos casos a atender. (NA príncipe, p. 6)

— Quem são esses Bernardos? — indagou a menina.

— São uns caranguejos que têm o mau costume de se apropriarem das conchas destes pobres moluscos, deixando-os em carne viva no mar. Os piores ladrões que **temos** aqui. (NA príncipe, p. 6)

Enquanto conversavam, dona Aranha ia trabalhando no vestido.

— Está pronto — disse ela por fim. **Vamos** prová-lo. (NA dona Aranha, p. 12)

— Impossível descobrir o criminoso — declarou o príncipe.

— Não há indícios. Só depois que o doutor Caramujo curá-la da mudez é que **poderemos** descobrir alguma coisa.

— **Havemos** de tratar disso amanhã bem cedo — concluiu Narizinho. (NA príncipe; Narizinho p.15)

— Nesse caso, muito boa noite, senhor sapo. Só amanhã **poderemos** tratar disso. Tenha paciência e cuide de não morrer até lá. (NA Narizinho, p. 16)

— **Podemos** agora curar a senhora Emília — declarou ele depois de costurar a barriga do sapo. (médico, p. 17)

E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se.

— Ora graças! — exclamou a menina. — **Podemos** agora conversar como gente e saber quem foi o bandido que assaltou você na gruta. (NA Narizinho, p. 18)

— E por castigo — ajuntou o príncipe — está condenado a engolir cem pedrinhas redondas, em vez das cem moscas do **nosso** trato. (NA príncipe, p. 6)

Depois encerrou a audiência e disse ao primeiro-ministro:

— Mande convite a todos os nobres da corte para a grande festa que vou dar amanhã em honra a **noossa** distinta visitante. (NA príncipe, p. 8)

— Lá vem o malvado! — disse ele. — Esses monstros divertem-se em espetar as pobres baleias como se elas fossem almofadinhas de alfinetes. Vamo-**nos** embora, que a luta vai ser medonha. (NA príncipe, p. 8)

— Qual sapo, nem papagaio, nem elefante, nem jacaré. Quem vem passar uns tempos **conosco** é o Pedrinho, filho da minha filha Antonica. (NA Dona Benta, p. 19)

— Um anãozinho que **nos** apareceu aqui ontem para contratar-se como bobo da corte. **Estamos** sem bobo desde que o **nosso** querido Carlito Pirulito foi devorado pelo peixe-espada. (NA príncipe, p. 10)

### SP- O Sítio do Pica-pau amarelo (p. 20-51)

#### A GENTE/GENTE

Dona Benta voltou-se para tia Nastácia.

— Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar **a gente**. (SP Dona Benta, p. 21)

Para matar o tempo a menina pôs-se a observar o corre-corre delas, esquecendo a briga com a boneca.

— Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena **a gente** não entender o que dizem...

— **A gente** é modo de dizer — replicou Emília — porque eu entendo muito bem o que dizem. (SP Narizinho; Emília, p. 28)

Pois onde é que já se viu uma coisa assim, sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando, sinhá, falando que nem **uma gente!**... Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido... (SP tia Nastácia, p. 22)

Narizinho fez cara de quem diz: “Ninguém pode entender como funciona a cabeça da Emília! Ora raciocina muito bem, tal qual **gente**. Outras vezes, é assim — tão torto que deixa uma pessoa trapalhada...” (SP Narizinho, p. 36)

Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem **gente** e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia daquelas, toda a vida ocupadas num trabalhão tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores... (SP Narrador, l. 46)

O tiziu desceu da árvore, vindo pousar em seu ombro.

— Então que é isso, Pedrinho? Deixo você em casa feito **gente** e o venho encontrar virado em ave!... (SP Narizinho, p. 49)

### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

Até baleias **vimos** lá, uma baleia enorme, dando de mamar a três baleinhas. Vi um milhão de coisas mas não posso contar nada nem para vovó nem para tia Nastácia porque não acreditam. (SP Narizinho, p. 21)

Pois onde é que já se viu uma coisa assim, sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando, sinhá, falando que nem uma gente!... Qual, ou **nós estamos** caducando ou o mundo está perdido... (SP tia Nastácia, p. 22)

Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?” — perguntou. “Há que **estamos** cansados e com fome e este famoso orador não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau”, disseram as formigas. (SP formigas, p. 25)

— Viva! — gritou a menina, correndo a lhe segurar a rédea. — Apeie depressa, senhor doutor, que **temos** mil coisas a conversar! (SP Narizinho, p. 32)

— É verdade!... **Podemos** fazer de Rabicó um marquês e casar Emília com ele! (SP Pedrinho, p. 34)

Em certo ponto Narizinho disse à boneca:

— **Vamos** apostar corrida? Emília aceitou, muito assanhada. (SP Narizinho, p. 36)

— A bolsa ou a vida! — repetiu Tom Mix, carrancudo.

— Bolsa não **temos**, senhor Tom Mix — disse a menina — mas tenho aqui uns bolinhos muito gostosos. Aceita um? (SP Narizinho, p. 38)

Ao vê-los sumirem-se ao longe, Narizinho criou alma nova.

— Ufa! — exclamou. — **Escapamos** de boa! **Continuemos** a **nossa** viagem, Emília... (SP Narizinho, p. 38)

— Permitam-me, senhores que vos apresente a senhora condessa de Três Estrelinhas. Esta ilustre dama foi vítima dum desastre no caminho e não consegue andar sem encosto. Poderá algum dos senhores arranjar-lhe um par de muletas?

— **Podemos**, sim, mas antes deverá consultar o grande médico que por acaso se acha aqui, vindo do reino das Águas Claras. (SP zangões, p. 41)

O marquês coçou a cabeça, embaraçado, lançando olhares gulosos para a abóbora que estivera comendo quando Tom Mix apareceu.

— **Vamos** deixar o caso para ser decidido amanhã — disse por fim. (SP marquês, p. 45)

— Mas a rainha, a rainha! — insistiu a menina. — Quero ser apresentada à rainha!

— Pois **vamos** lá — respondeu a abelha. — Sigam-me. (SP abelha, p. 46)

— Darei o mel e a cera que quiser — respondeu a rainha sorrindo; — quanto ao tostão, guarde-o para você, que aqui entre **nós** não tem o menor valor o dinheiro dos homens. (SP rainha das abelhas, p. 47)

— Querem mel? — perguntou logo uma abelha de avental muito limpa que tomava conta daquela repartição.

— **Queremos**, sim, senhora! Mel e cera.

— De que qualidade?

— Há de muitas qualidades?

— **Temos** aqui mel de flores de laranjeira, mel de flores de jabuticabeira lá do sítio de dona Benta e **temos** o mel mil-flores, colhido de todas as flores do campo. (SP Narizinho; abelha, p. 47)

— Espere-me no portão do palácio com os cavalinhos prontos que também já **vamos** — ordenou-lhe a menina. (SP Narizinho, p. 48)

— Acho que **temos** de pôr a senhora condessa dentro dum dos ancorotes de mel. (SP Tom Mix, p. 48)

— Assim é — disse ele. — Todos **viramos** aves lá em casa. (SP Pedrinho, p. 49)

— Que horror! — foi o grito que escapou de Narizinho. — Que vai ser de **nós** agora? Já sei quem á essa velha! Não pode ser outra! Bem ela me disse que havia de vingar-se...

— Que foi que aconteceu, princesa? — indagou Tom Mix, já de mão no revólver.

— Não sei, Tom, se desta vez **nos** poderá valer! (SP Narizinho, p. 50)

E concluiu: — Com este muque e a sua esperteza, Narizinho, quero ver quem pode com a **nossa** vida! (SP Pedrinho, p. 32)

Pedrinho interrompeu a conversa, de ouvido atento.

— O mastro de São João!... — murmurou enlevado. — Quantas vezes no colégio me iludi com os ringidos das portas, imaginando que era a bandeira do **nosso** mastro!... Como vai ele? (SP Pedrinho, p. 32)

— Já reparou, Emília, como é bem arrumado este reino? [...] O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar tudo de modo que a colmeia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no **nosso** reino também fosse assim... (SP Narizinho, p. 45)

— Bem-vinda seja! — saudou a rainha numa doce voz maternal. — Tem gostado da **nossa** colmeia? (SP rainha das abelhas, p. 46)

... dona Benta ficou tão impressionada que disse para a boa negra:— Isto é um prodígio tamanho que estou quase crendo que as outras coisas fantásticas que Narizinho **nos** contou não são simples sonhos, como sempre pensei. (SP Dona Benta, p. 22)

— Amigo Tom Mix — disse Narizinho — fui covardemente traída pelo senhor marquês de Rabicó, um poltrão que ao ver-**nos** em perigo só cuidou de si, fugindo com quantas pernas tinha. Quero ser vingada sem demora, está entendendo? (SP Narizinho, p. 39)

— A única esperança que **nos** resta é Tom Mix — disse Narizinho. — Mas este caso é tão estranho que receio que nem ele possa **nos** salvar... (SP Narizinho, p. 50)

— Isso, sim, não deixa de me intrigar — disse ele. — Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, **temos** de botá-la fora e compor outra. Há muito tempo que ando com

esta ideia — fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar **conosco** outras aventuras. Que lindo, não? (SP Pedrinho, p. 34)

Narizinho estava ainda a comentar o desaforo quando os zangões que tinham saído em procura das muletas apareceram.

— Aqui no palácio não há muletas, senhora princesa, mas aí fora costuma andar um besouro manco que possui duas. Quer ir até lá **conosco**? (SP zangões, p. 42)

— Vê, Emília, de que **escapamos**? — cochichou Narizinho. Se **tivéssemos** errado o caminho e ido parar na terra das Vespas, com certeza **nos** matavam a ferroadas... (SP Narizinho, p. 41)

— Faça o favor, senhora abelhinha, de **nos** dar uma informação. Quem é, afinal de contas, que manda neste reino? A rainha?

— Não senhora! — respondeu a abelha. — **Nós** não **temos** governo, porque não **precisamos** de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto **somos** perfeitas. (SP Emília; abelha p. 45-46)

— De manhã **saímos** todas — continuou a abelha — cada uma para o seu lado, a fim de recolher o mel das flores e o pólen. É disso que **nos alimentamos**. Depois **guardamos** o mel nos favos. Se há concertos a fazer, qualquer uma de **nós** os faz sem que seja preciso ordem. (SP abelha, p. 46)

A abelha continuou:

— Pensa que a **noossa** rainha é alguma dama emproada como as rainhas dos homens? Nada disso. Nem rainha é! Os homens é que lhe chamam assim. Para **nós** não passa de mãe. Todas **somos** filhinhas dela — todas, todas! E **rodeamo**-la de comodidades e carinhos, sem nunca lhe **darmos** o menor desgosto. Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa de que felicidade só aqui. Cada uma de **nós** é feliz porque todas **somos** felizes. (SP abelha, p. 46)

<b>MR- O marquês de Rabicó (p. 52-62)</b>
<b>A GENTE/GENTE</b>
<p>— A pobre! — murmurou a menina muito triste. — Eu sinto bastante, Visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A vaca mocha come as donas Palhas e <b>a gente</b> come as vacas. A vida e um come-come danado! (MR Narizinho, p. 56)</p>
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>Uma tarde Narizinho ouviu dona Benta dizer à preta:      — Amanhã, dia dos anos de Pedrinho, <b>temos</b> de dar um jantar melhor. Há ainda algum leitão no ponto? (MR, dona Benta, p. 53)</p>
<p>— Peço-lhe mil desculpas, senhor Vidro Azul! Emília tem a mania de ser franca. Nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir. Não é aqui como o <b>nosso</b> Visconde de Sabugosa, que fala, fala e ninguém sabe nunca o que ele realmente está pensando... (MR Narizinho, p. 59)</p>
<p>— Como? Conte-<b>nos</b> isso — exclamou Narizinho, fingindo grande aflição. (MR Narizinho, p. 56)</p> <p>— Não coma esse leitão, Pedrinho! É Rabicó. Aquela diaba feia <b>nos</b> enganou e assou no forno o coitadinho... (MR Narizinho, p. 61)</p>

<b>CN- O casamento de Narizinho (p. 63-79)</b>
<b>A GENTE/GENTE</b>
<p>Narizinho riu-se de tanto olho arregalado e continuou:      — De que e que se espantam? Se <b>toda a gente</b> se casa, por que não posso casar-me também?      — Sim, minha filha — respondeu dona Benta com pachorra.      — Todos se casam, não há dúvida. Eu me casei, sua mãe se casou. Mas todos se casam com <b>gente</b> da mesma igualha. E muito diverso disso de casar com um peixe... (CN Narizinho; dona Benta p. 65)</p>
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>— Lá <b>arranjaremos</b> outro, como daquela vez — respondeu a menina. Este é só para a viagem.(CN Narizinho, p. 67)</p>

E voltando-se para o camarão cocheiro: — **Vamos!** (CN, Pedrinho, p. 69)

— Pois fique sabendo que vovó sabe — e até o senhor Visconde, só porque cheirou os livros de vovó, é capaz de saber. **Vamos**, Visconde!(CN, Narizinho, p. 70)

— Estou farto de fundo do mar — disse ele. — O melhor é **chegarmos** já, já, ao palácio do príncipe. (CN Pedrinho, p. 70)

— E agora, príncipe, que é que **vamos** fazer agora? – indagou ele. (CN Pedrinho, p. 71)

— E se **fizéssemos** de conta que já **estamos** descansados? (CN Pedrinho, p. 71)

— Não **podemos** aparecer na corte nestes trajés, não acha, Emília? (CN, Narizinho, p. 72)

— Que bom! — exclamou a menina batendo palmas. — Mas agora **temos** de recomeçar a festa desde o começo, se não Pedrinho fica danado. (CN Narizinho, p. 77)

— A senhora, que é a escrevente do mar, porque tem dentro do corpo uma pena de osso e um tinteiro de tinta, faça uma carta bem bonita pedindo a mão de Narizinho para o **nosso** amado príncipe. (CN doutor Caramujo, p. 64)

**Nosso** príncipe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o aceitar como esposo. [...] Quererá a menina salvar este reino da desgraça, compartilhando o trono com o **nosso** muito amado príncipe? (CN carta de peixinhos do mar, p. 65)

— Mas não é criatura da **nossa** espécie, menina. (CN dona Benta, p. 65)

— Rabicó não vai! — gritou Pedrinho que ia entrando nesse momento. — Está um marquês muito mal-educado, estragador de todas as **nossas** festas. (CN, Pedrinho, p. 67)

— Está vendo, doutor? O senhor é um Liparis, Liparis! Com “L” grande! Escreva na sua casca para não esquecer. O **nosso** Visconde sabe o nome científico de todas as coisas, menos uma... (CN Narizinho, p. 70)

**AP- Aventuras do príncipe (p. 80-97)**

**A GENTE/GENTE**

— Para que serve isto? — perguntou ele.

— Para **a gente** não se molhar — respondeu a menina. (AP Narizinho, p.84)

— Ora veja! — exclamou tia Nastácia sacudindo a cabeça. — Uma coisa tão simples e eu nunca me lembrei! Estou vendo que esses bichinhos do mar são mais sabidos do que **a gente**, sinhá. (AP tia Nastácia, p.87)

— Pois lá no mar não existe uma só criatura que não coma. E um come o outro. **A gente** precisa andar com as maiores cautelas, espiondo de todos os lados e escondendo-se quando vê algum peixe. Minha mãe foi comida por uma garoupa. (AP aranha, p. 89)

— Eles são todos muito boa **gente** — continuou a menina. (AP Narizinho, p. 82)

— Ele fala mesmo, Nastácia! Fala tal qual **uma gente**... . (AP dona Benta, p. 84)

— É que eles eram sabugos e sendo sabugo a mocha não perdoa mesmo. Agarra e vai mascando. Mas para **gente** como nós, **gente** de carne, ela não faz nada. (AP Narizinho, p. 92)

— Não! — respondeu a menina. — Isso aí são espantadores de **gente**. Chamam-se chifres e servem para chifrar. (AP Narizinho, p. 93)

**NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— Eu não engulo carretéis, menina — explicou a Aranha. — **Nós nascemos** com o carretel dentro. (AP Aranha, p. 88)

— Os gênios não se combinam. Além disso, Emília não se casou por amor, como **nós**. Só por interesse, por causa do título. Emília não é mulher para Rabicó. (AP Narizinho, p. 85)

Agarra e vai mascando. Mas para gente como **nós**, gente de carne, ela não faz nada. (AP, Narizinho, p. 92)

Depois que desapareceram ao longe, a primeira a falar foi Narizinho.

— O que vale é que o gato Felix não tarda por aí. Se não fosse isso, não sei o que seria de **nós**.. (AP, Narizinho, p. 97)

— Você tem razão, minha filha — disse ela por fim. — Esse mundo em que você e Pedrinho vivem é muito mais interessante que o **nosso**. (AP dona Benta, p. 84)

— Não vale a pena, príncipe! O **nosso** Visconde já andava meio maluco com as suas manias de sábio. (AP Narizinho, p. 85)

— Desculpe, príncipe — disse a menina voltando-se para ele.

— Esta **noessa** amiga marquesa possui uma torneirinha de asneiras. (AP, Narizinho, p. 94)

Dona Benta sentiu muito e disse:

— Pois, senhor príncipe, **noessa** casa está sempre às suas ordens. (AP dona Benta, p. 96)

— Não é nada, vovó. É o príncipe Escamado com sua corte que vem **nos** visitar. Ele quer muito conhecer a senhora. (AP, Narizinho, p. 82)

— Muito obrigado — respondeu o peixinho com voz sumida.  
— Também eu faço muito empenho em que a senhora **nos** apareça lá pelo  
reino. (AP peixinho, p. 96)

— Adeus, dona Aranha. Narizinho está precisando de mim. Vai passear **conosco** ou fica? (AP Emília, p. 90)

**GF- O gato Félix (p. 98-112)**

**A GENTE/GENTE**

— “É hora, **gente!**” Todos vieram postar-se em redor do ilustre personagem. (GF tia Nastácia, p. 98)

Todos deram gostosas risadas e tia Nastácia observou:

— Isso é invenção de **gente** sem serviço. Esse lugar nunca existiu. (GF tia Nastácia, p.102)

Todos bateram palmas e dona Benta cochichou para a negra:

— Boa razão tem você de dizer que o mundo está perdido! Pois não é que essa boneca aprendeu a contar história que nem **uma gente** grande? (GF dona Benta, p.108)

Logo que a noite caiu, tia Nastácia acendeu o lampião da sala e disse: “É hora, **gente!**” Todos foram aparecendo e cada qual se sentou no lugar do costume. (GF tia Nastácia, p.110)

**NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— Bravos! Bravos ao Visconde! — exclamaram todos. — Viva o **nosso** Sherlock Holmes!... (GF, todos, p. 112)

— **Estamos** descobertos, rapaziada! Este é o tal Cristóvão Colombo que vem tomar conta das **nessas** terras. (GF índio, p. 100)

— Vejam que injustiça **íamos** cometendo com o **nosso** pobre Visconde, só porque havia embolorado e estava muito feio! (GF, dona Benta, p. 112)

— Pois então **vamos** dormir — disse dona Benta levantando-se — e quem conta a história de amanhã vai ser a Emília. (GF dona Benta, p. 103)

Logo que os meninos souberam do caso, Pedrinho disse:

— **Vamos** armar uma ratoeira, mas o melhor é **consultarmos** o Visconde. (GF Pedrinho, p. 104)

— Agora — disse o pobre — **vamos** sair os dois pelo mundo para tirar esmolas. (GF o pobre, p. 107)

— **Vamos** dormir, criançada — disse dona Benta — e amanhã quem vai contar uma história é o Visconde. (GF dona Benta, p. 108)

<b>Cc- Cara de coruja (113-130)</b>
<b>A GENTE/GENTE</b>
<p>— Impossível! — respondeu Branca. — Eles são sete, e se sair um quebra a conta. <b>A gente</b> não deve mexer com o número sete, que é mágico. (Cc, Branca de Neve, p. 118)</p> <p>— O mundo está perdido!... Quando eu havia de pensar que o Visconde ia ter este fim? Não valemos nada nesta vida. Quando chega a hora de virar, pode ser rei, pode ser Visconde, <b>a gente</b> vira mesmo — e ainda é bom quando vira pilão... (Cc tia Nastácia, p. 126)</p>
<p>Logo depois ouviu-se um tic, tic, tic, na porta, e Rabicó anunciou:</p> <p>— Um senhor <b>pingo de gente</b> com umas botas maiores do que ele! (Cc marques de Rabicó, p. 119)</p> <p>— Para brincar de esconder — respondeu o <b>pingo de gente</b> dando um pulo para dentro do pito e ficando tão bem escondidinho que ninguém seria capaz de o descobrir. (Cc narrador, p.120)</p> <p>— Como? — exclamou Narizinho. — Pois a Morgiana não matou essa <b>gente</b> toda com azeite fervendo? (Cc Narizinho, p. 121)</p> <p>Quando tia Nastácia entrou na sala com a bandeja de café, seus olhos se arregalaram de espanto.</p> <p>— Credo! — exclamou. — Não sei onde Narizinho descobre tanta <b>gente</b> importante e tanta princesa tão linda! (Cc, tia Nastácia, p. 124)</p> <p>— Hum... Hum!... Estou sentindo cheiro de avó de <b>gente</b>... — rosnou ele. (Cc lobo, p. 127)</p>
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>— Não é nada, vovó. Uma simples festinha que <b>vamos</b> dar aos <b>nostros</b> amigos do País das Maravilhas.</p> <p>— Quer dizer que <b>vamos</b> ter novamente aqui o príncipe e aqueles bichinhos todos do mar?... (Cc Pedrinho; dona Benta, p. 113)</p> <p>— Venha acudir o Visconde. Estou vendo um pedaço dele lá no fundo; com certeza o resto foi devorado pelas aranhas de pernas compridas. <b>Temos</b> que salvá-lo depressa... (Cc Narizinho, p. 114)</p>

— Acho que não **devíamos** convidar esse monstro. Vovó vai morrer de medo.

— Não faz mal — conciliou a menina. — Mandei-lhe um convite bem seco,mas se mesmo assim ele vier **nós fecharemos** a porta bem no nariz dele — ha!...Convidei-o de tanta vontade que tenho de ver se a tal barba e mesmo azul como dizem. Mas **tratemos** de salvar o Visconde. (Cc Pedrinho; Narizinho, p. 114)

— Ainda não, Visconde! É muito cedo. **Temos** de ir tomar café primeiro. Só na volta é que o senhor começa a ver poeirinhas. (Cc Narizinho,p. 115)

— Que reinação **vamos** ter hoje, Narizinho? (Cc dona Benta, p. 115)

— Que beleza! — exclamou Emília extasiada. — Eu, se fosse o senhor,deixava-as aqui no sítio por uma semana. Que bom! **Poderíamos** brincar o dia inteiro de estar aqui e estar lá no mesmo instante... (Cc Emília, p. 119)

— Coitada de sua avó! — exclamou Emília. — Você não imagina como **ficamos** tristes com o que lhe aconteceu! (Cc Emília, p. 124)

— Pois apareça aqui um dia — disse Pedrinho — para **vermos** quem pode mais, você com sua lâmpada ou eu com o meu bodoque. (Cc Pedrinho, p. 125)

— O mundo está perdido!... Quando eu havia de pensar que o Visconde ia ter este fim? Não **valemos** nada nesta vida. Quando chega a hora de virar, pode ser rei,pode ser Visconde, a gente vira mesmo — e ainda é bom quando vira pilão... (Cc, tia Nastácia, p. 126)

— **Vamos**, Visconde! Faça alguma coisa! Mexa-se!... (Cc Emília, p. 127)

— E **nós** também — disseram Rosa Vermelha e Rosa Branca. — **Temos** à noite a visita do Pássaro Azul. (Cc Rosa Vermelha e Rosa Branca, p. 128)

— Que ideia! — respondeu a princesa sorrindo. — Para que esse bruto derrubasse uma pedra em cima do sítio de dona Benta e **nos** esmagasse a todos, como fez com o navio de Sindbad? (Cc princesa Xerazade, p. 123)

— Só o Visconde poderá **nos** salvar! — exclamou Emília. (Cc Emília, p. 127)

— O lobo está arrebrandando as tábuas. Mais um minuto e penetra aqui. Veja se acha um jeito de **nos** salvar, Visconde!...(Cc Narizinho, p. 127)

— Bonito! — exclamou Narizinho. — Os senhores vão para a troca e **nos** deixam aqui sozinhas à mercê das feras... (Cc Narizinho, p. 128)

— Como é tarde! — exclamou Branca de Neve. — Tenho de estar no castelo às sete para receber dois príncipes que vêm jantar **conosco**. (Cc Branca de Neve, p. 128)

### IP- O irmão de Pinóquio (p. 131-148)

#### A GENTE/GENTE

— Coitada de vovó! — disse um dia Narizinho. — De tanto contar histórias ficou que nem bagaço de caju; **a gente** espreme, espreme e não sai mais nem um pingo. (IP, Narizinho, p. 131)

— Che, que fiasco! — exclamou tia Nastácia pendurando o beijo. — Nunca vi ação mais feia. Eu, se fosse Dona Benta, não deixava que essa cavorteiragem fosse passando assim sem mais nem menos. Dava umas palmadinhas nela, ah, isso dava mesmo! Onde se viu querer empulhar **a gente** dessa maneira? Credo! (IP tia Nastácia, p. 137)

— É extraordinário! — observou Pedrinho. — Não posso compreender tal fenômeno. O tronco gemeu de cortar o coração **da gente**, e no entanto este pedaço do tronco não dá sinal de vida. Anda aqui um grande mistério !... (IP Pedrinho, p. 139)

Ela sabia que o melhor meio de escapar dos grandes perigos era fechar os olhos, bem fechados, como **a gente** faz nos sonhos quando sonha que está caindo num precipício. (IP narrador, p. 145)

— Viveu, sim! — insistiu a menina. — Mas só vive quando **a gente** “muda de estado”. (IP Narizinho, p. 147)

— Não sei explicar. Só sei que em certos momentos **a gente** muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de nós. (IP Narizinho, p. 148)

— O pau gemia que nem **gente** de carne e osso — ai! ai!ai! numa voz que lembrava um pouco a do Visconde. (IP Pedrinho, p. 135)

O desenho de tia Nastácia não tinha forma de **gente**; parecia um coisa-ruim de carvão, tão feio que todos se riram. (IP narrador, 136)

Narizinho, que já conhecia Peter Pan, fez várias perguntas a respeito desse extraordinário “menino que jamais quis ser **gente grande**” e de sua inseparável companheira, a fada Sininho. (IP narrador, p. 147)

### **NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— Que pena! — murmurou o menino fazendo bico. — Não fosse a tal sabedoria da vida, que nunca vi mais gorda, e hoje mesmo eu dava conta do livro e ficava sabendo toda a história do Pinóquio. Mas não! **Temos** de ir na toada de carro de boi em dia de sol quente... (IP Pedrinho, p. 131)

— Pois ela que se transforme e apareça por aqui para **brincarmos** de virar. (IP Capinha, p. 146)

— Não sei explicar. Só sei que em certos momentos a gente muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de **nós**. (IP, p. 148)

— Alto lá! — interveio dona Benta. — Quem vai ler o Pinóquio para que todos ouçam, sou eu, e só lerei três capítulos por dia, de modo que o livro dure e **nosso** prazer se prolongue. (IP dona Benta, p. 131)

Logo, se você procurar, bem procurado, é possível que descubra em **nossas** matas algum “exemplar esporádico da mirífica substancia”. (IP, Visconde, 133)

— Hein? — murmurou Faz-de-conta chegando e olhando. — Estou reconhecendo esta vespa. Quando o tronco de pau de que fiz parte era arvore viva, cheia de flores cada mês de setembro, muitas vezes a vi lá em **nossos** galhos. (IP Faz-de-conta, p. 144)

— Que pena não ter portado um minuto para tomar café **conosco!** — exclamou Capinha. (IP, Capinha, p. 146)

### CC- O circo de cavalinhos (149-166)

#### A GENTE/GENTE

— Foi cavorteiragem dela, sinhá! — dizia a preta. — Emília está ficando sabida demais. Juro que foi ela quem escondeu os seus óculos para apanhar os cobres. **A gente** vê cada coisa neste mundo! Uma bonequinha que eu mesma fiz, e de um pano tão ordinário, tapeando **a gente** desta maneira! Credo!... (CC, tia Nastácia, p. 157)

— Como é birrenta! **A gente** quando quer uma coisa precisa dar as razões e não ir dizendo quero porque quero. Isso só rei é que faz. (CC Narizinho, p. 159)

Todos o imitaram — e foi um berreiro de deixar **a gente** surda. (CC narrador, p. 161)

— Não é “círculo”, Emília, nem “escavalinho”. É circo de cavalinhos.

— Mas **toda gente** diz assim — retorquiu a teimosa criaturinha.

— Está muito enganada. Eu também sou **gente** e não digo assim. O Visconde, que está quase virando **gente**, também não diz assim. (CC, dona Benta; Emília; dona Benta, p. 149)

Na tarde daquele dia dona Benta caiu numa grande aflição. Imaginem que tinha perdido os óculos e não podia costurar, nem fazer coisa nenhuma. “Sem óculos não sou **gente**” – costumava dizer. (CC dona Benta, p. 156)

— Todos já procuraram os seus óculos, menos eu. Quer que os procure?

— Que bobagem, Emília! Pois se Nastácia e Narizinho, que são **gente**, não acharam meus óculos, você, que é uma simples boneca de pano, os há de achar? (CC dona Benta, p. 156)

Ser delegado de polícia era para tia Nastácia a coisa mais importante que um homem podia ser — “porque prendia **gente**” — explicava ela. (CC tia Nastácia, p. 159)

Contou que vinha muita **gente** do reino das Águas Claras, menos o príncipe Escamado. (CC narrador, p. 160)

Narizinho achou conveniente fazer a apresentação de ambas por haver ali muita **gente** que as desconhecia. (CC narrador, p. 163)

### **NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— O Visconde daria um bom palhaço, se não fosse a sua mania de ciência; mas creio que **podemos** curá-lo. Vou chamar o doutor Caramujo. (CC Pedrinho, p. 150)

— Que bom médico! — exclamou a menina logo que o doutor Caramujo

partiu. Com um doutor assim até dá gosto ficar doente. Mas estou notando que **esquecemos** duma coisa, Pedrinho.

— Que foi?

— **Esquecemos** de botar casos engraçados dentro da barriga do Visconde. Como vai ser palhaço de circo, ficaria ótimo se **nós** o **recheássemos** como tia Nastácia faz com os perus. (CC Narizinho, p. 151)

— **Temos** agora de deixá-lo em repouso durante três dias — recomendou. (CC o doutor, p. 151)

— Muito bem! — disse a menina depois que os portadores partiram. — Só resta agora **convidarmos** os **nossos** amigos do País das Maravilhas. (CC Narizinho, p. 154)

— Que cachorro? Não **temos** nenhum aqui.

— Mas **vamos** ter. Pedirei ao tio Barnabé que **nos** empreste o Maroto por uma semana. (CC Pedrinho, p. 154)

— Menos — advertiu Pedrinho. — **Podemos** contar com a renda do circo. (CC Pedrinho, p. 155)

— ..E vou fazer já os bilhetes, porque **precisamos** vender essas cadeiras hoje mesmo e receber o dinheiro adiantado. (CC Pedrinho, p. 155)

— Barba Azul! — exclamaram as princesas assustadas. — Cada vez que **pomos** o pé no sítio de dona Benta esse malvado aparece. (CC as princesas, p. 161)

— **Podemos** dar começo — disse Pedrinho à menina. — Vá preparar a Emília que eu vou cuidar do palhaço. (CC Pedrinho, p. 163)

— Depressa, Pedrinho. Mande Rabicó chamar o doutor Caramujo. O **nosso** Visconde está muito mal. (CC Narizinho, p. 150)

— Agora sim — disse Pedrinho — **nosso** circo vai ter um palhaço ainda melhor que o tal Eduardo das Neves que tia Nastácia tanto gaba. (CC Pedrinho, p. 152)

— Não sei o que aconteceu. Mas depois daquela viagem ao sítio de dona Benta, o **nosso** amado príncipe nunca mais voltou ao reino. (CC o médico, p. 160)

— Respeitável público! — disse ele. — Uma grande desgraça aconteceu. O **nosso** famoso palhaço Sabugueira acaba de desaparecer misteriosamente. (CC Pedrinho, p. 165)

### **Pp- A pena de papagaio** (p. 167-189)

#### **A GENTE/GENTE**

A pior coisa do mundo é falar com criaturas invisíveis. **A gente** não sabe para onde virar-se. Assim estava Pedrinho, e para mais atrapalhá-lo a voz ora vinha da direita, ora da esquerda. (Pp narrador, p. 168)

— **A gente** precisa se precatar — dizia ela no meio do quarto, de mãos na cintura, repetindo uma frase que tia Nastácia usava muito. (Pp Emília, p. 171)

— Lembrei-me duma coisa — disse ele. — Como é muito enjoado lidar com um companheiro de viagem que **a gente** não pode ver, proponho que você traga uma pena no chapéu. Pela pena saberemos onde você está. (Pp Pedrinho, p. 172)

— Eu, quem? Eu nunca foi nome de **gente**. (Pp Pedrinho, p. 167)

— E falam mesmo! — exclamou Emília. — Falam tal qual **uma gente**... (Pp Emília p. 174)

— Não precisa falar francês comigo, menina. Entendo todas as línguas, tanto a dos animais como a das **gentes**. (Pp La Fontaine, p. 175)

— Como ela bate direitinho! — murmurou Emília. — Bate tal qual **uma gente**. (Pp Emília, p. 178)

### **NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— Deve ser muito bom ser invisível — disse Pedrinho. — Quantas vezes **conversamos** sobre isso eu e Narizinho!... (Pp Pedrinho, p. 168)

— E que **temos** de fazer para merecer? (Pp Pedrinho p. 168)

— Pois muito bem — concluiu Pedrinho. — **Partiremos** amanhã. (Pp Pedrinho, p. 169)

— **Temos** de resolver tudo já, porque amanhã de madrugada é a partida. (Pp p. 170)

— Acho que **devemos** ir todos, menos Rabicó — opinou a menina. (Pp Narizinho, p. 170)

— Muito bem — disse Pedrinho. — Nesse caso, **tratemos** de dormir mais cedo, porque **temos** de sair de madrugada. (Pp Pedrinho, p. 170)

Dona Benta estranhou aquela ida para a cama tão antes da hora e disse para tia Nastácia: “**Temos** novidades amanhã!...” (Pp dona Benta, p. 170)

— **Estamos** na hora — disse ela. — **Temos** de partir antes que o sol nasça. Que é do mapa? (Pp a voz, p. 172)

— Ai, que vergonha! — exclamou Emília tapando a cara com as mãos. — Que não dirá dona Benta quando souber que **estamos** em companhia dum ente que não usa roupas? (Pp Emília, p. 172)

— Lembrei-me duma coisa — disse ele. — Como é muito enjoado lidar com um companheiro de viagem que a gente não pode ver, proponho que você traga uma pena no chapéu. Pela pena **saberemos** onde você está. (Pp Pedrinho, p. 172)

— É que **estamos** chegando — respondeu a voz. (Pp a voz, p. 173)

— **Estamos** no País das Fábulas, também chamado Terra dos Animais

Falantes — explicou Peninha. — **Vamos** começar aqui a **nossa** viagem pelo Mundo das Maravilhas. (Pp Peninha, p. 173)

— Falam pelos cotovelos! — respondeu Peninha. — Falam para que possa haver fábulas. **Vamos** andando por este rio acima que logo **encontraremos** algum. (Pp Peninha, p. 174)

— E não é só isso. **Temos** contas velhas a ajustar. (Pp o lobo, p. 174)

— *Au revoir*, senhor de La Fontaine! **Acabamos** de chegar do sítio de vovó e **vimos** a bengalada que o senhor pregou no focinho daquele lobo antipático. Muito bem feito. Queria aceitar os **nostros** parabéns. Bon jour. (Pp Narizinho, p. 175)

— **Aproveitemos** o tempo para mais uma fábula. (Pp La Fontaine, p. 176)

Aqui **temos** um formigueiro onde vocês podem observá-las. (Pp La Fontaine, p. 177)

São insetos de alta inteligência. A muitos respeitos a formiga está mais adiantada que **nós**, homens. (Pp La Fontaine, p. 177)

— Psiu. — fez o fabulista. — Silêncio, agora. **Vamos** ver se é mesmo como eu escrevi. (Pp La Fontaine p. 178)

— Não ainda — disse Emília. — Primeiro **temos** de ajustar contas com a formiga. (Pp Emília, p. 179)

— Amor com amor se paga. Eu seguro a bruxa e você malha com a porta no nariz dela. **Vamos!** (Pp Emília, p. 179) [IMP]

— **Nós**, sábios, também não **fazemos** outra coisa — disse ele. — Mas como **dizemos nostros** tolices com arte, o mundo se ilude e as julga alta sabedoria. **Vamos**, bonequinha, diga uma tolice para o velho Esopo ver. (Pp Esopo, p. 181)

Já sei tudo. Não vale a pena **pararmos** para ver isso.

— Vale, sim! — contrariou Emília. — **Podemos** enganar a raposa e comer o queijo. (Pp Pedrinho; Emília, p.181-182)

— **Temos** aqui o Visconde que é um danado para contas. (Pp Emília, p. 182)

— Sei duma fresta na rocha — disse Peninha — donde **podemos** ver o leão sem que ele **nos** veja. (Pp Peninha, p. 183)

— Não valeu a pena **pararmos** para ver só isto — disse Pedrinho.  
— **Vamos** depressa à montanha. Talvez lá as fábulas sejam sempre as mesmas. (Pp Pedrinho, p. 183)

— Saiba Vossa Majestade que esta peste é um castigo do céu. **Ofendemos** as majestades celestes, foi isso. Agora, o remédio é **aplacarmos** a cólera dos deuses com o sacrifício de um de **nós**. (p. o macaco, p. 183)

— Sei duma fresta na rocha — disse Peninha — donde **podemos** ver o leão sem que ele **nos** veja. Sigam-me, sem fazer o menor barulhinho. (Pp Peninha, p. 183)

— **Fujamos** enquanto é tempo — gritou Peninha. — O leão já **nos** farejou aqui e está lambendo os beiços. (Pp Peninha, p. 185)

— Miserável burro de carroça! — berrou. — Pois te condeno a ser imediatamente estraçalhado pelo carrasco da corte. **Vamos**, tigre, cumpre a sentença do teu rei!... (Pp leão, p. 185)

— Majestade — disse um dos guardas — aqui **trazemos** a Vossa Sublime Presença estes quatro viajantes que estavam atravessando as fronteiras sem passaporte. (Pp guarda, p. 186)

Avise Peninha que **estamos** nas unhas desta horrenda macacada. (Pp Pedrinho, p. 186)

— **Vamos!** — gritou Peninha para o burro. (Pp Peninha, p. 188)  
[IMP]

— Quando **estivermos** juntos outra vez, contarei tudo mais direitinho. Agora não posso. Adeus, senhor de La Fontaine! Adeus, senhor Esopo! Até um dia! (Pp Narizinho, p. 188)

— Senhor de La Fontaine — disse Emília — fique sabendo que **gostamos** muito da sua pessoa. (Pp Emília, p. 189)

. Pedrinho reconheceu a “voz”.

— E ele! — exclamou. — Já esta à **nossa** espera no ponto marcado. (Pp Pedrinho, p. 171)

— Bobagens, Majestade! — disse ela. — Se há no mundo um ente limpo de crimes, certo que é o **nosso** bondoso rei leão. (Pp a raposa, p. 184)

— Bem me lembro — continuou a formiga. — Cantava de **nos** por doidas aqui dentro. Muita dor de cabeça tive por causa da sua cantoria, sabe? (Pp a formiga, p. 179)

— Bravos! — exclamou Narizinho. — Vovó **nos** contou a história dessa coitadinha que foi ao mercado vender o primeiro leite da sua vaca mocha... (Pp Narizinho, p. 182)

— Qual a sua opinião, senhor mono, sobre a peste que **nos** desgraça? (Pp o leão, p. 183)

— Eis o grande criminoso, Majestade! — disse ela apontando para o pobre burro. — É por causa dele que o céu **nos** mandou esta epidemia. (Pp a raposa, p. 185)

### PP- O pó de Pirlimpimpim (p. 190-205)

#### A GENTE/GENTE

A negra, que estava frigindo uns lambaris, apenas disse:

— Essas crianças fazem coisas **da gente** se benzer com as duas mãos, sinhá. (PP tia Nastácia, p. 190)

Narizinho então teve dá dela e contou a história inteira do menino invisível que os levara ao País das Fábulas.

— Ele vem carregando o Visconde, mas como é invisível **a gente** só vê o Visconde... (PP Narizinho, p. 191)

— Mas ele não fala como papagaio, vovó — explicou Pedrinho. — Papagaio só repete o que **a gente** diz. Este burro pensa para falar. (PP Pedrinho, p. 192)

Não é fácil lidar com o pó de pirlimpimpim. **A gente** tem de cheirá-lo na quantidade certa, nem mais, nem menos, se não vai parar para lá ou para cá do ponto que pretende alcançar. (PP narrador p. 194)

Seja lá o que apareça, leão, cuca, saci, onça ou pássaro Roca, **a gente** dá um jeito e no fim sai vencendo. (PP Narizinho, p. 196)

Instintivamente todos obedeceram. Fecharam os olhos, com toda a força, como **a gente** faz nos sonhos quando vai caindo num precipício. (PP narrador, p. 204)

O burro vinha na galopada e breve parou no terreiro com sua penna de **gente** no lombo. (PP narrador, p. 191)

Pedrinho já havia cheirado o pó mágico, cujo efeito era instantâneo. Começou a virar fumaça de **gente**, breve desaparecendo da vista de todos. (PP narrador, p. 196)

— Você esqueceu de despedir-se do Visconde, Pedrinho! Ele também é **gente**... [...] — Despeça-se deste toco, que é bem capaz de virar **gente** outra vez. (PP Emília, p. 205)

### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Inda é o que vale — concordou dona Benta. — A fome é a única coisa que faz Pedrinho e Narizinho não se separarem de **nós**... (PP, dona Benta, p. 190)

— De ninguém — respondeu o menino. — É nosso. **Salvamo**-lo das unhas do tigre e agora esta tão amigo que vem morar **conosco** para sempre. (PP Pedrinho, p. 191)

— Boa tarde, vovó! — gritou Narizinho ao pisar o primeiro degrau da escada.— Aqui **estamos** de novo, depois dum dia inteiro de aventuras espantosas... (PP Narizinho, p. 191)

— Nesse caso, **precisamos** recebê-lo com toda a consideração. (PP dona Benta, p. 192)

— Tive uma grande ideia, vovó — berrou ele. — Levar a senhora lá!... Já **sabemos** o caminho e **temos** o burro falante para **nos** conduzir. Que acha? (PP Pedrinho, p. 193)

— Não é rapé, vovó! É muito bom pó de pirlimpimpim, que Peninha me deu. Sem cheirar este pó nunca **chegaremos** ao País das Fábulas. (PP Pedrinho, p. 194)

— País das Fábulas? Então é para lá que **vamos** outra vez? Vocês prometeram que a segunda viagem seria para o Mar dos Piratas!

— Ao Mar dos Piratas **temos** de ir com o Peninha. E coisa para outro dia. Hoje **vamos** apenas dar um pulinho ao País das Fábulas para apresentar vovó ao senhor de La Fontaine. (PP Emília; Pedrinho, p. 194)

— Não tenha medo, vovó! É assim mesmo. Este *fun* dura enquanto **estivermos** voando. Depois para — sinal de chegada. (PP Pedrinho, p.194)

— **Chegamos** — disse Pedrinho descendo do burro — Pode apear, vovó. (PP Pedrinho, p.194)

— **Erramos**, vovó! — disse ele. — Isto nunca foi o País das Fábulas. (PP Pedrinho, p.195)

— E agora? — perguntou a velha, já com medo. — Melhor **voltarmos**. Estou sentindo uma coisa esquisita no coração...

— Sim, **podemos** voltar — concordou o menino — mas primeiro **temos** de tomar fôlego e esperar que passe a sua tontura. (PP dona Benta; Pedrinho, p.195)

— Misericórdia! — gritou dona Benta no auge do pavor. — Não eram árvores! Eram as pernas do pássaro Roca que **confundimos** com árvores! (PP dona Benta, p. 196)

— **Podemos** salvá-lo, vovó — disse Pedrinho abrindo o mapa do Mundo das Maravilhas. (PP Pedrinho, p. 196)

— Pelo amor de Deus, Pedrinho, não **nos** abandone neste maldito deserto! — implorou a nervosa velha. — Melhor **irmos** atrás desse barão todos juntos... (PP dona Benta, p. 196)

— **Temos** de esperar que ele baixe — disse o barão. (PP barão, p.197)

— De tudo. Vovó tem medo até de baratas. Hoje foi a primeira vez que a **trouxemos** ao mundo das aventuras. Mas **erramos** de terra e **viamos** parar bem embaixo do pássaro Roca. (PP Pedrinho, p.197)

— E esta agora! — exclamou o menino. — Querem ver que o **nosso** burro escapa do pássaro Roca para morrer afogado estupidamente, como um carneiro?

— **Vamos** salvá-lo, Pedrinho! — disse o barão despindo o casaco e sacando as botas. — Será um crime **deixarmos** morrer um burro que fala. (PP Pedrinho; barão, p. 200)

— Bem se diz que santo de casa não faz milagres! Nunca **demo**s grande importância ao Visconde e, no entanto, veja, até luto por ele o senhor de Munchausen vai botar...(PP dona Benta, p. 201)

— **Temos** que amarrar o bico deste horrendo pinto sem perda de um instante, se não o Roca surge por aí e **nos** devora. (PP Pedrinho, p. 202)

— **Fujamos!** — gritou o senhor de Munchausen ao avistá-lo, e botou-se... (PP senhor de Munchausen, p. 202) [IMP]

— Não contem nada à tia Nastácia para que ela não pense que estou caducando. **Vamos** fingir que **estivemos** na casa do compadre Teodorico. (PP dona Benta, p. 204)

— Justamente agora que **temos** o burro falante e tenho de ir embora!... (PP Pedrinho, p. 205)

Tinha sido isso mesmo. Por um desses acasos da vida, os **nosso**s viajantes haviam parado justamente debaixo do gigantesco pássaro das Mil e Uma Noites ... (PP narrador, p. 196)

— Obrigada por ter vindo em **nosso** socorro, senhor de Munchausen! — disse dona Benta, retribuindo a cortesia. (PP dona benta, p. 197)

Tabela - Distribuição da forma (A) GENTE em *Reinações de Narizinho*, vol. I

<b>Histórias</b>	<b>GENTE (nome)</b>	<b>A GENTE (pronome)</b>
Narizinho arrebitado (17 p.)	4	1
O Sítio do Pica-pau amarelo (31 p.)	4	3
O Marquês de Rabicó (10 p.)	0	1
O casamento de Narizinho (16 p.)	2	0

Aventuras do príncipe (17 p.)	5	3
O gato Félix (14 p.)	4	0
Cara de coruja (17 p.)	5	2
O irmão de Pinóquio (17 p.)	3	6
O circo de cavalinhos (17p.)	8	4
Pena de papagaio (22 p.)	4	3
O pó de Pirlimpimpim (15 p.)	4	6
<b>TOTAL</b>	<b>43</b>	<b>29</b>



## ANEXO B

### Apresentando a obra *Emília no País da Gramática*:

O livro *Emília no País da Gramática*, de Monteiro Lobato, começa com Pedrinho no sítio de sua avó, Dona Benta. Apesar de estar em férias, ela o ajuda a estudar gramática, já que o menino acha muito chato ter que decorar tantos nomes e regras. Emília, a boneca de pano, sugere que ao invés estudar apenas pelo livro, eles fizessem uma viagem e visitassem o País da Gramática. Para isso, pedem ajuda e partem ao lombo do famoso gramático, o rinoceronte Quindim. Na entrada, são recebidos por barulhos de vespas, os sons orais. Emília é a mais questionadora de todos e já começa a expor suas dúvidas e indignações com tantos nomes “feios”, difíceis- xingamentos, como diz- e tantas normas. Ao longo do livro, eles visitam diversas cidades, como são chamadas as divisões dos grupos de palavras. Passam pela Portugália, onde vivem as palavras da língua portuguesa, Galópolis, de língua inglesa; pelas variações como as gírias, neologismos; visitam as que já estão morrendo e quase não são mais usadas, no Arcaísmo e vão até ao cemitério, onde se encontram as palavras latinas, que já estão mortas. Durante o passeio, vão percebendo que por mais que haja rixas entre alguns grupos, uns se julguem mais importante que os outros, não haveria como escrever uma oração sem todas as palavras juntas. Verbos, adjetivos, substantivos, todos são tão importantes quanto e indispensáveis para a expressão do pensamento dos homens, e interpretação da realidade. Ao longo da jornada, questionam o porquê de tantas formas

diferentes de se conjugar verbos, dar aumentativo e diminutivo às coisas, se não poderiam mudar para jeitos mais fáceis. A turma aprende também que os gramáticos não podem mudar a língua, apesar de quererem que ela pare em um certo ponto do tempo. A língua não para nunca, sempre muda e evolui e por isso, não podemos dizer que diferentes formas de falar sejam erros, mas apenas diferentes. Após passarem por todas as classes gramaticas, pronomes pessoais, possessivos, artigos definidos e indefinidos, palavras de gente de fora, e tantas outras, cercam-se de um mistério: o sumiço do Visconde de Sabugosa e do ditongo ão, desprezado por apenas ajudar a formar algumas palavras. Emília, a mais esperta, logo desvenda o mistério. O visconde sofria do coração e por isso raptou o pobre ão, já que tinha medo de quando alguém lhe gritava palavras assim. Faziam-no lembrar de tiro de canhão e latido de caozarrão. Emília, então, mandou que ele devolvesse o pobre ditongo, já que ele não era da Academia Brasileira de Letras para poder mexer nas palavras.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup>Extraído de LOBATO, M. *Emília no país da gramática* – edição comentada 11<sup>a</sup> ed. Disponível em:

<<http://asletradas.blogspot.com/2012/05/emilia-no-pais-da-gramatica.html>>. Acesso em 13/jan/2019.

*Corpus de análise – Emília no país da gramática*

Quadro 2: Histórias de *Emília no país da gramática* (livro publicado em 1934)

	[EPG] Capítulos	Páginas
1	<a href="#">Uma ideia da Senhora Emília</a>	05-11
2	<a href="#">Portugália</a>	12-18
3	Gente importante e gente pobre	19-24
4	<a href="#">Em pleno mar dos Substantivos</a>	25-31
5	<a href="#">Entre os Adjetivos</a>	32-35
6	<a href="#">Na casa dos Pronomes</a>	36-40
7	Artigos e Numerais	41-42
8	<a href="#">No acampamento dos Verbos</a>	43-49
9	<a href="#">Emília na casa do Verbo Ser</a>	50-54
10	<a href="#">A tribo dos Advérbios</a>	55-58
11	<a href="#">As Preposições</a>	59-60
12	<a href="#">Entre as Conjunções</a>	61-61
13	<a href="#">A casa da gritaria</a>	63-65
14	<a href="#">A Senhora Etimologia</a>	66-70
15	<a href="#">Uma nova Interjeição</a>	71-76
16	<a href="#">Emília forma palavras</a>	77-81
17	<a href="#">O susto da velha</a>	82-87
18	<a href="#">Gente de fora</a>	88-93
19	<a href="#">Nos domínios da Sintaxe</a>	94-99
20	<a href="#">As figuras da Sintaxe</a>	100-102
21	<a href="#">Os vícios de linguagem</a>	103-108

22	<a href="#">As orações ao ar livre</a>	109-112
23	<a href="#">Exame e Pontuação</a>	113-116
24	<a href="#">E o Visconde?</a>	117-121
25	<a href="#">Passeio ortográfico</a>	122-126
26	Emília ataca o reduto etimológico	127-136
27	Epílogo	137-138

Versão digital disponível em:  
 <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>  
 Acesso em 10/abril/2018.

Levantamento de dados por capítulo:

(A) *gente/nós (-mos, nos, conosco, nosso)*

<b>SE- Uma ideia da Senhora Emília</b>
<b>A GENTE/GENTE</b>
— Mas o homem obriga <b>a gente</b> a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios. . . (SE Pedrinho, p. 6)
— Bastava dizer que o tal acento cai na última, na penúltima ou na antepenúltima. Dava na mesma e não enchia a cabeça <b>da gente</b> de tantos nomes feios. Proparoxítona! Só mesmo dando com um gato morto em cima até o rinoceronte miar. (SE Emília, p.10)
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
— Mas, meu filho, se você apenas recordar com sua avó o que anda aprendendo na escola, isso valerá muito para você mesmo, quando as aulas se reabrirem. Um bocadinho só, <b>yamos!</b> Meia hora por dia. Sobram ainda vinte e três horas e meia para os famosos brinquedos. (SE Dona Benta, p. 5)
É que realmente andava com uma grande idéia na cabeça.

— Pedrinho — disse ela um dia depois de terminada a lição — , por que, em vez de **estarmos** aqui a ouvir falar de gramática, não **havemos** de ir passear no País da Gramática? (SE Emília, p. 6)

— Existe, sim. O rinoceronte1, que é um sabidão, contou-me que existe. **Podemos** ir todos, montados nele. Topa?. (SE Pedrinho, p. 6)

— É que já **entramos** em terras do País da Gramática — explicou o rinoceronte. — Estes zumbidos são os SONS ORAIS, que voam soltos no espaço. (SE Rinoceronte, p.7)

— Não comece a falar difícil que **nós ficamos** na mesma — observou Emília. — Sons Oraís, que pedantismo é esse? (SE Emília, p.7)

— Nele já **estamos** — disse o paquiderme. (SE Rinoceronte, p.7)

— Os sons espalhados pelo ar, e que são representados por letras, fundem-se logo adiante em SÍLABAS, e essas Sílabas formam PALAVRAS as tais palavras que constituem a população da cidade onde **vamos**. (SE Rinoceronte, p.8)

— A mesma que há entre a sua pessoa, Pedrinho, e a palavra Pedro — isto é, nenhuma. Nome é nome; não precisa ter relação com o "nomado". Eu sou Emília, como podia ser Teodora, Inácia, Hilda ou Cunegundes. Rinoceronte!. . . Como sempre fui a botadeira de nomes lá do sítio, resolvo batizar o rinoceronte assim — e pronto! **Vamos**, Rinoceronte, explique-**nos** que cidades são aquelas. (SE Emília, p.8)

**PT- Portugália** (p. 12-18)

**A GENTE/GENTE**

Era uma cidade como todas as outras. **A gente** importante morava no centro **e a gente** de baixa condição, ou decrépita, morava nos subúrbios. (PT Narrador, p. 12)

... Mas começaram a aparecer uns Advérbios novos, que caíram no gosto **das gentes** e tomaram o meu lugar. Fui sendo esquecida. Por fim, tocaram-me lá do centro. "Já que está velha e inútil, que fica fazendo aqui?", disseram-me. "Mude-se para os subúrbios dos Arcaísmos", e eu tive de mudar-me para cá. (PT Bofê, p. 13)

— Sou a palavra Bamba, nascida não sei onde e filha de pais incógnitos, como dizem os jornais. Só a **gente** baixa, a molecada e a malandragem das cidades é que se lembra de mim. **Gente** fina, a tal que anda de automóveis e vai ao teatro, essa tem vergonha de utilizar-se dos meus serviços. (PT Bamba, p.15)

... Mas como **a gente** educada não me emprega, tenho que viver nestes subúrbios, sem me atrever a pôr o pé lá em cima. (PT Bamba, p. 15)

**NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— Aqui o **nosso** Visconde pela-se por coisas antigas — disse a menina. — Conte-lhe toda a sua vida, desde que nasceu. (PT Emília, p. 13)

— as palavras de fora gozam lá de livre trânsito, podendo apresentar-se sem aspas e sem grifo. Mas aqui nesta **noossa** Portugália há muito rigor nesse ponto. Palavra estrangeira, ou de gíria, só entra no centro da cidade se estiver aspada ou grifada. (PT Bamba, p.17)

— Judiação! — comentou Narizinho. — Acho odioso isso. Assim como num país entram livremente homens de todas as raças — italianos, franceses, ingleses, russos, polacos, assim também devia ser com as palavras. Eu, se fosse ditadora, abria as portas da **noossa** língua a todas as palavras que quisessem entrar — e não exigia que as coitadinhas de fora andassem marcadas com os tais grifos e as tais aspas. (PT Narizinho, p. 17)

— Ajudo os homens a exprimirem suas idéias, exatamente como fazem todas as palavras desta cidade. Sem **nós**, palavras, os

homens seriam mudos como peixes, e incapazes de dizer o que pensam. Eu sirvo para exprimir valentia. (PT Bamba, p. 15)

— **Nós chamamos** "lá em cima" à parte boa da cidade; este "lixo" por aqui é chamado "cá embaixo". (PT Bamba, p.15)

### **GI- Gente importante gente pobre (p. 19-24)**

#### **A GENTE/GENTE**

#### **Gente** importante e **gente** pobre (GI Autor, p.19)

Oh, ali era outra coisa! Ruas varridas, sem mato e com "grilos" nas esquinas. Grande número de palavras moviam-se com muita ordem, andando de cá para lá e de lá para cá, exatinho como **gente** numa cidade comum. (GI Rinoceronte, p. 20)

— Os Nomes Concretos são os que marcam coisas ou criaturas que existem mesmo de verdade, como Homem, Nastácia, Tatu, Cebola. E os Nomes Abstratos são os que marcam coisas que **a gente** quer que existam, ou imagina que existem, como Bondade, Lealdade, Justiça, Amor. (GI Rinoceronte, p. 23)

#### **NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— **Vamos** percorrer a cidade nova, (GI Pedrinho, p. 19)

— Nem fale, menina! — disse ele. — A todo momento nascem crianças que os pais querem que eu batize, de modo que vivo numa perpétua correria de igreja em igreja, a grudar-me em criancinhas que ficam josezando até à morte. Eu e Maria **somos** dois Nomes que não sabem o que quer dizer sossego. . .(GI Nome José, p. 21)

... é a que mais **nos** interessa — propôs, Narizinho. (GI Narizinho, p. 20)

**MS- Em pleno mar dos Substantivos (p. 25-31)**

**A GENTE/GENTE**

Um defeito **a gente** deve corrigir. Xingar o defeito com um nome feio não adianta. (MS Rinoceronte, p. 26)

E há ainda — continuou o rinoceronte — os Nomes chamados COMUNS DE DOIS, que ora são masculinos, ora são femininos. O Nome Artista, por exemplo, é Comum de Dois, porque **a gente** tanto pode dizer O Artista como A Artista. (Rinoceronte, p. 26)

Vocês, sabugos, são tão cheios de histórias como **as gentes** de carne — disse ela. (MS Emília, p. 28)

— Quantos jeitos! — exclamou Emília. — Isso é que aborrece na língua. Em vez de haver um jeito só para cada coisa, há muitos. Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho **à gente**. (MS Emília, p.30)

**NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

— Não faz mal, Narizinho — consolou a boneca. — Quando **nós tomarmos** conta do mundo, **havemos** de fazer o contrário. (MS Emília, p.26)

— E há ainda Nomes que possuem dois sexos, isto é, que tanto servem para indicar seres ou coisas do gênero feminino como do masculino. **Nós**, gramáticos, **usamos** um nome muito feio para designar tais substantivos — EPICENOS. (MS Rinoceronte, p.26)

Não vai, não, Emília. Inocentes ou culpadas, o melhor é não **nos metermos** com elas. Vovó, se soubesse, ficaria aborrecida. Por aqui ainda há muita coisa decente para **vermos**. (MS Narizinho, p. 28)

— Bom — disse o rinoceronte. — Chega de Substantivos. **Vamos** agora dar uma volta pelo bairro dos Adjetivos. (MS Rinoceronte, p. 31)

— ficar com doze para o **nosso** sexo e só dar seis para o sexo deles. (MS Emília, p.26)

— Muito bem, senhorita! — exclamou ele. — Está certo. Mas nem sempre é assim. Aquelas duas palavras que vêm vindo para o

**nosso** lado estão aumentadas — e aumentaram sem latir. (MS Rinoceronte, p. 29)

### EO- Entre os Adjetivos (p. 32-35)

#### A GENTE/GENTE

— Ali vai um exemplo — disse Rinoceronte. — Aquele Substantivo entrou naquela casa para pegar o Adjetivo *Magro*. O meio **da gente** indicar que um homem é magro consiste nisso — atrelar o Adjetivo Magro ao Substantivo que indica o *Homem*. (EO Rinoceronte, p. 32)

### CP- Na casa do Pronomes (p. 36-40)

#### A GENTE/GENTE

— São umas palavrinhas muito boas, que **a gente** emprega a toda a hora — comentou Emília, sem entretanto beijar o nariz de nenhuma. (CP Emília, p. 39)

... Todos usam um Ponto de Interrogação no fim, para que **a gente** veja que são perguntativos. (CP Rinoceronte, p. 40)

— Você, entrando a ser aplicado em vez do Tu, no tratamento familiar ou caseiro. No andar em que vai, creio que acabará expulsando o Tu para o bairro das palavras arcaicas, porque já no Brasil muito **pouca gente** emprega o Tu. (CP Pronome EU, p. 38)

#### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Tenho muito gosto em conhecê-los — disse amavelmente o Pronome Eu. — Aqui na **nossa** cidade o assunto do dia é justamente a presença dos meninos e deste famoso gramático africano. Vão entrando. (CP Pronome EU, p. 37)

— Pois é isso, meus caros. Nesta república **vivemos** a **nossa** vidinha, que é bem importante. Sem **nós** os homens não conseguiriam entender-se na terra. (CP Pronome Eu, p. 37)

— E nenhuma está exagerando — advertiu o Pronome Eu.  
— Todas **somos** por igual importantes, porque **somos** por igual indispensáveis à expressão do pensamento dos homens. (CP Pronome EU, p. 37)

— **Nós** — respondeu Eu — **servimos** para substituir os Nomes das pessoas. Quando a Senhorita Narizinho diz Tu, referindo-se aqui a esta senhora boneca, está substituindo o Nome Emília pelo Pronome. (CP Pronome Eu, p. 37)

— Pois o tal Tu — disse Emília — o que deve fazer é ir arrumando a trouxa e pondo-se ao fresco. **Nós** lá no sítio **conversamos** o dia inteiro e nunca **temos** ocasião de empregar um só Tu, salvo na palavra Tatu. Para **nós** o Tu já está velho croca. (CP Emília, p. 39)

— Muito bem — disse Narizinho. — **Vamos** adiante. Vejo alguns senhores muito conhecidos. (CP Narizinho, p. 39)

— **Temos**, por fim, os Pronomes INTERROGATIVOS, que servem para fazer perguntas. (CP Rinoceronte, p. 40)

#### AN- Artigos e Numerais (p. 41-42)

##### A GENTE/GENTE

— Lá moram o vi, o O, o Um, Uma, umas pulgas de palavrinhas, mas que apesar disso são utilíssimas. **A gente** não dá um passo sem usá-las. São os ARTIGOS. (AN Rinocerontes, p. 41)

— Para individualizar um Nome. Individualizar quer dizer marcar um entre muitos. Quando **a gente** diz: A menina do nariz arrebitado, aquele A do começo marca, ou individualiza, esta menina que está aqui, esta neta de Dona Benta — e não uma menina qualquer. (AN Rinoceronte. p.41)

##### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

—Tudo já fica muito diferente se **dissermos**: Menina do narizinho arrebitado — sem o A, porque então já não **estaremos** marcando estazinha aqui. O Artigo Um também individualiza. Em Um Macaco, o Um individualiza, ou marca, um certo macaco entre toda a macacada. (AN Rinoceronte, p. 41)

— A coisa é um tanto complicada; mas sem explicar eu entendo melhor do que explicado demais. **Vamos** adiante. (AN Rinoceronte, p. 41)

— Chega, Quindim — berrou Emília —, já **sabemos** que os números são infinitos. Senão **vamos** ficar a vida toda aqui. . . (NA Emília, p.42)

#### AV- No acampamento dos Verbos (p. 43-49)

##### A GENTE/GENTE

— Pois os senhores Verbos até cansam **a gente** de tanto mudar — disse o rinoceronte. (AV Rinoceronte, p. 43)

— Bravos! — gritou Emília. — Pelo jeito de marchar **a gente** vê que eles têm mesmo. . . (AV Emília, p. 45)

— Esses não pedem Complemento, como eu já disse. O Verbo Morrer, por exemplo, é Intransitivo. Quando **a gente** diz: O gato morreu, a frase está perfeita e ninguém pergunta mais nada. (AV Rinoceronte, p. 49)

##### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Agora **iremos** visitar o Campo de Marte onde vivem acampados os VERBOS, uma espécie muito curiosa de palavras. (AV Rinoceronte, p. 43)

— **Vamos** começar **noossa** visita por aquele — disse Emília —, só porque ele é mais novinho e menor do que os outros. (AV Emília, p. 44)

— Nesse caso — insistiu Emília —, em vez de xingá-lo de Anômalo, podiam ter posto um letreirinho no pescoço do Verbo: "Ele é Poer; se está Pôr é porque o E apodreceu e caiu". Mas **vamos** sair do

anexo e ver o acampamento da Segunda Conjugação. (AV Emília, p. 45)

Se **formos** falar tudo, tudo, a respeito de Verbos, **ficaremos** aqui o dia inteiro. Gentinha que muda de forma como eles fazem, dá pano para mangas! (AV Emília, p. 48)

#### EV- **Emília na casa do Verbo Ser** (p.50-54)

##### A GENTE/GENTE

A cidade da língua costumava ser visitada apenas por uns velhos carrancas, chamados filólogos, ou então por gramáticos e dicionaristas, **gente** que ganha a vida mexericando com as palavras, levantando o inventário delas, etc. (EV Narrador, p. 50)

##### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— **Nós**, palavras, **vivemos** muito mais do que as criaturas humanas. (EV Verbo Ser, p. 52)

— Assim seja, Serência! — disse Emília. — Porque se Vossa Serência cai na asneira de morrer, como **iremos nós** nos arranjar lá tiú mundo? Ninguém mais poderá ser coisa nenhuma. . . (EV Emília, p. 53)

... Já lhe **mandamos** a palavra requisitada, ainda cheia de pó e teias de aranha como se achava. (EV Verbo Ser. p.53)

#### TA- **A tribo dos Advérbios** (p. 55-58)

##### A GENTE/GENTE

... Modificam de Ordem, fazendo que seja em primeiro lugar ou não. Pelos rótulos das prateleiras você poderá ver de que jeito eles modificam **a gente**. (TA Verbo Ser, p. 56)

— **A gente** verbática — frisou Emília —, porque eu também sou **gente** e nada me modifica. Só Tia Nastácia, às vezes. . . (TA Emília, p. 56)

<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>— Quer dizer palavra de queixo duro, que não muda nunca de forma, como o <b>fazemos nós</b>, os Verbos. As Palavras Inflexivas são rígidas como se fossem feitas de ferro. (TA Verbo Ser, p. 55)</p> <p>— Advérbio é uma palavra que nos modifica a <b>nós</b>, Verbos; e que modifica os Adjetivos; e que, às vezes, também modifica os próprios Advérbios. (TA Verbo Ser, p. 55)</p>
<p>— Que engraçado! — exclamou Emília, arregalando os olhos. — De maneira que, se <b>cortarmos</b> o rabinho de Constantemente, aparece o Adjetivo outra vez, não é? (TA Emília, p. 57)</p> <p>— Chega de Advérbios — berrou Emília. — <b>Vamos</b> ver as Senhoras Preposições. (TA Emília, p. 58)</p>

<b>AP- As Preposições (p. 59-60)</b>
<b>A GENTE/GENTE</b>
<p>— Gosto dos Advérbios — foi dizendo Emília, enquanto Ser a levava para a casa das PREPOSIÇÕES. — Eles prestam enormes serviços a quem fala. Impossível <b>a gente</b> dizer uma coisa do modo exatinho como é preciso sem usar qualquer Advérbio. (AP Emília, p.59)</p> <p>— Bravos! — gritou Emília. — São umas cordinhas preciosas estas. <b>A gente</b> não pode dizer nada sem usá-las, sobretudo as menorzinhas, como A, Até, Com, De, Sem, Por. . . (AP Emília, p. 60)</p>
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>— Sim — concordou Ser. — Ninguém pode arrumar-se na vida sem eles. Até <b>nós</b>, Verbos, <b>ganhamos</b> imensamente com as modificações que eles nos fazem. (AP Verbo Ser, p. 59)</p> <p>... Mas, bem consideradas as coisas, não existe palavra que não seja indispensável. Sem os Nomes, de que <b>valeríamos nós</b>, Verbos? (AP Verbo Ser, p. 59)</p>

— **Vamos** visitar as Conjunções! — gritou Emília. (AP Emília, p. 60)

— Sim — concordou Ser. — Ninguém pode arrumar-se na vida sem eles. Até nós, Verbos, ganhamos imensamente com as modificações que eles **nos** fazem. (AP Verbo Ser, p. 59)

### EC- Entre as Conjunções (p. 61-62)

#### A GENTE/GENTE

#### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Xi. . . São tantas que já estão me enjoando — disse Emília, fazendo um muxoxo. — Chega de Casa de Fios. **Vamos** ver outra coisa. (EC Emília, p. 62)

— Nem queira saber, Serência! É um pozinho levado da breca. Uma vez **tomamos** uma pitada e **fomos** parar na Lua. . . (EC Verbo Ser, p. 62)

— Só **nos** resta visitar as Interjeições — disse o Verbo Ser, tirando do bolso uma caixinha de rape para tomar a sua pitada. (EC Verbo Ser, p. 62)

### CG- A casa da gritaria (p. 63-65)

#### A GENTE/GENTE

— E há ainda mais coisas por lá — continuou Emília, depois duma pausa. — Há os famosos bolinhos de Tia Nastácia, feitos de polvilho, leite, uma colherzinha de sal, etc. Depois ela frita. Quando Rabicó sente de longe o cheiro desses bolinhos, vem na volada. Mas não pilha um só. É comida de **gente** e não de. . . marquês. (CG Emília, p. 64)

<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>— Sim, senhor! — disse Emília, retirando-se. — São muito galantinhas, mas deixam uma pessoa atordoada. Lá no sítio <b>usamos</b> muito algumas destas interjeições, e ainda várias outras inventadas por nós. (CG Emília, p. 64).</p> <p>— Por que Vossa Serência não aparece por lá, um dia, para uma visita a Dona Benta? Por ser muito velho? Ora, deixe-se disso! . . . <b>Estamos</b> lá acostumados com a velhice. Dona Benta é velha e Tia Nastácia também. Cachorro bravo? Só <b>temos</b> Rabicó, que é um marquês que não morde, e a Vaca Mocha, que não tem chifre (CG Emília, p. 64).</p>
<p>— Sim, senhor! — disse Emília, retirando-se. — São muito galantinhas, mas deixam uma pessoa atordoada. Lá no sítio usamos muito algumas destas interjeições, e ainda várias outras inventadas por <b>nós</b>. (CG Emília, p. 64).</p>

<b>ET- A senhora Etimologia</b> (p. 66-70)
<b>A GENTE/GENTE</b>
<p>— Que divertimento interessante não deve ser o estudo de cada palavra! — exclamou Pedrinho. — Hão de ter cada uma o seu romance, como acontece <b>com a gente...</b> (ET Pedrinho, p. 68)</p>
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>— <b>Nós</b>, palavras, não <b>temos</b> a liberdade de nos mudar a <b>nós</b> mesmas — respondeu Pena (dó). (ET Pena -dó-, p. 66)</p> <p>— Pena (de escrever) é minha Homônima. Homônima quer dizer uma palavra que tem a mesma forma de outra, embora de significado diverso. <b>Nós</b> duas aqui <b>somos</b> Homônimas, do mesmo modo que grande número de outras palavras desta cidade. (ET Pena -dó-, p.67)</p> <p>— Nada! — respondeu Pena (dó). — É até uma excelente criatura — e sabidíssima, upa!. . . Conhece a vida de todas <b>nós</b>, uma por uma, nos menores detalhes. Sabe onde nascemos, de</p>

quem somos filhas e de que modo vimos mudando através dos séculos. (ET Pena –dó-, p. 69)

— Ché!... — exclamou Emília. — Ainda estão no grego e no latim, imaginem! O melhor é espantarmos esses gramáticos e tomarmos conta da velha só para **nós**. (ET Emília, p. 70)

E há ainda outras diferencinhas. Se **somos** iguais unicamente no som, os gramáticos nos chamam HOMÓFONAS, como essas que citei. E se **somos** iguais na forma escrita, eles nos chamam HOMÓGRAFAS. (ET Pena –dó-, p. 67)

— Puro engano — respondeu Pena (dó). — Seria assim se os homens nos encontrassem soltas como **andamos** aqui. Mas lá entre eles só **aparecemos** metidas em frases, e então é pelo Sentido que os homens nos distinguem. (ET Pena –dó-, p. 67)

— Nada! — respondeu Pena (dó). — É até uma excelente criatura — e sabidíssima, upa! . . . Conhece a vida de todas nós, uma por uma, nos menores detalhes. Sabe onde **nascemos**, de quem **somos** filhas e de que modo **vimos** mudando através dos séculos. (ET Pena –dó-, p.69)

— Pois **vamos** vê-la — propôs o Visconde, já assanhado. Velhas eram com ele, que também já estava velho e embolorado. Só Emília discordou. Preferia visitar a Senhora PROSÓDIA, que ensina o modo de pronunciar as palavras. Emília errava muito na pronúncia e queria aprender. (ET Viconde, p. 69)

— Agora, não, Emília. Depois. Depois **visitaremos** Dona Prosódia. Neste momento eu resolvo que se visite a Etimologia. Você não manda. (ET Narizinho, p. 69)

— Ché!... — exclamou Emília. — Ainda estão no grego e no latim, imaginem! O melhor é **espantarmos** esses gramáticos e **tomarmos** conta da velha só para nós. (ET Emília, p. 70)

— **Vamos**, Quindim! Bote o focinho aqui no buraco da fechadura e solte um daqueles berros que os paquidermes dão nas "plagas africanas", quando o leão aparece na "fímbria do horizonte". (ET Emília, p. 70)

— Unicamente o uso lá entre os homens é que **nos** muda, como acaba de suceder a esta minha. (ET Pena –escrever-, p. 66)

— Nós, palavras, não temos a liberdade de **nos** mudar a nós mesmas — respondeu Pena (dó). (ET Pena -dó-, p. 66)

E há ainda outras diferencinhas. Se somos iguais unicamente no som, os gramáticos **nos** chamam HOMÓFONAS, como essas que citei. E se somos iguais na forma escrita, eles **nos** chamam HOMÓGRAFAS. (ET Pena -dó-, p.67)

— Puro engano — respondeu Pena (dó). — Seria assim se os homens **nos** encontrassem soltas como andamos aqui. Mas lá entre eles só aparecemos metidas em frases, e então é pelo Sentido que os homens **nos** distinguem. (ET Pena -dó-, p. 67)

— Explique-**nos** isso — pediu a menina. (ET Emília, p. 67)

— Xi! . . . — exclamou. — Está "assim" de carrancas lá dentro. Impossível que ela **nos** receba hoje. Os carrancas estão de óculos na ponta do nariz e lápis na mão, tomando notas. (ET Pedrinho, p. 69)

#### **NI- Uma nova Interjeição** (p. 71-76)

##### **A GENTE/GENTE**

... Por fim há tanta **gente** a cometer o mesmo erro que o erro vira Uso e, portanto, deixa de ser erro. (NI Senhora Etimologia, p. 72)

— E os ignorantes de hoje continuam a mexer nela — observou Narizinho. — A **gente** da roça diz Espeio. (NI Narizinho, p. 73)

##### **NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)**

O que **nós** hoje **chamamos** certo, já foi erro em outros tempos. Assim é a vida, meus caros meninos. (NI Senhora Etimologia, p. 72)

— Espere — interrompeu Emília. — A história da palavra África não nos interessa. **Preferimos** conhecer a história de outras palavras mais importantes, como, por exemplo, Boneca. (NI Emília, p. 72)

**Tomemos** a palavra latina *Speculum* — continuou a velha. — Essa palavra emigrou para Portugal com os soldados romanos, e foi sendo gradativamente errada até ficar com a forma que tem hoje — Espelho. (NI Senhora Etimologia, p. 72)

— As palavras desta cidade nova, onde **estamos**, vieram quase todas da cidade velha, que fica do outro lado do mar. Lá na cidade velha, porém, essas palavras levaram uns dois mil anos para se formarem. (NI Senhora Etimologia, p. 73)

— A portuguesa. Os moradores das terras ocupadas pelos romanos, ou Aborígenes, eram bárbaros incultíssimos, que foram aprendendo o latim lá à moda deles — isto é, estropiadamente, todo errado e com muita mistura de **termos** e modos de falar locais. Tanto estropiaram o pobre latim, que ele virou um Dialeto ou uma variante do latim puro. Depois os romanos se retiraram, mas o dialeto ficou vivendo a sua vidinha, e foi evoluindo, ou mudando, até tornar-se o que **chamamos** hoje língua portuguesa. (NI Senhora Etimologia, p. 74)

— Espere — interrompeu Emília. — A história da palavra África não **nos** interessa. Preferimos conhecer a história de outras palavras mais importantes, como, por exemplo, Boneca. (NI Emília, p. 72)

... Daí a sua tendência a adotar os erros que exigem menor esforço para a pronúncia. Espelho exige menor esforço do que Speculum, e por isso venceu. Espeio exige menor esforço do que Espelho. Quem **nos** diz que não acabará vencendo nestes mil ou dois mil anos? (NI Senhora Etimologia, 73)

— Pois então **nos** conte a origem de algumas. (NI Pedrinho, p. 73)

<b>EP- Emília forma palavras (p. 77-81)</b>
<b>A GENTE/GENTE</b>
<p>— Pois é isso — continuou a velha, ainda tonta da sapequice gramatical da Emília. — A Raiz das palavras não muda; de modo que, para formar palavras novas, <b>a gente</b> faz como o jardineiro: poda o que não é Raiz e enxerta o Sufixo. (EP Senhora Etimologia, p. 77)</p>
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
<p>— Vinte e quatro! — exclamou o menino. — Agora estou compreendendo por que há tantas palavras na língua. Pois se somente com esta porqueirinha de Raiz <b>nós podemos</b> formar vinte e quatro palavras diversas, imagine quantas não formaríamos usando todas as raízes que existem! (EP Pedriho, p. 80)</p>
<p>— Prefixos: Pre quer dizer antes. Re, Trans, A e Com, por exemplo, são Prefixos. Se <b>tomamos</b> o Verbo Formar e <b>grudarmos</b> na frente dele esses Prefixos, <b>teremos</b> os novos Verbos Reformar, Transformar e Conformar, todos com sentido diferente. (EP Senhora Etimologia, (EP Senhora Etimologia, p. 77)</p> <p>— <b>Voltemos</b> aos Sufixos, que são mais engraçadinhos — propôs Emília. — Diga uma porção deles, Dona Timótea. (EP Emília, p. 77)</p> <p>— Viva! Viva! — gritou ela batendo palmas. — Deu certinho! Venha ver, Dona Eufrásia! Com uma Raiz e um Sufixo <b>fabricamos</b> uma palavra nova, que quer dizer muitas pedras. Deixe esse chá sem graça e venha brincar. (EP Emília, p. 78)</p> <p>— <b>Vamos</b> ver outro Sufixo — propôs Narzinho. Emília pegou outro, o sufixo Ada, e experimentou a ligação. Deu a palavra Pedrada. — Ótimo! Este também dá certinho. Pedrada todos <b>sabemos</b> o que é. <b>Vamos</b> ver outro. (EP Pedrinho, p. 79)</p> <p>— Ótimo! — exclamou a boneca. — <b>Vamos</b> ver este Alha. (EP Emília, p. 79)</p> <p>— Vinte e quatro! — exclamou o menino. — Agora estou compreendendo por que há tantas palavras na língua. Pois se somente com esta porqueirinha de Raiz nós podemos formar vinte e quatro palavras diversas, imagine quantas não <b>formaríamos</b> usando todas as raízes que existem! (EP Pedrinho, p. 80)</p>

<b>SV- O susto da velha</b> (p. 82-87)
<b>A GENTE/GENTE</b>
— a que dá azeitonas e a que dá Sobrenomes a muita <b>gente</b> . (SV Senhora Etimologia p. 83)
... Está vendo, Dona Brites? Poderá haver monstro mais carneiro? Venha também. Não se vexa. Lá no sítio, Dona Benta e Tia Nastácia, quando não há <b>gente</b> grande perto para espiar, não saem do lombo de Quindim. Venha. Deixe-se de fedorências. . . (SV Emília, p. 84)
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
— Levo estas só — disse ela. — Palavras latinas <b>temos</b> lá muitas, naquele dicionário grandão de Dona Benta. Com estas já <b>podemos</b> fazer uma criação de Híbridos de primeira ordem. (SV Emília, p. 87)

<b>GF- Gente de Fora</b> (p. 88-93)
<b>A GENTE/GENTE</b>
<b>Gente</b> de fora – (GF Autor, p. 88)
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
— <b>Nós vamos</b> ver? — exclamou Narizinho, dando uma risada. (GF Narizinho, p. 91)
... Ita é uma palavra da língua tupi que quer dizer Pedra, e tem servido de Prefixo para a formação de muitos Nomes. <b>Temos</b> em São Paulo a cidadezinha de Itápolis, formada de Ita, que é indígena, ... (GF Senhora Etimologia, p. 88)
... E assim se foi formando, e se vai formando, a língua. Uma língua não pára nunca. Evolui sempre, isto é, muda sempre. Há certos gramáticos que querem fazer a língua parar num certo ponto, e acham que é erro <b>dizermos</b> de modo diferente do que diziam os clássicos. (GF Senhora Etimologia, p. 90)

— Então pensa que **somos** como a senhora, que vive toda a vida e mais séculos e séculos? (GF Narizinho, p. 91)

— O Visconde está armando alguma — disse a boneca, que andava desconfiada de qualquer coisa. — **Vamos** procurá-lo, já, já, antes que lhe aconteça alguma. (GF Emília, p. 92)

— Pois é o grande Visconde de Sabugosa, que **andamos** catando como se cata agulha em palheiro. E para onde se dirigiu ele? (GF Emília, p. 93)

#### DS- Nos domínios da Sintaxe (p. 94-99)

##### A GENTE/GENTE

##### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

Dona Sintaxe encontrou mais adiante outra aleijadinha — uma Oração que rezava assim: **Nós vai** brincar, e consertou-a, pondo o Verbo no plural — **Vamos**. — (DS Narrador, p. 97)

— Onde **estamos**? — quis saber Pedrinho. (DS Pedrinho, p. 94)

— Muito bem — continuou Quindim, satisfeito de haver pregado um quinau na boneca. — Sujeito é isso. **Vamos** ver agora quem sabe o que é Predicada. (DS Rinoceronte, p. 95)

#### FS- As figuras de Sintaxe (p. 100-102)

##### A GENTE/GENTE

— Este aqui — disse, indicando um jeitoso figurão, é o Senhor PLEONASMO, cujo serviço consiste em reforçar o que **a gente** diz. Quando uma pessoa declara que viu com os seus próprios olhos, está usando um Pleonasma, porque se dissesse apenas que viu já a idéia estaria completa. (FS Dona Sintaxe, p. 101)

##### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Nada, bonequinha. Trabalho de graça — trabalho por amor à limpeza e ao bom arranjo deste meu povinho, que são as

frases. Mas **vamos** agora ver outra coisa. (FS Dona Sintaxe, p. 102)

### VL- Os vícios de Linguagem (p. 103-108)

#### A GENTE/GENTE

— São frases que formam sentido, ou que dizem uma coisa que **a gente** entende. (VL Dona Sintaxe, p. 107)

— Esta é a ANFIBOLOGIA, que faz **muita gente** dizer frases de sentido duplo, ou duvidoso, como: Ele matou-a em sua casa. Em casa de quem, dele ou dela? Quem ouve fica na dúvida, porque a matança tanto pode ter sido na casa do matador como da matada. (VL Dona Sintaxe, p. 104)

— Esta é a OBSCURIDADE, que faz **muita gente** dizer frases sem nenhuma clareza, dessas que deixam quem as ouve na mesma. (VL Dona Sintaxe, p. 104)

— Este é o CACÓFATO, que faz **muita gente** ligar palavras de modo a formar outras de sentido feio, como aquele sujeito que ouviu no teatro uma grande cantora e foi dizer a um amigo: Ela trina que nem um sabiá. . . (VL Dona Sintaxe, p. 105)

— Este é o ECO, que faz **muita gente** formar frases cheias de latidos, ou com desagradável repetição de sons. Quem diz: O pão de sabão caiu no chão late três vezes numa só frase, tudo por causa desta bisca. (VL Dona Sintaxe, p. 105)

— Este é o HIATO, que faz **muita gente** formar frases com acentuação incômoda para os ouvidos. Quem diz: A aula é lá fora está sendo vítima deste Senhor Hiato. (VL Dona Sintaxe, p. 105)

— Esta é a COLISÃO, que faz **muita gente** dizer frases cheias de consonâncias desagradáveis. Zumbindo as asas azuis é uma frase com o vício da Colisão. (VL Dona Sintaxe, p. 105)

— Este é o ARCAÍSMO, que faz **muita gente** pedante usar palavras que já morreram há muito tempo e que, portanto, ninguém mais entende. (VL Dona Sintaxe, p. 105)

— Este é o NEOLOGISMO. Sua mania é fazer as pessoas usarem expressões novas demais, e que **pouca gente** entende. (VL Dona Sintaxe, p. 105)

— Este é o PROVINCIANISMO, que faz **muita gente** usar termos só conhecidos em certas partes do país, ou falar como só se fala em certos lugares. Quem diz naviu, menino, mecê, nhô, etc. está cometendo Provincianismos. (VL Dona Sintaxe, p. 107)

### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Está aí uma coisa com a qual não concordo. Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já **vimos**, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isso não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já. . . (VL Emília, p. 106)

— Vá passear, Seu Jeca. Muita coisa que hoje esta senhora condena vai ser lei um dia. Foi você quem inventou o Você em vez de Tu e só isso quanto não vale? **Estamos** livres da complicação antiga do Tuturututu. Mas não se meta a exagerar, senão volta para cá outra vez, está ouvindo? (VL Emília, p. 107)

— Esperem! **íamo**-nos esquecendo do Visconde. **Temos** de continuar na "campeação" dele — disse Emília, mordendo o lábio e olhando firme para a Sintaxe, a ver que cara ela faria diante daquela "campeação". (VL Emília, p. 107)

— Pois **vamos** a isso — concordou Dona Sintaxe. — Há aqui perto um jardim muito freqüentado pelas Senhoras Orações. (VL Dona Sintaxe, p. 107)

— Esperem! **íamo-nos** esquecendo do Visconde. Temos de continuar na "campeação" dele — disse Emília, mordendo o lábio e olhando firme para a Sintaxe, a ver que cara ela faria diante daquela "campeação". (VL Emília, p.107)

<b>OL- As orações ao ar livre</b> (p. 109-112)
<b>A GENTE/GENTE</b>
— Objeto Direto é aquilo que completa o sentido do Verbo diretamente. <b>A gente</b> pergunta ao Verbo: o quê? E a resposta é o tal Objeto Direto. O gato comeu o quê? O pica-pau. Logo, pica-pau é o Objeto Direto. (OL Dona Sintaxe, p. 112)
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
— <b>Vamos</b> ver, Emilinha, se você sabe o que significa um grupo de palavras como aquele que ali está, junto ao canteiro de margaridas. (OL Dona Sintaxe, p. 109)
— <b>Vamos</b> agora ver como estas Orações se classificam quanto ao papel que representam no Período — disse Dona Sintaxe. — Elas podem ser de três classes - COORDENADAS, PRINCIPAIS e SUBORDINADAS. (OL Dona Sintaxe, p. 110)
— Reparem — disse Dona Sintaxe — que <b>temos</b> três Orações neste Período. Uma Coordenada, porque está ligada a outra Coordenada pela Conjunção E: O pica-pau picou o pau. E <b>temos</b> a segunda Oração, que é a Principal: E fugiu; e <b>temos</b> a terceira, que é a Subordinada, ou escrava da Principal: Quando viu Quindim. Sem estar ligada à Oração Principal esta terceira fica sem sentido, ninguém a entende. Mas ligada torna-se clarinha como água de pote; quem lê compreende logo que o pica-pau fugiu quando viu Quindim. (OL Dona Sintaxe, p. 111)
— Que acha desta senhora, Quindim? * Sabe mesmo Gramática ou está <b>nos</b> tapeando? (OL Emília, p. 112)

<b>EX- Exame e Pontuação</b> (p. 113-116)
<b>A GENTE/GENTE</b>
— Oh, estes eu sei para que servem! — exclamou ela, vendo que eram PONTOS FINAIS. — Estes separam numa vez — cortam. Assim que aparece um deles na frase, <b>a gente</b> já sabe que a frase acabou. Finou-se... (EX Emília, p. 115)
— Oh, estes são engraçadinhos! Parecem meias-luas. . . Quindim explicou que se tratava dos PARÊNTESES, que servem para encaixar numa frase alguma palavra, ou mesmo outra frase

explicativa, que **a gente** lê variando o tom da voz. (EX Rinoceronte, p. 116)

### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Muito bem — disse ela. — Vou agora ver se essas, cabecinhas guardaram o que ensinei, e para isso **temos** que analisar uma frase. (EX Dona Sintaxe, p. 113)

— **Vamos** ver, Emília, quantas Orações há neste Período? (EX Dona Sintaxe, p. 113)

... **Vamos** ver a Pontuação! Onde fica a Pontuação, Quindim? (EX Dona Sintaxe, p. 114)

— E agora? — disse Narizinho. — Ela **nos** mandou brincar; mas brincar de quê, nesta cidade de palavras? Uma idéia!.. (EX Dona Sintaxe, p. 114)

### EV- E o Visconde? (p. 117-121)

#### A GENTE/GENTE

— E fez muito bem — disse Quindim. — O maior defeito que acho nesta língua portuguesa é esse latido de cachorro, que **a gente** não encontra em nenhuma outra língua viva. Até a mim, que sou bicho africano, o ão me assustava no começo. Trazia-me a idéia de latido de cães de caça, seguidos de homens armados de carabinas....(EV Rinoceronte, p. 120)

— Pode ser, mas duvido muito — disse Emília. — O Visconde ou está na cadeia, como gatuno, ou está no cemitério, enterrando o coitadinho do Ditongo. Eu bem que compreendo a idéia dele. E se ele fizer isso, vai haver a maior das atrapalhões na língua. Sem o ão como é que **a gente** se arruma para , comprar um Pão? Fica Pao. . . E Sabão fica Sabao. . . E Ladrão fica Ldrao. . . Atrapalha a língua completamente... (EV Emília, p. 121)

### NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)

— Impossível! Que alguém haverá no mundo que queira um Ditongo Nasal? **Nós** só **servimos** para formar palavras; ... (EV Ditongo ÔE, p. 119)

... e nenhuma casa de ferro velho daria um vintém por todos **nós** juntos. (EV Ditongo ÔE, p. 119)

O remédio era um só — irem ao bairro das Sílabas, que é onde moram os Ditongos.

— Pois **vamos** — decidiu Narizinho. (EV Narizinho, p. 117)

— De fato, **estamos** agitados — respondeu o ditonguinho. — Um dos meus manos, o ão, que era justamente o mais importante da família, desapareceu misteriosamente. Temo-lo procurado por toda parte, mas sem resultado. Sumiu. . . (EV Ditongo ÔE, p. 119)

... não **temos** outra função na vida, e nenhuma casa de ferro velho daria um vintém por todos nós juntos. (EV Ditongo ÔE, p. 119)

Foi logo em seguida que **demos** pela falta do ão. A senhora acha que. . . (EV Ditongo ÔE, p. 119)

— Se houvesse por aqui um jornal, **poderíamos** pôr um anúncio: "Perdeu-se um Visconde assim, assim; dá-se boa gratificação a quem o achar". (EV Emília, p. 120)

— Mas não existe jornal, e é tolice **ficarmos** toda a vida a campeá-lo. **Vamos** esquecer o Visconde. Olhem que ainda **temos** de visitar a Senhora Ortografia. (EV Emília, p. 120)

— Melhor indagar — lembrou a menina, e, chamando uma silabazinha muito curica que ia passando, disse: — A senhorita poderá informar-**nos** onde fica a Rua dos Ditongos? (EV Narizinho, p. 118)

O guarda da Senhora Anticonstitucionalissimamente me disse que o viu com um Ditongo debaixo do capote; e mais tarde uma Frase, lá no Jardim das Orações, também **nos** declarou positivamente que o Visconde havia raptado um Ditongo. (EV Ditongo ÔE, p. 119)

— Esteve cá, sim. Esteve de prosa **conosco** e depois desapareceu. .(EV Ditongo ÔE, p. 119)

<b>PO- Passeio Ortográfico?</b> (p. 122-126)
<b>A GENTE/GENTE</b>
— Pois a senhora precisa trabalhar muito — disse Emília —, porque a maior parte <b>das gentes</b> ainda não sabe escrever na regra. Eu mesma, que sou marquesa, erro às vezes. . . (PO Emília, p. 123)
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
— Porque elas são filhas de palavras latinas que também se escreviam com H, e todo o mundo está acostumado. Se <b>fôssemos</b> escrever Ornem, haveria um berreiro de protestos. . . (PO Senhora Ortografia, p. 125)
— Muito bem! — disse Emília, que tinha gana em Acentos. — Gosto de ouvir uma grande dama como a senhora falar assim, porque é exatamente como penso. Essas pulgas só servem para <b>nos</b> tomar tempo. Acho que só devem ser usados quando forem necessários, para evitar confusão. Hoje, escreve-se êle e há, com Acentos. Acho desnecessário, porque, com ou sem Acentos, só há um jeito de pronunciar essas palavras. E as letras? Fale das letras. (PO Emília, p. 125)

<b>RE- Emília ataca reduto etimológico</b> (p. 127-136)
<b>A GENTE/GENTE</b>
... E introduziram acentos novos, como o tal acento grave (´), que, por mais que <b>a gente</b> faça, não distingue do acento agudo (´). O "a" com crase passou a "à", embora conservasse exatamente o mesmo som! (RE Narrador, p. 135)
— Você tem razão, Emília. A tendência natural duma língua é para a simplificação, por causa da grande lei do menor esforço. Se <b>a gente</b> pode fazer-se perfeitamente entendida dizendo, por exemplo, "tísica", por que dizer "phthisica" como nos tempos da ortografia etimológica? (RE Rinoceronte, p. 135)
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>

... Eu falo aqui em nome da criançada. **Queremos** a Ortografia Nova porque ela nos facilita

a vida. Quanto menos complicações, melhor. Por isso vim cá conversar com as palavras para conhecer-lhes a opiniãozinha. (RE Emília, p. 128)

— Não fica bonito — murmurou Emília ao vê-lo afastar-se — mas simplifica. **Estamos** na era da simplificação. (RE Emília. P. 131)

— Pois vai mudar isso. De hoje em diante dividirá deste modo: Subs-cre-ver. As razões etimológicas acabaram-se. **Estamos** em tempo de fonéticas. A divisão das Sílabas será de acordo com a fonética, ou com os sons apenas. Vá avisar a todas. Já! . (RE Emília, p. 133)

— **Vamos**, Quindim! Avance e espalhe aqueles peludos complicadores da língua. Chifre neles! . . (RE Emília, p. 134)

... **Temos**, por exemplo, "fora" e "fora"<sup>7</sup>. O acento circunflexo serve para distinguir o "fora" advérbio do "fora" verbo. (RE Rinoceronte, p. 136)

— Pois não há mais Dabliú em português, sabe? Foi expulso do **nosso** Alfabeto. Troque-o por um V e raspe-se! . . (RE Emília, p. 131)

... Eu falo aqui em nome da criançada. Queremos a Ortografia Nova porque ela **nos** facilita

a vida. Quanto menos complicações, melhor. Por isso vim cá conversar com as palavras para conhecer-lhes a opiniãozinha. (RE Emília, p. 128)

<b>EG- Epílogo</b> (p. 137-138)
<b>NÓS (-MOS, NOSSO, NOS, CONOSCO)</b>
— Sim, o senhor mesmo! — disse Emília com vozinha de verruma. — O senhor raptou o Ditongo ão e escondeu-o em qualquer lugar. <b>Vamos</b> . Confesse tudo. (EG Emília, p. 137)
— Pois não há mais Dabliú em português, sabe? Foi expulso do <b>nosso</b> Alfabeto. Troque-o por um V e raspe-se!... (RE Emília, p. 131)
... Eu falo aqui em nome da criançada. Queremos a Ortografia Nova porque ela <b>nos</b> facilita a vida. Quanto menos complicações, melhor. Por isso vim cá conversar com as palavras para conhecer-lhes a opiniãozinha. (RE Emília, p. 128)

Tabela - Distribuição da forma GENTE em *Emília no país da gramática*.

<b>Capítulos</b>	<b>GENTE (nome)</b>	<b>A GENTE (pronome)</b>
Uma ideia da Senhora Emília	0	2
Portugália	6	0
Gente importante e gente pobre	3	1
Em pleno mar dos Substantivos	0	4
Entre os Adjetivos	0	2

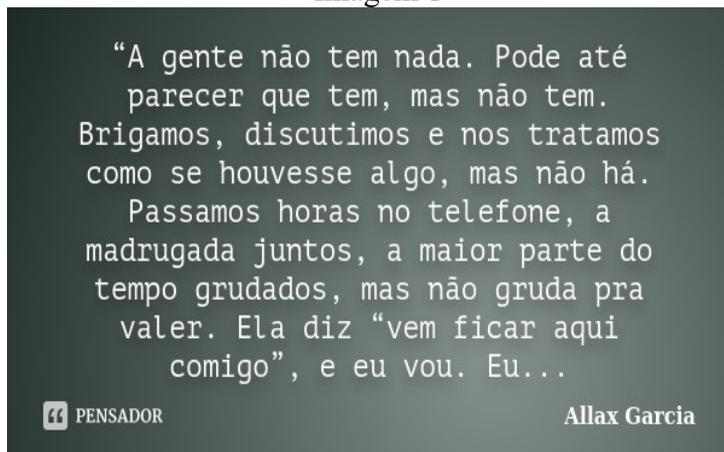
Na casa dos Pronomes	1	2
Artigos e Numerais	0	2
No acampamento dos Verbos	1	2
Emília na casa do verbo Ser	1	0
A tribo dos Advérbios	2	1
As Preposições	0	2
Entre as Conjunções	0	0
A casa de gritaria	1	0
A senhora Etimologia	0	1
Uma nova Interjeição	2	0
Emília forma palavras	0	1
O susto da velha	2	0
Gente de fora	1	0
Nos domínios da Sintaxe	0	0
As figuras de Sintaxe	0	1
Os vícios de linguagem	9	1

As orações ao ar livre	0	1
Exame e Pontuação	0	2
E o Visconde?	0	2
Passeio Ortográfico	1	0
Emília ataca reduto etimológico	0	2
Epílogo	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>29</b>



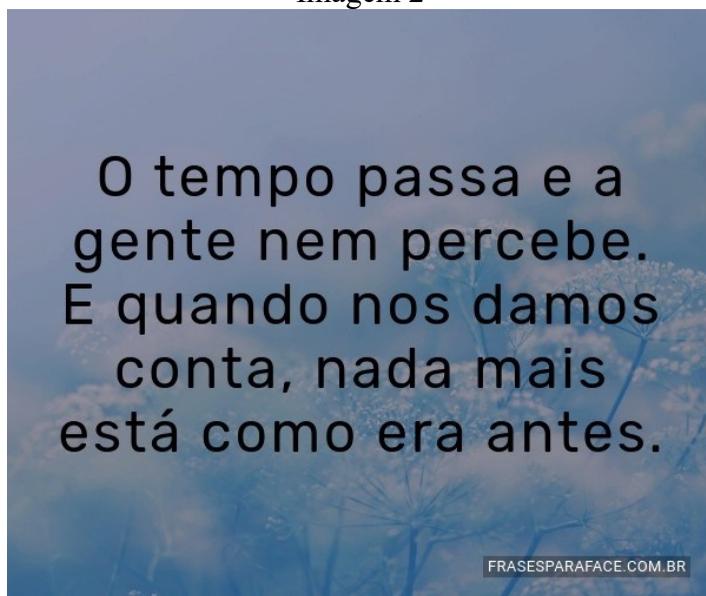
## ANEXO C

## Imagem 1



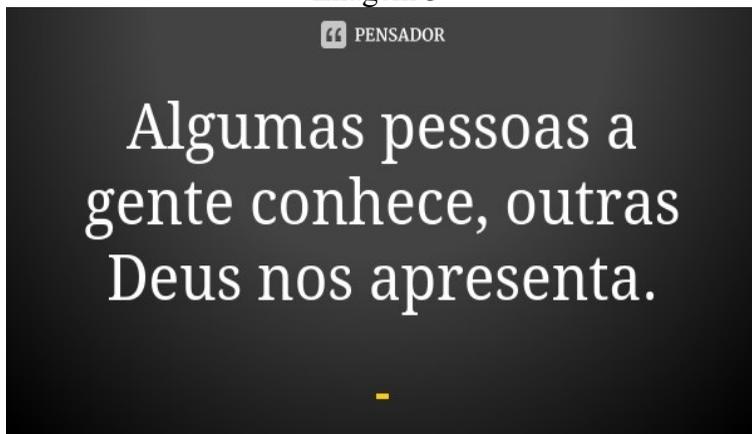
<https://www.pensador.com/frase/MTIxOTE4OA/>

## Imagem 2



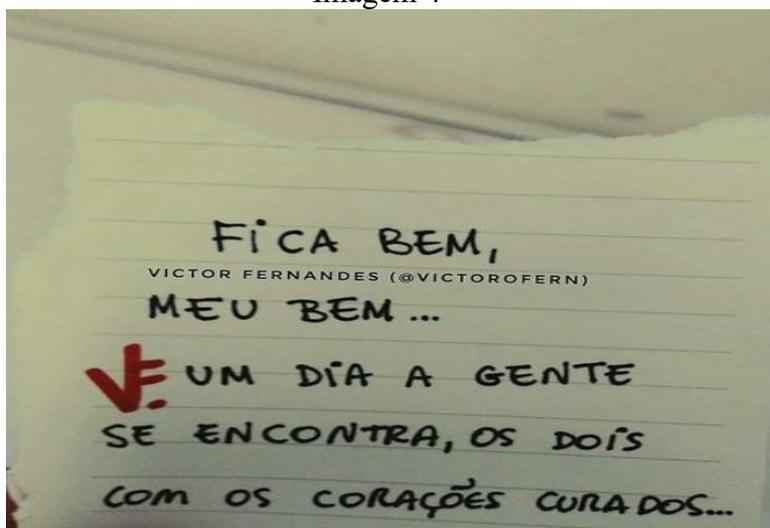
<https://www.frasesparaface.com.br/o-tempo-passa-e-a-gente-nem-percebe-e-quando-nos/>

Imagem 3



<https://www.pensador.com/frase/MTg1MzE5OA/>

Imagem 4



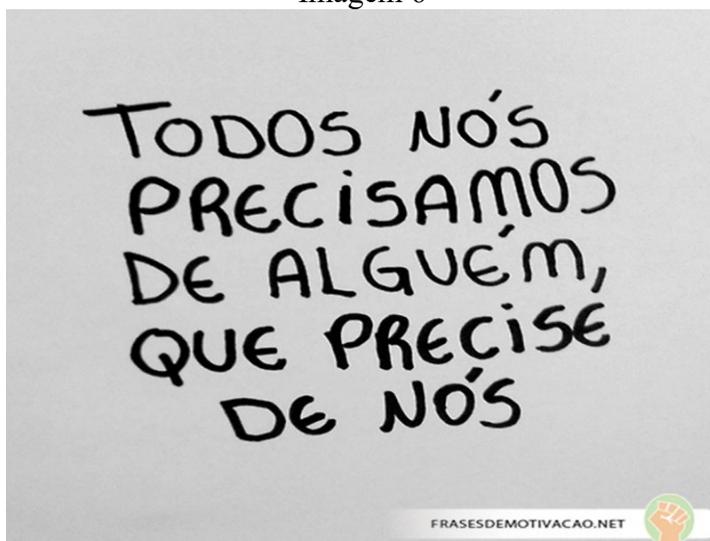
<https://br.pinterest.com/pin/629941066603253712>

Imagem 5



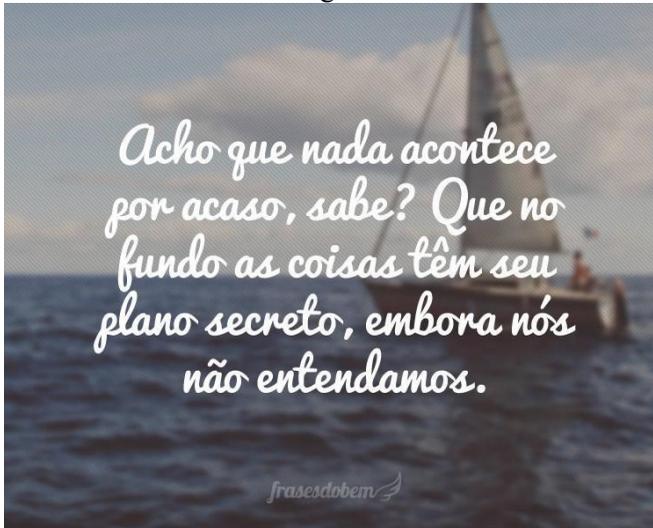
<https://renasceraos40.blogs.sapo.pt/deus-1168643>

Imagem 6



<http://www.frasesdemotivacao.net/frase/todos-nos-precisamos-de-alguem-que-precise-de-nos>

Imagem 7



<https://www.frasesdobem.com.br/frases-de-destino>

Imagem 8



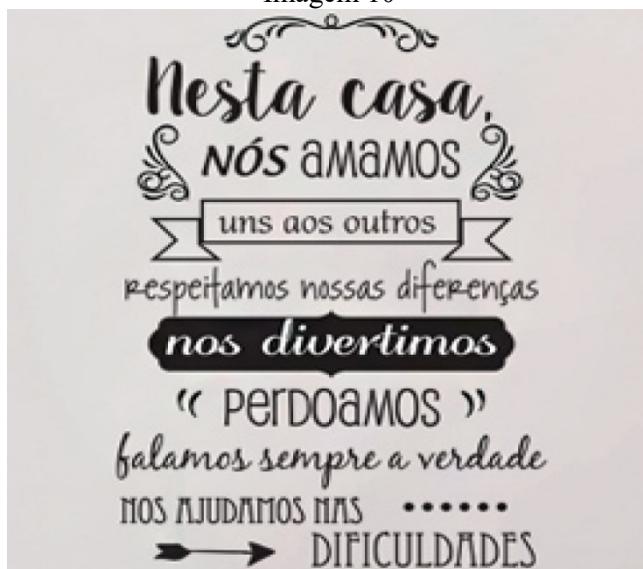
<https://www.buzzfeed.com/br/ramosaline/estas-sao-31-das-frases-mais-bonitas-da-literatura>

Imagem 9

- Você tem três opções
- 1º - fica comigo
  - 2º - Eu fico com você
  - 3º - Nós ficamos juntos

<https://www.multarte.com.br/frases-para-o-status-do-whatsapp/>

Imagem 10



<https://www.stixx.com.br/adesivo-de-parede-com-frase-nossa-familia.html>



## ANEXO D

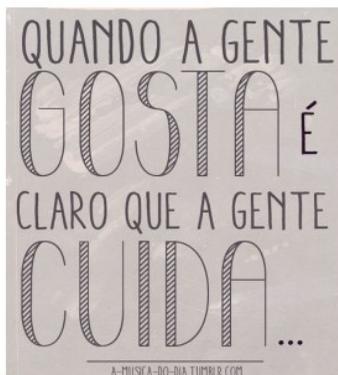
### Slide 1



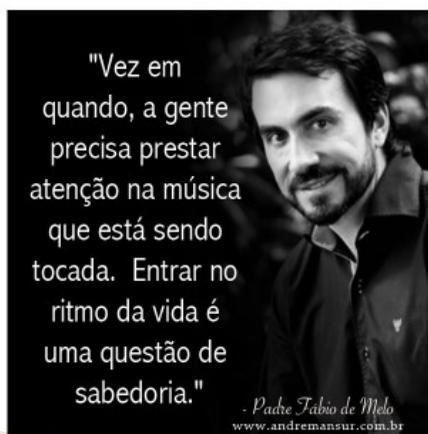
### Slide 2



## Slide 3



## Slide 4



## Slide 5



Slide 6



Slide 7



## ANEXO E

### Vida da gente

Todos os dias muita gente joga fora muitas coisas de não precisam mais. Para onde será que elas vão? Será que daria para usá-las novamente?

Todo dia da nossa vida, a gente pega tudo o que não interessa mais e joga fora, certo? Daí vem o lixeiro e leva. Parece simples, mas... para onde o lixeiro leva o lixo da gente? Há lugares onde eles jogam tudo, que são os lixões. Lá, tem gente que fica pondo lixo e enterrando, até que junta tanto lixo que nem todas as máquinas do mundo conseguiram enterrar. Nessa hora, é preciso encontrar novos lugares para fazer novos lixões. A gente nunca pensa nisso, afinal os lixões são todos longe da casa da maioria de nós. Mas fique sabendo que isso é um problema desse tamanho!

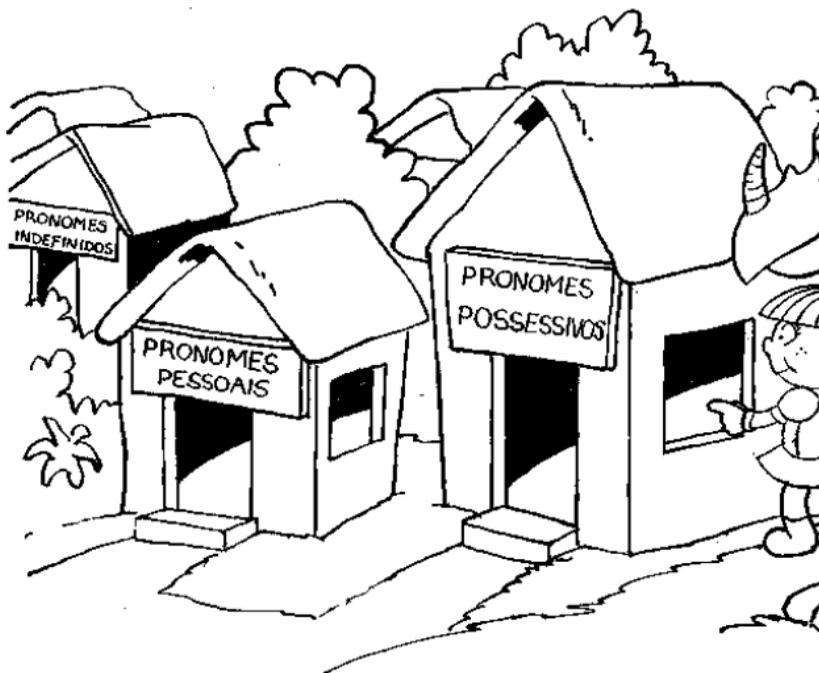
Algumas coisas que nós jogamos fora são tão venenosas que contaminam a terra dos lixões por muitos anos. O problema é que não existe mágica. Enquanto a gente viver, vai produzir lixo. O jeito menos besta de ajudar nisso, é a gente criar a menor quantidade de lixo possível. Como? Reciclando. Gente, reciclar não é só juntar vidro e jornal e vender para o garrafeiro que vai vender para a fábrica de vidro ou papelão, ou então dar para o lixeiro nas cidades que coletam lixo recolhido.

A gente precisa aprender a gastar bem as coisas antes de jogar fora! Usar sempre o papel dos dois lados, usar vidros e saquinhos para guardar outras coisas depois de bem lavadinhos... Se a gente não se preocupar com isso, logo vai haver uma montanha fedida perto da nossa casa, e muita gente vai reclamar! Escute o que eu estou falando!



## ANEXO F

### Na casa dos Pronomes



— Chega de Adjetivos — gritou a menina. — Eu não sei por quê, tenho grande simpatia pelos PRONOMES, e queria visitá-los já.

— Muito fácil — respondeu o rinoceronte. — Eles moram naquelas casinhas aqui defronte. A primeira, e menor, é a dos Pronomes PESSOAIS.

— Ela é tão pequena. . . — admirou-se Emília.

— Eles são só um punhadinho, e vivem lá como em república de estudantes.

E todos se dirigiram para a casa dos Pronomes Pessoais enquanto Quindim ia explicando que os Pronomes são palavras que também não possuem pernas e só se movimentam amarradas aos VERBOS.

Emília bateu na porta — toque, toque, toque.

Veio abrir o Pronome Eu.

— Entrem, não façam cerimônia.

Narizinho fez as apresentações.

— Tenho muito gosto em conhecê-los — disse amavelmente o Pronome Eu. — Aqui na nossa cidade o assunto do dia é justamente a presença dos meninos e deste famoso gramático africano. Vão entrando. Nada de cerimônias.

E em seguida:

— Pois é isso, meus caros. Nesta república vivemos a nossa vidinha, que é bem importante. Sem nós os homens não conseguiriam entender-se na terra.

— Todas as outras palavras dizem o mesmo — lembrou Emília.

— E nenhuma está exagerando — advertiu o Pronome Eu. — Todas somos por igual importantes, porque somos por igual indispensáveis à expressão do pensamento dos homens.

— E os seus companheiros, os outros Pronomes Pessoais? — perguntou Emília.

— Estão lá dentro, jantando.

À mesa do refeitório achavam-se os Pronomes Tu, Ele, Nós, Vós, Eles, Ela e Elas. Esses figurões eram servidos pelos Pronomes OBLÍQUOS, que tinham o pescoço torto e lembravam corcundinhas. Os meninos viram lá o Me, o Mim, o Migo, o Nos, o Nosco, o Te, o Ti, o Tigo, o Vos, o Vosco, o O, o A, o Lhe, o Se, o Si e o Sigo — dezesseis Pronomes Oblíquos.

— Sim senhor! Que luxo de criadagem! — admirou-se Emília.

— Cada Pronome tem a seu serviço vários criadinhos oblíquos.

..

— E ainda há outros serviçais, os Pronomes de TRATAMENTO — disse Eu. — Lá no quintal estão tomando sol os Pronomes Fulano, Sicrano, Você, Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade e outros.

— E para que servem os Senhores Pronomes Pessoais? — perguntou a menina.

— Nós — respondeu Eu — servimos para substituir os Nomes das pessoas. Quando a Senhorita Narizinho diz Tu, referindo-se aqui a esta senhora boneca, está substituindo o Nome Emília pelo Pronome Tu.

Os meninos notaram um fato muito interessante — a rivalidade entre o Tu e o Você. O Pronome Você havia entrado do quintal e sentara-se à mesa com toda a brutalidade, empurrando o pobre Pronome Tu do lugarzinho onde ele se achava. Via-se que era um Pronome muito mais moço que Tu, e bastante cheio de si. Tinha ares de dono da casa.

— Que há entre aqueles dois? — perguntou Narizinho. — Parece que são inimigos. . .

— Sim — explicou o Pronome Eu. — O meu velho irmão Tu anda muito aborrecido porque o tal Você apareceu e anda a atropelá-lo para lhe tomar o lugar.

— Apareceu como? Onde veio?

— Veio vindo. . . No começo havia o tratamento Vossa Mercê, dado aos reis unicamente. Depois passou a ser dado aos fidalgos e foi mudando de forma. Ficou uns tempos Vossemecê e depois passou a Vosmecê e finalmente como está hoje — Você, entrando a ser aplicado em vez do Tu, no tratamento familiar ou caseiro. No andar em que vai, creio que acabará expulsando o Tu para o bairro das palavras arcaicas, porque já no Brasil muito pouca gente emprega o Tu. Na língua inglesa aconteceu uma coisa assim. O Tu lá se chamava Thou e foi vencido pelo You, que é uma espécie de Você empregada para todo mundo, seja grande ou pequeno, pobre ou rico, rei ou vagabundo.

— Estou vendo — disse a menina, que não tirava os olhos de Você. — Ele é moço e petulante, ao passo que o pobre Tu parece estar sofrendo de reumatismo. Veja que cara triste o coitado tem. . .

— Pois o tal Tu — disse Emília — o que deve fazer é ir arrumando a trouxa e pondo-se ao fresco. Nós lá no sítio conversamos o dia inteiro e nunca temos ocasião de empregar um só Tu, salvo na palavra Tatu. Para nós o Tu já está velho coroca.

E mudando de assunto:

— Diga-me uma coisa, Senhor Eu. Está contente com a sua vidinha?

— Muito — respondeu Eu. — Como os homens são criaturas sumamente egoístas, eu tenho vida regalada, porque represento todos os homens e todas as mulheres que existem, sendo pois tratado dum modo especial. Creio que não há palavra mais usada no mundo inteiro do que Eu. Quando uma criatura humana diz Eu, baba-se de gosto porque está falando de si própria.

— E fora os Pronomes Pessoais não há outros?

— Há sim — disse Eu —, moram aqui na casa ao lado. Uns pobres coitados...

Os meninos despediram-se do Pronome Eu para irem visitar os “coitados” da outra casa, muito admirados da petulância e orgulho daquele pronominho tão curto.

— Parece que tem o presidente da República na barriga — comentou a boneca.

E parecia mesmo. . .

Na outra casa os meninos encontraram os Pronomes POSSESSIVOS — Meu, Teu, Seu, Nosso, Vosso e Seus com as respectivas esposas e com os plurais. Emília, que achava as palavras Meu e Minha as mais gostosas de quantas existem, agarrou o casalzinho e deu um beijo no nariz de cada uma, dizendo:

— Meus amores!

Depois encontraram os Pronomes DEMONSTRATIVOS — Este, Esse, Aquele, Mesmo, Próprio, Tal, etc, com as suas respectivas esposas e parentes. As esposas eram Esta, Essa,

Aquela, Mesma, Própria, etc, e os parentes eram Essoutro, Estoutro, Aqueloutro, etc.

— Muito bem — disse Narizinho. — Vamos adiante. Vejo alguns senhores muito conhecidos.

De fato, mais adiante os meninos encontraram os Pronomes INDEFINIDOS, muito familiares a todos do bandinho. Eram eles: Algum, Nenhum, Outro, Todo, Tanto, Pouco, Muito, Menos, Qualquer, Certo, Vários, etc, com as suas respectivas formas femininas e os competentes plurais.

— São umas palavrinhas muito boas, que a gente emprega a toda a hora — comentou Emília, sem entretanto beijar o nariz de nenhuma.

Havia ainda os Pronomes RELATIVOS, quê servem para indicar uma coisa que está para trás. Eram eles: Que, Quem, O Qual, Cujo, Onde, etc, com as suas respectivas esposas e plurais. Quindim exemplificou:

— O Visconde, cuja cartolinha sumiu, está danado. Nesta frase, o Pronome Cuja refere-se a uma coisa que ficou para trás.

De fato, o Visconde havia perdido a sua cartolinha na aventura com as Palavras Obscenas. Deixara-a para trás.

— Continue, Quindim — pediu Emília, e o rinoceronte continuou.

— Temos, por fim, os Pronomes INTERROGATIVOS, que servem para fazer perguntas. Todos usam um Ponto de Interrogação no fim, para que a gente veja que são perguntativos.

E os meninos viram lá os Interrogativos: Quê? Qual? Quanto? Quem?

Emília gostou de conhecer aqueles Pronomes. Ela era a boneca que mais trabalho dava aos Senhores Pronomes Interrogativos.

LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. SP: Círculo do Livro. Digitalizado por <<http://groups.google.com/group/digitalsource>

